



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE
Memória de pesquisa

UM DIÁRIO DE ARTE PARA ANNE LISTER E ANN WALKER

Maria Christine Souza dos Santos

Orientador Luciano Mendes de Souza

Brasília - DF

2020

UM DIÁRIO DE ARTE PARA ANNE LISTER E ANN WALKER

Maria Christine Souza dos Santos

Projeto final para apresentação do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Professor Luciano Mendes de Souza
Orientador

Prof^ª Suelen Brandes Marques Valente
Examinadora

Prof^ª Selma Regina de Oliveira
Examinadora

Prof^ª Carina Flexor
Suplente

Agradecimentos:

Queria agradecer primeiramente ao meu professor orientador Luciano Mendes que sempre foi e sempre será minha figura paterna da FAC. Um professor que sempre me apoiou, acreditou no meu potencial mesmo quando eu não acreditei, me encorajou e também foi severo quando eu me distraí. Nunca vou esquecer sua generosidade e seu carinho.

Obrigada às minhas professoras Rafiza Varão, Selma Regina, Dione Oliveira e Suelen Brandes Marques que me inspiraram a ser a comunicadora que eu sou atualmente.

Todo o meu amor a equipe do SOS Imprensa que me acolheu com tanto amor por todos esses semestres em que estive lá. Vocês são como uma família pra mim.

Obrigada a minha família que cuidou de mim sempre, mas especialmente no processo desse trabalho. Jamais poderei retribuir o suficiente.

A todo fandom de Gentleman Jack, o meu amor e carinho. Acho que realmente encontrei o meu lugar nesse mundo ao lado de todos vocês.

As minhas melhores amigas Sophie Coston, Clare Chai (蔡颖慧), Marlene Oliveira, Fiona Moorcroft e Steph Gallaway: obrigada infinitamente e imensamente por toda a paciência, o apoio constante e imprescindível de vocês. Sem vocês eu não teria conseguido correr até metade desse caminho.

Luigi Tomiaki, Luis Gabriel, Vinícius Vral, Bruna Montes, Lisandra Reis, Leya Silva, Isabella Vivan e Lucas Guaraldo: obrigada por me abraçarem e por me levantarem em todos os momentos que eu precisei, cada sorriso e abraço que vocês me deram na FAC. Vocês são os melhores FACmigos que eu poderia ter.

Júlia Dias: você é a irmã que a UnB me deu, obrigada por me encorajar sempre. E Serena Santos, sangue do meu sangue, minha irmã mais nova: acho que nascemos na ordem errada, você é a pessoa mais madura que eu já conheci. Obrigada por me apoiar.

Camila Bezerra e Lorena Herrero: minhas professoras de desenho que a vida me presenteou como melhores amigas. Obrigada pela inspiração diária. Vocês moram no meu coração.

A Sally Wainwright e Anne Choma: vocês mudaram a minha vida e de tantas outras mulheres LGBTQ+. Jamais conheceria Anne Lister e Ann Walker se não fossem vocês duas.

A Anne Lister e Ann Walker, espero que vocês me vejam daí de cima, de mãos dadas.

Resumo:

Esse projeto registra o desenvolvimento da produção de um livro de arte intitulado Um diário para Anne Lister e Ann Walker que busca mostrar a história das personagens históricas Anne Lister e Ann Walker, com base na produção televisiva da série Gentleman Jack a partir do conhecimento que foi adquirido nas disciplinas de Comunicação Social no curso de Publicidade e Propaganda. Pela análise visual cenográfica e audiovisual e a complementação vinda de livros e documentos dessas mulheres, o livro foi composto usando as narrativas de diários pensando em traduzir a história de ambas as mulheres em formato de ilustrações.

Palavras-chave: Comunicação; Diários; Ilustração; LGBT; Livro de arte; Século XIX.

Abstract:

This project records the development of the production of an artbook entitled “A diary for Anne Lister and Ann Walker” that looks forward to show the history of the historical characters Anne Lister and Ann Walker, based on the television production of Gentleman Jack series with the knowledge that was acquired in the subjects of Social Communication in the course of Publicity and Advertising. Through the scenographic and audiovisual analysis and the complementation coming from books and documents of these women, the book was composed using the narratives of diaries to translate the story of both women to the format of illustrations.

Keywords: Communication; Diaries; Illustration; LGBT; Artbook; 19th century.

Sumário:

- 6. INTRODUÇÃO
- 8. PERGUNTA DE PESQUISA
- 8. ESTADO DA QUESTÃO
- 9. JUSTIFICATIVA
- 10. OBJETIVOS
 - 1) Gerais
 - 2) Específicos
- 11. QUADRO REFERENCIAL TEÓRICO
- 15. METODOLOGIA
- 19. DESENVOLVIMENTO
 - 23. 1.) Lista prévia de artes
 - 24. 2.) O imagético de West Yorkshire e Inglaterra no séc. XIX
 - 26. 3.) As cores e os trajes
 - 40. 4.) As cores e os cenários
 - 52. 5.) As cores e os diários
 - 55. 6.) Paleta de cores
 - 56. 7.) A tipografia para o produto
 - 64. 8.) A narrativa do *artbook* e as artes
 - 99. 9.) A montagem gráfica do *artbook*
- 106. CONSIDERAÇÕES FINAIS
- 111. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
- 113. ANEXOS
- 115. APÊNDICES

Introdução:

Na Inglaterra do século XIX, o casal Anne Lister e Ann Walker resolveu dar um passo ousado na história: elas se casaram secretamente em uma igreja de Yorkshire. A união certamente não foi reconhecida ou mesmo vista pelo clero, mas nas preces e nos corações destas mulheres a promessa de comprometimento de um casamento havia se constituído até que a morte as separasse.

Toda essa história está escrita em diários que Anne Lister produziu e eles foram encontrados, viraram livros, filme e até uma série. Porém, ainda assim essa história pouco difundida no Brasil ainda não é tão conhecida, apesar de ser um grande marco para a história lésbica. Ao tomar conhecimento da série *Gentleman Jack*, fui completamente tomada pela vontade de contar esse marco. Comecei com os desenhos e pequenas fanarts, até que isso se tornasse uma grande bagagem que precisava tomar forma para que isso pudesse se tornar uma maneira de levar a história de Anne Lister e Ann Walker para a sociedade.

Na busca de um formato que atendesse a vontade de registrar a história de Anne Lister e Ann Walker em uma produção gráfica e que pudesse refletir esses aspectos do meu traço com o do estilo da época em que as mulheres viveram, a série televisiva **Gentleman Jack** (2019)¹ melhor se enquadra na expressão do casal no formato audiovisual e dá vida e rosto a elas.

A série retrata o período de 1832 na Inglaterra em que Anne Lister dá o seu salto mais alto a frente de seus passos, quando aos quarenta anos de idade ela se encontra no fim de um ciclo de planos através da Europa e relacionamentos frustrados e decide voltar para casa em Shibden Hall (West Yorkshire) para repensar como retomar sua história, que é sempre documentada por ela mesma em diários desde a adolescência. “Estou velha demais para isso.” diz a personagem ao receber o convite de casamento da mulher que havia se apaixonado na alta sociedade, a Srta. Vere Hobart, prestes a se tornar Sra. Cameron. E em poucos dias, ela descobre que um amor pode surgir entre ela e sua vizinha rica, Ann Walker.

O jeito intenso, complexo, confiante e inspirador de Anne Lister e a coragem, braveza e paixão de Ann Walker é o que move pesquisadoras inglesas a se dedicarem a essas histórias, assim como eu me senti inspirada a reproduzi-las através deste produto que é um *artbook*² e do processo que me levou até o fim dessa saga.

Apesar do imenso material que existe (e que ainda está em processo de descoberta), ainda não há um livro ou pesquisa em português que conte essa história, o que me moveu mais para

¹ *Gentleman Jack* (BBC One /HBO Go) <<https://www.bbc.co.uk/programmes/m00059m9>>, <<https://www.hbo.com/gentleman-jack>>

² *Artbook*: livro de arte em inglês. Traduzido pela própria autora.

trazer essa história nesse projeto, além do fato que a vida destas mulheres pode inspirar e instigar ainda mais outras mulheres lésbicas assim como eu a se engajarem nesse processo de pesquisa e documentação e a produção de mais conteúdo voltado para esse público.

Na minha experiência como mulher lésbica, ouvi muito a frase “Isso de gay não existia no meu tempo” em referência a falsa ideia de que não existia a prática homossexual pré-anos noventa, apesar de que as pessoas públicas já estavam começando a se assumir como LGBTQs a partir da Rebelião de Stonewall³ no fim dos anos 60, mas apenas nos Estados Unidos. Segundo Regina Facchini (2010, apud DUQUE, 2011) “estudos sobre sexualidade começaram a se constituir no país como campo de investigação, em 1980, eles estavam fortemente ligados com o movimento feminista e com o movimento homossexual”, momento em que os homossexuais se sentiam mais abertos para expressar-se, apesar de que é recente o tema ser tratado com mais frequência. A criminalização da homofobia foi aprovada há pouco mais de um ano atrás.⁴ E por isso, a necessidade de representatividade trazida pelas histórias de pessoas reais é extremamente importante e comprovam que esses ditos homofóbicos e populares são falsos.

A visibilidade que Gentleman Jack, os livros e os documentos em si sobre Anne Lister e Ann Walker trazem para a comunidade lésbica é de uma grandiosidade e necessidade latente. Anne e Ann estiveram sempre a questionar os padrões de gênero e sofrer cobranças da sociedade em relação a esses aspectos sobre o relacionamento em meio ao conservadorismo da época. Ter esses fatos retratados é um grande abraço em pessoas que podem estar em busca de sua própria identidade, da descoberta de sua sexualidade e até mesmo da própria aceitação.

Por isso, ao escolher o artbook como produto de trabalho, é meu jeito de transmitir e reforçar o quão importante é ter esses relatos entre as páginas, com ilustrações que mostram o quão fortes e inspiradoras essas mulheres foram e também para inspirar outras pessoas LGBTQ+ a buscarem mais sobre elas e se identificarem com elas e com isso, expandir as noções de como trazer a narrativa da série para as artes gráficas, desenvolvendo uma pesquisa que insira os elementos primordiais no livro. E através dele, complementar mais e mais a produção de conteúdos LGBTQ+ no nosso país.

³ “A Rebelião de Stonewall foi uma série de manifestações violentas e espontâneas de membros da comunidade LGBT contra uma invasão da polícia de Nova York que aconteceu nas primeiras horas da manhã de 28 de junho de 1969, no bar Stonewall Inn, localizado no bairro de Greenwich Village, em Manhattan, em Nova York, nos Estados Unidos.” Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Rebeli%C3%A3o_de_Stonewall#:~:text=A%20Rebeli%C3%A3o%20de%20Stonewall%20foi,Manhattan%2C%20em%20Nova%20York%2C%20nos>

⁴ “STF aprova a criminalização da homofobia” - BBC News Brasil <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>>

E assim como eu fui abraçada por essa série, os fãs e as produtoras dela, eu quero trazer isso através da arte que é minha maneira de comungar com as pessoas e com a vida.

Pergunta de pesquisa:

Tomando como referência a análise visual da série Gentleman Jack, como construir uma narrativa gráfica em que as personagens históricas lésbicas Anne Lister e Ann Walker possam ter sua trajetória traduzida para o formato de livro artístico?

Estado da questão:

Quando eu abro o Twitter sou bombardeada com transcrições de entradas dos diários de Anne Lister das mais diversas décadas em que ela viveu. Atualmente, o acervo do site Packed With Potential reúne projetos e arquivos de transcrições dos diários de Anne Lister de pesquisadoras de todo o mundo têm um número grande de contribuições no ano de 2020. Pesquisadores trazem conteúdos não só dos diários de Anne Lister, mas como de outros documentos que encontram ao através de West Yorkshire na Inglaterra, local onde Anne Lister nasceu.

A gama de conteúdos que surgiram online vem de um movimento chamado pela comunidade de fãs de Anne Lister de: Listermania. A Listermania é a consequência que surge a partir do momento em que uma pessoa acaba por conhecer a história de Anne Lister e não para de querer obter informações sobre ela nunca mais. (CHOMA, 2020)

À medida que nos aproximamos das filmagens da segunda temporada de Gentleman Jack, meus pensamentos voltam mais uma vez para a nova geração de mulheres cujas vidas de alguma forma foram afetadas pela história de Lister. Agora elas estão contando suas próprias histórias, escrevendo blogs, transcrevendo os diários de Anne, produzindo arte e animação. Mulheres de 20 a 70 anos têm algo a dizer sobre Gentleman Jack, sobre Anne e sobre elas mesmas. Conexões com as pessoas foram importantes para Anne Lister, e quando penso na base de fãs crescente hoje, creio que também se trata de pessoas que querem fazer conexões umas com as outras.

Refleti essas palavras da historiadora Anne Choma e senti que como uma mulher LGBTQ+ e que já faz parte desse movimento e têm lido e consumido todas essas informações

sobre Anne Lister e Ann Walker de forma orgânica, tinha a obrigação de reproduzir esse conhecimento para que outras mulheres que se identifiquem com essa narrativa possam obter informações e para que eu pudesse contribuir com um documento artístico de mulheres lésbicas que marcaram a história LGBTQ+.

Minha própria história de progressão com a arte veio das fanarts de Gentleman Jack que estive fazendo desde outubro de 2019. O desejo de criar uma produção muito mais completa se fez presente ao longo do período em que continuei buscando informações sobre Anne Lister e principalmente sobre Ann Walker, da qual pouco se sabia (além dos diários de Anne Lister) até as pesquisas mais recentes de projetos como *In Search of Ann Walker*, que buscam a história dela em cima de arquivos das propriedades do clã Walker e de famílias relacionadas a ela.

O desafio de criar um *artbook* que seja em linguagem de diário é o mote que me norteia, pois fazer um livro de arte ainda é uma proposta que eu não havia trabalhado antes. Como traduzir a linguagem diarista para narrar a história de Anne Lister e Ann Walker? Como traduzir a linguagem audiovisual da série para um *artbook*? Como as mulheres LGBTQ+ vão se conectar com a história dessas personagens através deste produto? Esses são os obstáculos que esse projeto enfrentou.

Justificativa:

Pela carência de produções traduzidas relacionadas a história e os diários de Anne Lister, principalmente feita por uma mulher que se identifica com a vivência dessa mulher e pela representatividade e recordação desses personagens históricos LGBTQ+⁵, essa pesquisa e produtos são de um grande diferencial e contribuem para que outros autores e artistas possam ter um material para poder pesquisar e criar a partir deles.

Com o lançamento da série *Gentleman Jack*, a história de Anne Lister e os diários dela ficaram tão populares que o número de pessoas interessadas a pesquisar sobre quem ela foi aumentou massivamente não só pela Inglaterra, mas ao redor do mundo. Entusiasmadas pela pesquisa, não só historiadores, mas pessoas que simplesmente gostaram da série e se interessaram pelos diários começaram a pesquisar, ler e transcrever os escritos de Anne Lister.⁶ Descobrir que Anne era uma mulher a frente de seu tempo, que viajava pela Europa por conta

⁵ Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Transgêneros, Queers e mais diversas possibilidades de orientação sexual e identidades de gênero.

⁶ “Conheça o exército de decodificadoras ao redor do mundo que transcrevem os diários de Anne Lister” (título traduzido pela autora dessa memória) Disponível em: <<https://www.yorkshirepost.co.uk/news/meet-army-code-breakers-around-world-working-transcribe-anne-listers-diaries-1745675>>

própria, escalava montanhas, era apaixonada por anatomia, geologia, artes, literatura, economia, botânica e tantos outros assuntos somados a inegável autoconfiança e facilidade que ela tinha de se comunicar com homens, mulheres de todas as classes sem se sentir inferior é como ter uma fonte infinita de inspiração. As mulheres LGBTQ+ se sentem representadas por uma figura tão inteligente, moderna e complexa.

Ao mesmo tempo, pessoas ficaram interessadas em saber mais sobre quem era a figura misteriosa e tão corajosa que acabou se casando com Anne Lister, a tímida vizinha Ann Walker, também dona de terras. Ann Walker tem pouco de história contada por fora dos diários de Anne Lister e isso levou não só *codebreakers* (transcritoras), mas pesquisadores a irem visitar as bibliotecas de West Yorkshire e as propriedades relacionadas a Walker para descobrir mais do paradeiro dela. Existem cartas, documentos e jornais que contam um pouco sobre sua existência. Em 1834, Ann Walker começou a escrever um diário de viagens, ele só foi encontrado no tempo em que este produto estava sendo feito, por isso é uma descoberta muito recente. O projeto In Search of Ann Walker o encontrou em arquivos do clã Rawson, que eram parentes de Ann.

Todo esse material ainda não é acessível por não ter traduções. Apenas a série apresentou o que foi o Universo dessas duas personagens. Cheguei a procurar livros ou portais que contassem a história dessas duas grandes mulheres e não encontrei um material em Português que contasse o que aconteceu com elas. Portanto, por via da arte que faz parte do meu processo criativo junto com a escrita, a ideia que tive foi de trazer a história delas em um formato de *artbook* para que as pessoas possam conferir uma narrativa tanto artística quanto da história desse Anne Lister e Ann Walker por via dos passos que Sally Wainwright nos apresentou através da produção de Gentleman Jack.

Objetivos:

1) Objetivo geral:

O objetivo da pesquisa é produzir um *artbook* que traga uma narrativa gráfica da vida de Anne Lister e Ann Walker a partir da pesquisa visual e análise narrativa da série televisiva britânica Gentleman Jack (2019) de Sally Wainwright.

2) Objetivos específicos:

- Pesquisar os elementos visuais da série Gentleman Jack desde o figurino, cenário até os aspectos físicos dos atores e analisar a narrativa e os temas utilizados pela produção da série para reproduzir a história de Anne Lister e Ann Walker no formato audiovisual para transcrevê-los para o formato de *artbook*.

- Pesquisar visualmente dentro das referências de livros de arte inglesa do século XIX os elementos que compunham o cotidiano, paisagens, lugares, costumes, vestuário para que possa ter uma ambientação mais fiel nas artes.
- Pesquisar e analisar os diários de Anne Lister, diários atuais, bullet journals e outros livros que trouxeram referências de montagem de um diário mais visual. As análises foram visuais e gráficas.
- Produzir as artes que comportaram o *artbook* com ferramentas de desenho digital.
- Construir o texto junto as imagens de maneira em que elas expliquem o processo criativo e ao mesmo tempo a linha do tempo e a história das personagens e da série.
- Montar o *artbook* em formato livro digital com todo o conteúdo que foi pensado para ele.

Quadro referencial teórico:

A roteirista e diretora Sally Wainwright viveu em Halifax em sua infância começou a pensar em produzir uma série sobre Shibden Hall e Anne Lister assim que se apaixonou pelo livro **Female Fortune** (1998) da escritora e pesquisadora Jill Liddington na década de noventa. (WAINWRIGHT, 2019) Apesar de ter tentado um *pitch* (apresentação) em meados dos anos 2000, ela só conseguiu uma oportunidade praticamente dezoito anos depois pela BBC One e a HBO após ter se consagrado com os prêmios BAFTAs⁷ por duas de suas séries Happy Valley e Last Tango in Halifax. Enquanto o pitch não era aprovado, Sally trabalhou arduamente nos diários de Anne Lister junto a sua amiga, a historiadora e escritora Anne Choma. (WAINWRIGHT, 2019)

Após dois de seus trabalhos que foram em Halifax serem reconhecidos e premiados com o BAFTA, Sally recebeu uma proposta da BBC One de fazer uma nova série e foi questionada para dizer qual sua a nova produção e assim ela conseguiu a oportunidade de fazer Gentleman Jack, que na verdade não teria esse título e sim Shibden Hall. Mas o protagonismo de Anne Lister dentro de sua própria casa a fez mudar de ideia sobre a centralidade da produção e assim, os diários receberam o apelido pejorativo que ela veio a receber por sua aparência masculina e costumes considerados estranhos para a época. (WAINWRIGHT, 2019)

A história de Anne Lister e Ann Walker começa por volta de 1820 quando elas se encontram para rápidas visitas e chá da tarde. Ann Walker ainda era muito jovem e não chamava muito a atenção de Anne Lister, apesar de ser claro o interesse de Ann. Seus laços só se

⁷ Sigla da Academia Britânica de Artes de Cinema e Televisão, também conhecido como “Oscar Britânico”.

estreitaram por volta de 1832, quando Anne Lister voltou de Hastings para Shibden Hall, a eterna casa dela, após longas viagens. Anne Lister e Ann Walker tiveram a oportunidade de se encontrarem novamente e construírem um relacionamento que perdurou pelo resto da vida de Anne. (CHOMA, 2019)

O diário de Lister é o documento principal em que esta série se baseou e com esta pesquisa não foi tão diferente assim. Não houve como desvincular e focar apenas e inteiramente na série, pois o material gráfico, tipográfico, de imagem e a experiência que ele traz é o que dá voz a Anne Lister no mundo e dentro da série. Uma das características mais interessantes do programa é que a atriz Suranne Jones vira para a câmera, num movimento em que o audiovisual nomeia de quebra da quarta parede⁸ e transmite alguns dos escritos do diário em forma de fala. Esse é um dos contatos mais íntimos que o leitor dos diários de Anne Lister pode ter, e a forma de falar com a câmera foi o artifício que Sally encontrou para transmitir a mesma sensação para o telespectador. (WAINWRIGHT, 2019)

Pelo fato de Anne Lister registrar sua vida em forma de diários, foi importante para este projeto entender o que é um diário na verdade, como ele é classificado. Um diário é um documento ou gênero? A pessoa que escreve um diário pode ser considerada uma escritora? Foram questões que aparecerem durante o brainstorming que surgiu junto a análise de cenas que vieram a partir do ato de assistir o filme e ler sobre quem é pessoa Anne Lister. Alguns livros, como o de Anne Choma (2019, pág 7) dizem que ela era uma *diarist*, que em português é uma palavra formada pelos termos diário mais o sufixo -ista. Diarista tem dois significados que são completamente relacionados a documentação:

di·a·ris·ta 1

(diário + -ista)

substantivo de dois gêneros

1. Redator de um jornal diário. = jornalista, periodista

2. Pessoa que escreve um diário íntimo.⁹

Os diários de Anne Lister são considerados um documento tão importante para a história de Calderdale, município onde se encontra Halifax, em West Yorkshire, que eles foram

⁸ Recurso em que o personagem está se comunicando diretamente com o espectador através do olhar e/ou falas para a câmera ou plateia. - A quarta parede. Disponível em: <<https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/ponto-a-quarta-parede/>>

⁹ "diarista", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/diarista> [consultado em 17-10-2020].

tombados como patrimônio pela UNESCO na categoria de registro Memory of the World.¹⁰ Para traduzir essa posição de diarista como um termo em que seja mais palpável no português, já que a palavra diarista não é comumente usada para a pessoa que escreve diários aqui no Brasil, foi interessante entender a profundidade desses documentos tão pessoais e que podem se tornar uma contribuição para a história local, mundial.

O diário é uma narrativa da vida, é um relato constante do cotidiano e por ser tão pessoal, pode ter interpretações das mais diversas quando é lido por outrem, porque aquelas palavras são cruas situações crônicas e que variam de acordo com a escrita do diarista. Diários podem ser objetivos, podem ser desabafos, podem ser uma organização, por não ter uma regra própria, é complexo reduzir a narrativa a um só padrão.

Basicamente, os diários convertem-se em instrumentos de autorreflexão motivados pelos estudos de Freud sobre o consciente e o inconsciente, quando também se tornam instrumentos de reflexão sobre si mesmo. É nessa época que adquirem uma conotação mais feminina, por serem, em sua maioria, produzidos por mulheres motivadas pelo surgimento do romantismo como movimento cultural. – (PEREIRA, SILVA, 2015)

A pesquisa de Freud sobre o consciente e inconsciente explica três estados que o ser humano conduz suas experiências a partir do que se recorda ou que está disponível na memória (consciente) ou apenas pode ser acessado parcialmente (inconsciente). (VIEIRA, 2016)

Anne Lister costumava usar o seu diário como um refúgio, um amigo pessoal de confiança que pudesse guardar seus pensamentos. Ela acreditava que no momento em que suas ideias e relatos eram passados para o papel, os problemas pareciam ser menores e isso trazia certo conforto a sua mente. “Escrever meu diário sempre me faz bem, agora que eu já escrevi, eu tirei isso da minha mente - meus problemas parecem ter ido embora - foram enterrados no papel.” (LISTER, 1824)

No momento em que Anne Lister passou a escrever sua vida em diários, ela deixou de ser apenas uma mulher misteriosa que viveu em Shibden Hall e tinha um comportamento suspeito para a sociedade da época, se vestindo de maneira andrógina e trazendo uma mulher jovem para morar com ela. Ela se tornou uma das entidades históricas mais importantes de Halifax e também da história LGBTQ+. Pelos diários de Anne Lister, foi possível saber que Anne e Ann Walker se comprometeram de verdade a viverem como um casal com laços matrimoniais, no

¹⁰ Anne Lister's diaries win United Nations recognition. <https://www.bbc.com/news/uk-england-leeds-13616303>

privado. Mesmo que não contassem a ninguém sobre o casamento, as pessoas sabiam que as duas mulheres viviam juntas e andavam e viajavam sempre juntas. (CHOMA, 2019)

O reconhecimento de uma união entre um casal homossexual no século XIX é uma validação muito importante para a comunidade LGBTQ+ que ainda luta pelos seus direitos de terem uniões entre pessoas do mesmo sexo ao redor do mundo. Transmitir o conhecimento de que esse fato aconteceu em um passado distante explica que mesmo sob o conservadorismo presente através dos séculos, os homossexuais serem existiram e viveram seus relacionamentos escondidos dos julgamentos e das penas que lhe eram impostas.

É necessário resgatar e investir no caráter transformador da educação, tal como defendido por Paulo Freire, essencial para conquistar a dignidade, a igualdade e a liberdade da população LGBT. Para tanto, é preciso um conjunto de posturas, ações e políticas educacionais que garantam uma educação de boa qualidade. Desse modo, a educação é compreendida como um direito em si mesmo e um meio indispensável para o acesso a outros direitos. (Caderno de propostas da 3ª conferência nacional LGBT)

O livro é um dos primeiros contatos humanos com a educação ao ler histórias quando crianças. A arte é um processo que utilizamos para contarmos histórias ao longo dos tempos, desde os desenhos nas paredes das cavernas. Portanto, o formato *artbook* traz duas ferramentas poderosas de conhecimento: a leitura e a imagem. A produção de um livro tem um trabalho especial, mesmo que sendo um trabalho completamente independente e pessoal, existem padrões a se seguir para que a produção seja compreendida. (LUPTON, 2008) E pelo livro em uma narrativa de diário é possível transmitir essa história.

A construção de um livro é um processo artístico, principalmente ao se tratar do design do livro, pois isso envolve uma série de tradições que vão desde o momento em que o texto é escrito, as artes ou fotos são selecionadas e elas serão pensadas e distribuídas nas páginas até o momento em que elas de fato se tornam o produto final, com capa, folha de rosto e contra-capas. (GALBREATH, Joseph) Este é o processo da diagramação.

A diagramação é o cerne da produção do livro, sem ela não há como transmitir as ideias de forma que elas sejam compreendidas completamente. Os textos organizados nas páginas em colunas com os tamanhos adequados juntamente com o estabelecimento de entrelinhas, pontos de leitura e de visão para leitura são essenciais para que o livro fique agradável de se ler.

O livro de arte é um produto muito precioso para artistas que querem deixar um trabalho registrado e mantê-lo disponível para o público, com ele é possível que possa ser usado tanto como entretenimento quanto para contar uma narrativa e ser uma ferramenta de inspiração para outros artistas ou mesmo servir para fins de pesquisa para pessoas com os objetivos mais diversos, desde colecionadores, pesquisadores até os fãs daquele conteúdo em si. (CORRIGAN, John, pág. 98)

Por isso, o planejamento é tão imprescindível na hora de pensar o livro. Qual será o tamanho, o formato, se é físico e digital, ou apenas físico, se será horizontal ou vertical, que materiais usar, o calendário da publicação, a tiragem e a distribuição desse produto porque isso poupa o autor imensamente de futuras confusões no momento da elaboração e mesmo na finalização. (GALBREATH, Joseph, pág. 115.)

Os desafios de diagramar e ao mesmo tempo montar o conteúdo artístico e virtual em um mesmo exercício são de uma grande responsabilidade. Entender que é um processo de se deve fazer com paciência, na busca de passar uma enredo que foi baseado em fatos têm seus pesos e funções históricas, então estimular o interesse do leitor e trazê-lo para dentro de um passado distante com uma sintonia tão forte possível para que toque o coração e o faça refletir e sentir das mais diversas maneiras. E o mais importante: que a história seja compreendida.

Metodologia:

A partir do objeto essencial para que esse *artbook* fosse produzido, que é a série Gentleman Jack, a primeira etapa da pesquisa se deu por: assistir os episódios da série com um olhar mais observador em relação aos aspectos artísticos (Figura 1). Depois, com um olhar sobre a narrativa da história que é apresentada, focando principalmente nas personagens principais.



Figura 1: Imagem promocional da série Gentleman Jack (2019). HBO/BBC One/Lookout Point.

As características que guiam o fio dessa história foram registradas num brainstorming (Figura 2) para que o título e tema do projeto fosse encontrado. Depois de algumas associações e ligações feitas dentro dele, as opções apareceram e foi decidido quais deles eram os mais indicados e apropriados para encabeçar tanto o livro quanto a memória.

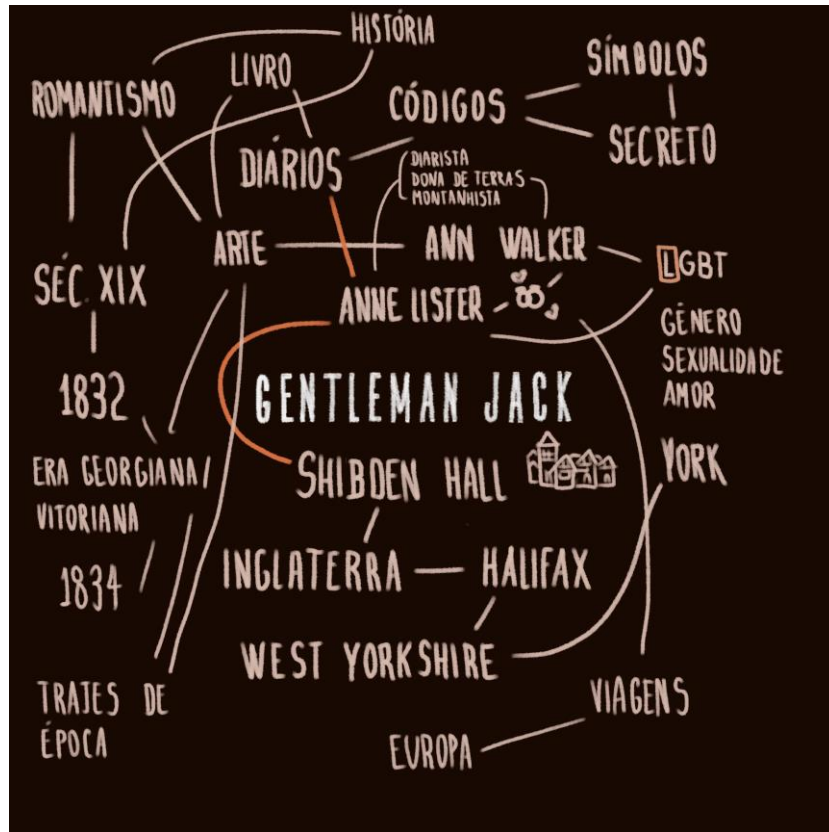


Figura 2: Brainstorming para o título do artbook e o tema.

Foi realizada também uma leitura do livro que acompanha a história da série, *Gentleman Jack: The Real Anne Lister* (2019) de Anne Choma. Este livro conta a história real por detrás das cenas através da decodificação dos diários de Anne Lister, feita pela mesma autora e historiadora. Choma traz as passagens dos diários que guiam a série, desmistificando quais foram os fatos e suas reais datas descritas nas páginas dos documentos reais da Senhorita Lister.

Pesquisas visuais sobre estéticas inglesas dos anos 1830 trouxeram o material que compôs o livro tanto tipograficamente quanto na retratação dos cenários, na dinâmica de expressão e composição das locações e os detalhes das roupas, cabelo, acessórios até em como os relacionamentos eram mostrados através de pinturas e gravuras da época.

A análise narrativa de cenas foi feita para identificar quais arcos dentro da série são necessários para compor o *artbook* de modo que o leitor consiga compreender a storyline e obter informações necessárias sobre as personagens e qual o contexto em que elas estão inseridas.

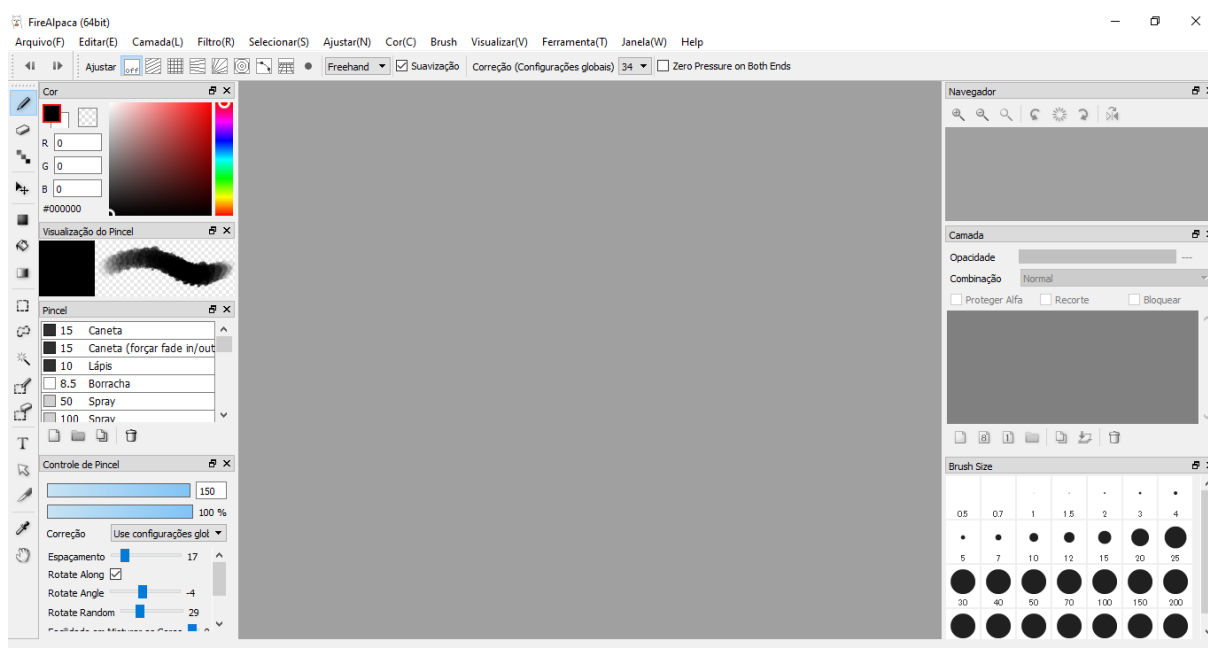
As imagens começaram a ser produzidas a partir dessa análise e aos poucos foram sendo organizadas em uma lista para que cada imagem fosse fixada no momento correto da linha do

tempo da narrativa que percorre em toda a série, desde cenas que foram citadas na série e que estão nos diários de Anne Lister até o fim do último episódio da temporada dela.

Com o decorrer da composição do livro digital no Adobe InDesign, a ideia de pensar a estética num caderno foi a alternativa usada para que as páginas fossem rascunhadas e pensadas de uma maneira que fosse menos complicada. Depois dos rascunhos no caderno, a diagramação das páginas digitalmente ficou mais fluida e mais simples.

Os textos foram escritos ao mesmo tempo em que as artes eram finalizadas, um processo de ter ambos paralelos para que conversassem bem dentro do livro. A produção de arte se deu pelo programa FireAlpaca, desde os rascunhos até a pintura (Figura 3). O FireAlpaca é um software japonês gratuito de pintura digital simples da PGN Inc. com ferramentas comuns de desenho, é possível produzir artes com a ajuda de uma mesa digital. (FireAlpaca). Com a ferramenta de adição de *brush*¹¹ foi possível usar um estilo que fosse mais parecido com giz, que é o que eu prefiro usar tanto para os rascunhos quanto para pintura.

O brush escolhido veio do conjunto “Not the brightest crayon in the Box Brushes” de harmonia, disponível no site de artes Deviantart (Figura 4). A adição do brush foi feita no próprio FireAlpaca e moldada no estilo que eu achei mais adequado para pintura, assim as artes puderam ser produzidas com o uso apenas desse brush e as ferramentas básicas disponíveis (Figura 5).



¹¹ Brush significa pincel. Alguns programas de edição já vem com brushes simples para utilização, eles podem ser criados e disponibilizados ou comprados de outros artistas. Os brushes servem tanto para pintura e edição para trazer diferentes estilos e texturas de acordo com a utilização.

Figura 3: Interface do programa FireAlpaca, software de pintura digital simples.



Figura 4: Brush do conjunto "Not the brightest crayon in the Box Brushes" de harmonia (artista).

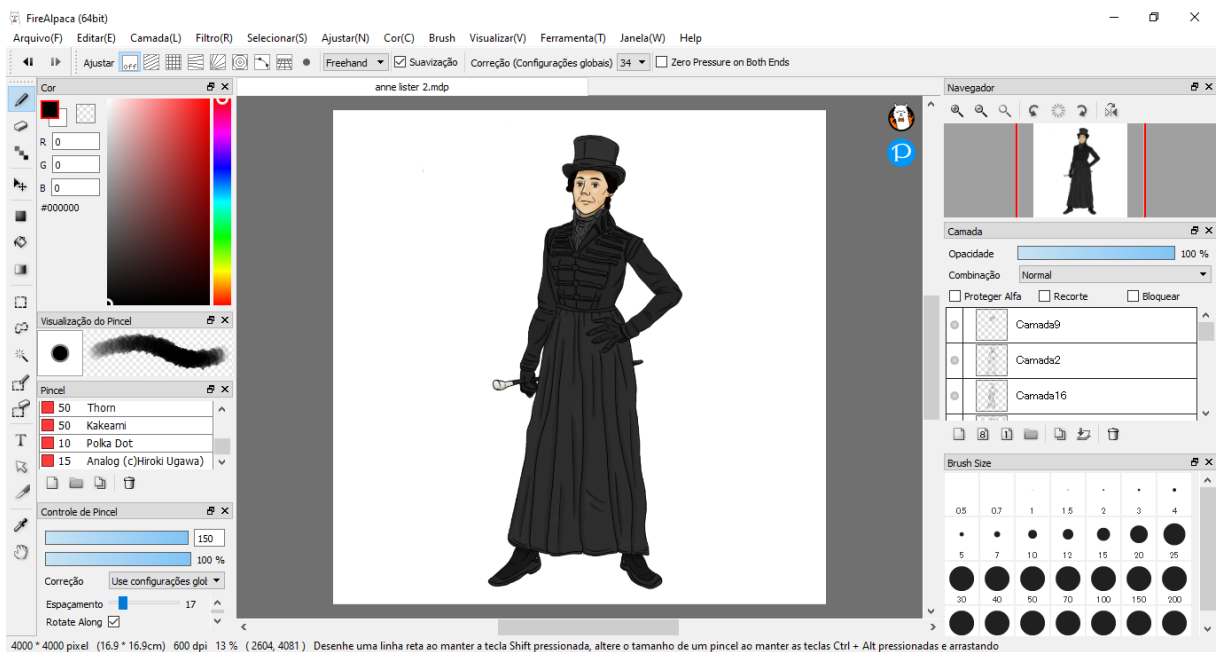


Figura 5: Arte produzida no FireAlpaca com a utilização do brush do conjunto "Not the brightest crayon in the Box Brushes" de harmonia.

Desenvolvimento:

O início do processo se deu através de uma breve análise visuais da série e da própria narrativa em si. Gentleman Jack é uma obra tão completa que junto ao conteúdo televisivo, o livro que acompanha a história da série com o adendo que mostra o que aconteceu na vida real

através da transcrição dos diários codificados foi lançado no mesmo ano. *Gentleman Jack - The Real Anne Lister* (2019) de Anne Choma¹² conta o período retratado nos diários de Anne desde o ano de 1832 até o começo do ano de 1834.

Anne Lister foi dona de terras, montanhista, empreendedora e escritora de diários que nasceu em 1791 em Halifax, West Yorkshire na Inglaterra. Ela é considerada a primeira lésbica moderna do ocidente. Aos quinze anos, ela começou a escrever seus diários e com a ajuda de sua primeira namorada, Eliza Raine, ela conseguiu criar um código secreto da qual ela chamava *crypthand* que trazia símbolos diversos de álgebra e até letras do alfabeto grego para escrever sobre relatos mais pessoais e seus relacionamentos românticos e sexuais com mulheres, já que o ato sexual homossexual na época era considerado crime se fosse entre homens, então temia-se que fosse um perigo a se correr. Herdou Shibden Hall em Halifax pelas mãos de seu tio James Lister, que a confiou manter seus inquilinos, empregados e terrenos. Passou a viver lá com sua irmã mais nova Marian Lister, seu pai Capitão Jeremy Lister e a tia Anne Lister. (WHITBREAD, 1988) Ela chegou a escrever diários até o dia de sua morte que aconteceu em 22 de setembro de 1840 enquanto viajava para a Geórgia com a esposa, Ann Walker.

Ann Walker nasceu no dia 20 de 1803 em Lightcliffe, West Riding de Yorkshire na Inglaterra. Sua família era rica e ela viveu com seus pais e três irmãos, duas mulheres e um homem. Perdeu seus pais, a irmã e o irmão em ainda em sua juventude e por isso acabou herdando boa parte da propriedade dos Walkers pouco antes dos trinta anos de idade. (LIDDINGTON, 1998) Ela conheceu Anne Lister desde cedo por serem vizinhas, mas um dos seus grandes encontros foi aos seus dezoito anos onde tiveram a oportunidade de caminhar por quase duas horas e tomar um chá. Na época, Anne não estava tão interessada pois já estava envolvida com uma amante de longa data, Mariana Lawton de Lawton Hall a qual se refere por M- ou Pi (π) nos diários. (WHITBREAD, 1988)

Anne Lister e Ann Walker só foram se encontrar novamente em uma visita a Shibden em 1832, após Anne voltar de uma grande viagem pela Europa e ter passado um tempo vivendo em Hastings com uma mulher da alta sociedade que a rejeitou. Naquele ano, Anne estava atingindo a meia idade e Ann Walker tinha cerca de 29 anos de idade. Anne passou a visitar Ann em sua casa em Lightcliffe (Crow Nest na série) sempre que podia após esse dia e pouco tempo depois engataram um relacionamento romântico. (CHOMA, 2019)

A medida em que os meses se passavam, o romance passou a ser um relacionamento sério e logo Anne Lister começou a pensar em propor Ann Walker em uma espécie de casamento,

¹² Anne Choma <<https://www.penguin.co.uk/authors/1083876/anne-choma.html>>

uma união que as marcasse em compartilhar alianças e se mudarem para Shibden Hall. Por mais que Ann Walker amasse sua namorada, ela sofria muito de uma homofobia interna e medo de que fossem incriminadas pela união das duas além de outros problemas não diagnosticados pois a psicologia do momento histórico ainda não explicava. Isso fez com que sua saúde mental percesse a ponto de que teve que ser mandada a Escócia para viver com a irmã mais velha para ser cuidada por alguém de confiança pela sua tribo familiar que já desconfiava do namoro. As duas mulheres só chegaram a realizar a reunião um ano depois, após a volta de ambas para Halifax. (CHOMA, 2019)

Enquanto Ann Walker voltava da Escócia, Anne Lister voltava de Copenhague, pois havia decidido que viajaria até a Rússia, mas fora impedida por receber notícias de que sua tia estava em condições ruins de saúde. Anne e Ann trocaram votos secretos na Holy Trinity Church em Goodramgate em York, na Páscoa de 1834. Elas trocaram alianças e tomaram a comunhão juntas e fizeram disso o seu juramento de união como esposa e esposa. Após a sua união, ambas decidiram viver juntas na propriedade Shibden junto aos empregados e família Lister: a tia de Anne, chamada Anne Lister do mesmo modo, a irmã mais nova, Marian Lister e o pai, Jeremy Lister. (CHOMA, 2019)

Pensando que aproveitar esse documento como uma das principais inspirações e referências, o artbook produto desse projeto é pensado em um formato em que as suas imagens sejam como um diário do que aconteceu na série em seus oito episódios, mas que transitaram em um tempo de dois anos praticamente (a série passa-se entre meados de agosto e setembro de 1832 até o começo do ano de 1834).

O conteúdo gráfico dos diários é extremamente rico, além da escrita cursiva, os códigos são um grande material tipográfico que caracterizam a escrita de Lister, não só protegendo a privacidade da vida pessoal dela, mas trazendo um simbolismo imenso que pode gerar interesse para os estudos tipográficos do mesmo modo. Outro elemento que conseguimos encontrar nesses diários são pequenos rascunhos de lugares que Anne visitou, coisas que ela viu, objetos ou estruturas (Figuras 6 e 7).

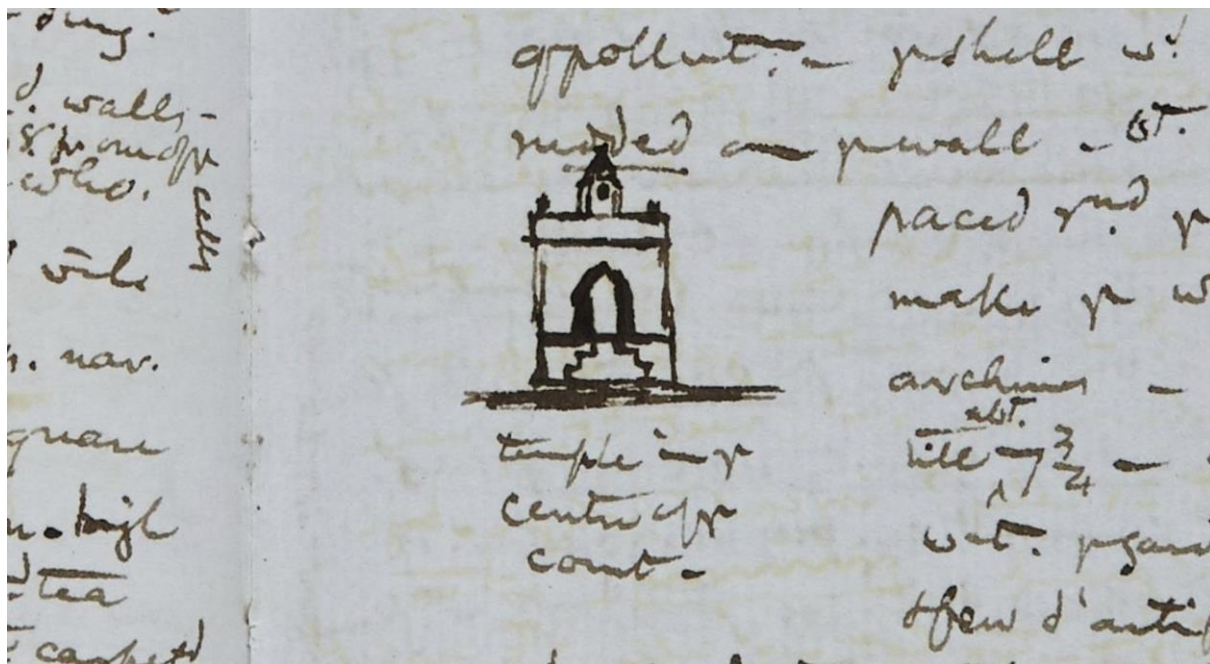


Figura 6: Templo Central, Templo do Fogo de Baku. Rússia. Diário de Anne Lister. 23 de maio de 1840. West Yorkshire Archives. SH:7/ML/E/24/0112.

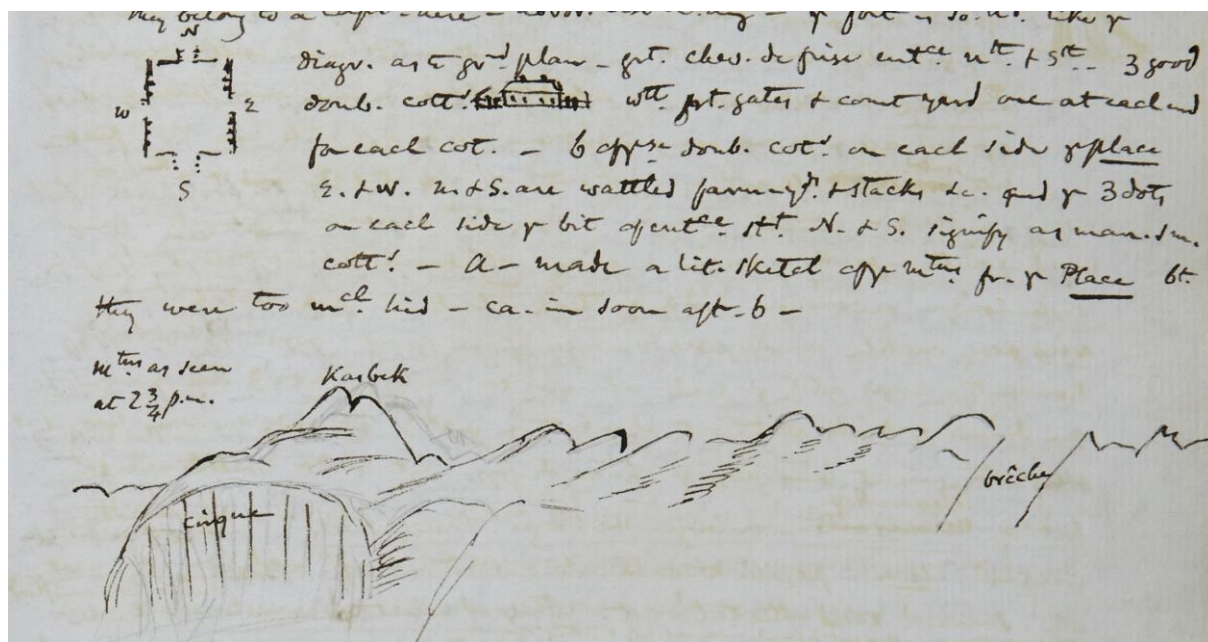


Figura 7: Planta do forte em Alexandrov, Rússia. Diário de Anne Lister. 4 de abril de 1840. SH:7/ML/E/24/0070

Com o design desses cadernos em mente, as ideias de projeto do *artbook* surgiram junto com o desejo de continuar o trabalho que eu já havia começado há meses atrás com o formato digital. Por isso, a decisão de que o livro seria digital e foi diagramado para um produto que

possa ser visualizado nos aparelhos digitais, mas que ao mesmo tempo possa ter a propriedade de ser impresso um dia e ter um formato de livro físico.

1. Lista prévia de artes.

Através da linha do tempo e da história da série Gentleman Jack, os principais acontecimentos que marcaram a vida de Anne Lister e Ann Walker foram listados para que não só as artes já possam estar pré-definidas, mas para que elas fossem organizadas de acordo com o momento em que cada uma aconteceu e como elas contribuíram para a narrativa e o desenvolvimento da história e das personagens.

1. Arte da capa	2. Arte da primeira página
3. Anne Lister apresentação	4. Ann Walker apresentação
5. Shibden Hall apresentação	6. Ann Walker e Anne Lister tomando chá em Crow Nest
7. Anne Lister em Royal Palace em Amsterdã	8. Ann Walker em Lidgate
9. Anne Lister e Ann Walker em Shibden Hall	10. Empregados de Anne Lister
11. Empregados de Ann Walker	12. Família de Anne Lister
13. Família de Ann Walker	14. Anne Lister e Ann Walker no chaumiere
15. Anne Lister e Ann Walker ‘Fique a noite toda’	16. Anne Lister e Ann Walker carruagem
17. Anne Lister e Ann Walker ‘Anne, eu adoro você’	18. Anne Lister e Ann Walker ‘O que aconteceu com você?’
19. Ann Walker desenhando Anne Lister na casa de Elizabeth Sutherland	20. Anne Lister volta de embarcação para a Inglaterra

21. Ann Walker volta a Shibden	22. Anne Lister e Ann Walker no topo da montanha
23. Anne Lister e Ann Walker na Holy Trinity Church	24. Anne Lister escrevendo no diário

2. O imagético de West Yorkshire e Inglaterra no séc. XIX.

O momento em que Gentleman Jack se passa na Inglaterra de 1832 é pouco antes do começo da era vitoriana. A era georgiana era dominante na época e trouxe grandes movimentos artísticos e literários como o romantismo, o neoclassicismo, a arquitetura georgiana (MAYOS, 2011). As casas, igrejas, construções, sistemas, cômodos, roupas, acessórios, decorações, pinturas, artefatos, objetos cenográficos, costumes e modos eram completamente característicos da época, então, a necessidade de ter um grande material tanto imagético quanto teórico dos diários, mas como alguns costumes e moda da época eram construídos para que as imagens produzidas fossem fiéis aquele momento histórico.

Halifax é uma cidade pequena e rural de West Yorkshire que fica no norte da Inglaterra. Comparada a Londres, ela era pouco moderna em sua construção e até hoje ainda se mantém tradicional em sua arquitetura e as terras que são em grande parte, propriedades como fazendas ou casas com grandes quintais. A cidade era extremamente pacata em 1800 e isso era uma das causas que deixava Anne Lister entediada, pois ela queria viver o mundo.

Para que o cenário da época refletisse mais apropriadamente o momento histórico, o livro *Women's Worlds: The Art and Life of Mary Ellen Best, 1809-1891* (1985) foi essencial para que o referencial imagético daqueles anos me levassem as ideias que eu queria retratar. Mary Ellen Best era uma pintora e foi a sobrinha de Isabella (Tib) Norcliffe, uma das melhores amigas de Anne Lister na década de 1810 e por isso, há várias pinturas que a artista fez em Langton Hall (casa de Tib) em suas visitas a família (Figura 8). Esta casa fica na cidade de Iorque, em North Yorkshire. Pela proximidade e também pela época, as pinturas de Best são muito semelhantes aos cenários da série, inclusive o mesmo livro foi usado pela designer de produção de Gentleman Jack, Anna Pritchard. (PRITCHARD, 2020)



(Figura 8) Col. Norcliffe's study at Langton Hall. Women's Worlds: The Art and Life of Mary Ellen Best, 1809-1891 (1985)

As pinturas trazem muitas estampas, cores e trazem um conteúdo rico do design interior georgiano. Como as pinturas são em grande parte, em seu ateliê e em salas de casa ou retratos, a retratação da mobília, das pessoas e das decorações serviram de muita inspiração para que os desenhos começassem a tomar forma, baseados nas fotografias da série Gentleman Jack que mostram casas bem semelhantes (Figuras 9,10 e 11). As cores que mais aparecem são o marrom, amarelo, branco, bege, rosa e verde.



Figura 9: Dining room at Langton Hall, family at breakfast, c.1832-3. Women's Worlds: The Art and Life of Mary Ellen Best, 1809-1891



Figura 10: Sophie Rundle nas gravações de Gentleman Jack. Farfarawaysite / BBC One / HBO



Figura 11: Mary Ellen Best em sua sala de pintura em Clifton. Women's Worlds: The Art and Life of Mary Ellen Best, 1809-1891 (1985)

3. As cores e os trajés:

A paleta de cores começou a ser construída a partir da análise dessas cenas e fotografias da série junto com as pinturas de Mary Ellen Best. Como Shibden Hall é uma casa mais escura e com tons mais sombrios, os marrons, pretos e vermelhos são as cores mais predominantes. Isso também reflete nas roupas de Anne Lister, que além de vestir essa estética que compartilha

das cores da sua propriedade e representa essa “estranheza” como ela se referia a si mesma nos diários.

O preto é uma cor que representa muitas coisas em relação a Anne Lister. Quando Mariana Lawton se casou, ela passou a usar preto sempre para demonstrar o luto por perder o laço matrimonial da qual pretendiam ter. (WAINWRIGHT, 2018, pág. 21)

“Passei a manhã inteira remexendo em um par de sapatos velhos de camurça preta e preparando minhas coisas para ir tomar chá em Cliff-hill. Foi em uma seda preta, a primeira vez em uma visita à noite. Eu iniciei meu plano de sempre usar preto.” (LISTER, 1817, SH:7/ML/E/1)

A partir da análise dos quadros e retratos das mulheres do século XVIII e XIX preto não era uma cor que as mulheres costumavam usar naquele momento histórico. Os vestidos tinham cores mais infantis nas adolescentes e cores vivas para as mulheres adultas, mas raramente eram pretos. Quando escuros, eram tons de verde ou marrom que poderiam se assemelhar com o cinza. Anne Lister gostava de ter uma aparência mais masculina. Preto era uma das cores mais predominantes nas vestimentas dos homens tanto na série quanto nos quadros (Figuras 12, 13 e 14).



Figura 12: Fotografia da cena em que Christopher Rawson e Anne Lister se encontram no banco de Halifax em Gentleman Jack. Farfarawaysite / BBC One / HBO.



Malcolm Bull's Calderdale Companion

Figura 13: Retrato de Christopher Rawson. Malcolm Bull's Calderdale Companion.



Figura 14: Por trás das cenas de Gentleman Jack em Huddersfield. GotCeleb.

Não só o preto trazia esse destaque entre Anne Lister em relação às outras mulheres, tanto na série quanto na vida real. As roupas tem detalhes que fazem toda a diferença, assim como os homens usavam casacos e sobretudo, Anne também usa essas peças em Gentleman Jack. Elas foram tanto inspiradas em seu retrato quanto nas vestimentas masculinas do século XIX. (Figura 15) A cartola, as botas e o cano (bengala curta) eram outros acessórios masculinos utilizados. Para mesclar com o estilo feminino, as saias, ainda sendo escuras. Os cachos (feitos com

rolinhos de cabelo) são um penteado feminino, mas foram adaptados também para que parecessem mais andrógina. (DAVIE, JONES e PYE, 2019)



Figura 15: Retrato de Anne Lister. Joshua Horner, 1840. Museu de Calderdale.

Ann Walker se vestia muito diferentemente de Anne Lister, suas roupas se assemelham completamente aos trajes femininos mais comuns do século XIX. Os vestidos dela tem uma característica própria de acabamentos mais caros e as cores acompanham o percurso da narrativa, começando pelo rosa que representava o estado tímido e apaixonado nos primeiros episódios (Figura 16) e tornando-se vinho no ápice do relacionamento (Figura 17), então voltando para o rosa claro quando os períodos de enfermidade e drama acontecem (Figura 18), para que no fim o azul representa a mudança e a coragem (Figura 19).



Figura 16: Ann Walker reflete na janela sobre a visita de Anne Lister após Lister revelar a ela que tinha interesse em beijá-la e ela não precisava ter medo. Farfaraway / BBC One / HBO.



Figura 17: Anne Lister e Ann Walker sentam para tomar chá na casa da tia de Ann Walker após uma breve viagem para York. Farfaraway site / BBC One/ HBO.



Figura 18: Ann Walker recebe a carta de sua irmã Elizabeth Walker enquanto Anne Lister lhe dá a notícia de que irá viajar sozinha para Copenhague. Farfaraway site / BBC One/ HBO.



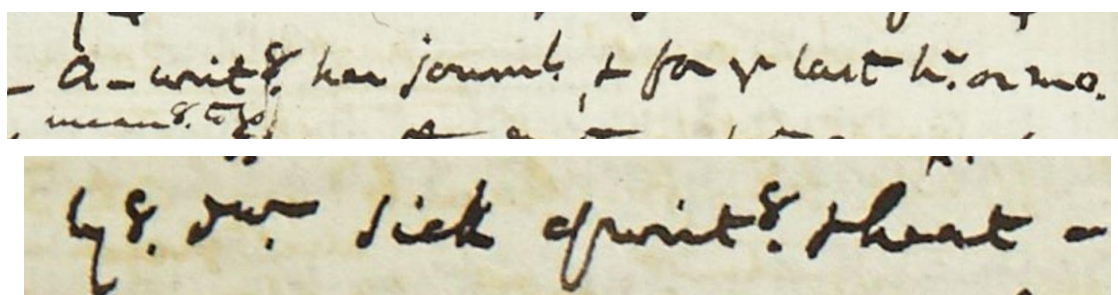
Figura 19: Ann Walker volta a Shibden Valley para encontrar Anne Lister após um ano da viagem para a Escócia. Farfaraway site / BBC One / HBO.

Os design dos vestidos e das camisolas que Ann Walker usou tem essa característica da moda georgiana que traz babados e estampas com flores e padrões delicados. Os vestidos especialmente são marcados pelas mangas bufantes que tiveram seu ápice no século XIX. Como não foram encontrados vestígios de retratos ou qualquer imagem de Ann Walker, o retrato da irmã mais velha dela foi uma das principais referências para construir o desenho dela (Figura 20).

No meio dessa pesquisa, uma descoberta mudou o conteúdo de uma das páginas do livro, pois até o dia 19 de outubro de 2020 não havia vestígios de qualquer diário de Ann. Nos diários de Anne Lister, ela citava que Ann Walker tinha começado um diário de bordo, mas os pesquisadores acreditavam até então que a família Walker destruiu esse documento, porém, o projeto de pesquisa *In Search of Ann Walker* achou um diário de Ann Walker quando estavam a procura de outro diário de Anne Lister.¹³ “Ann escreveu em seu diário e pelas últimas horas, deitou-se, cansada de escrever e do calor.” (LISTER, 1834) (Figuras 21 e 22).



Figura 20: Retrato de Elizabeth (Walker) Sutherland. Artista desconhecido. The Peerage.



Figuras 21 e 22: Passagem do diário de Anne Lister em 1834 que descreve o momento em que ela viu Ann Walker escrevendo no diário dela: “A-(nn) writing her journal, and for the last hour or more lying down sick of writing and heat -”

¹³ *In Search of Ann Walker* encontra diário de Ann Walker nos arquivos da família Rawson. <<https://insearchofannwalker.com/we-found-it/>>

Além do retrato de Elizabeth Sutherland, o conteúdo do livro de Mary Ellen Best trouxe grandes referências da estética das mulheres tradicionais da época. Ao contrário de Anne Lister, Ann Walker se caracterizava mais com o estilo feminino e de alta classe daquele momento histórico. A família de Mary Ellen Best fazia parte da alta sociedade, por isso a retratação que mais se encaixou para a escolha das roupas que Ann Walker usa.

As pinturas serviram como um norte, juntamente com os vestidos da série. As estampas tem um xadrez com traçados mais complexos, as cores em tons de terra ou rosa e os chapéus adornados com penas, pequenas coroas de flores ou até mesmo os próprios penteados são finalizados com flores ao redor do coque por detrás da cabeça. Os cachos são uma característica muito forte no século XIX. As mechas de cabelo após a linha da testa são transformadas em cachos que descem para as laterais do rosto até a altura das orelhas (Figura 23).



Figura 23: La Belle Assemblée'. 1832. Gravura colorida à mão e pontilhado. The British Museum.

Ann Walker tinha uma personalidade marcada pela complexidade de sua imensa gentileza, empatia, paixão que conflitava com a falta de confiança que tinha em si mesma, a ansiedade latente frente a crença e sexualidade. A confiança de Ann, em grande parte, era alimentada pelo desejo de estar perto de Anne Lister. As palavras delas acendiam uma chama de esperança que estimulava-a para que ela pudesse se aventurar mais e tentar coisas novas ou até mesmo tomar grandes decisões. Por isso, as cores de seus vestidos são uma combinação

doce e apaixonada em momentos mais íntimos entre as personagens e mais sóbrias e neutras em momentos de angústia (Figura 24).



Figura 24: Ann Walker lê a carta do convite dos Sutherlands para que ela vá morar com eles para cuidar da saúde mental. Farfaraway site /BBC One /HBO.

As roupas brancas de Ann Walker eram em maior parte as que ela usava para dormir, os muitos espartilhos têm uma cor bege ou branca que compuseram as peças debaixo. Empregados mais vistos com tecidos simplórios e brancos, a composição tem novamente o marrom até o verde. As mulheres que serviam na casa sempre usavam uma espécie de touca para cobrir os cabelos. (Figura 25, 26, 27 e 28)



Figura 25: Ann Walker tem um ataque de pânico por conta da culpa que sente por estar pecando contra a igreja em relação a sua relação homossexual com Anne Lister. Farfaraway site / BBC One / HBO.



Figura 26: Elizabeth Cordingley, empregada de Anne Lister e Anne Lister. Episódio 6.
Farfaraway site / BBC One / HBO.



Figura 27: Elizabeth Cordingley e Rachel Hemingway, empregadas de Anne Lister. Episódio 7.
Farfaraway site / BBC One / HBO.



Figura 28: Cozinha em Langton. Mary Ellen Best. 1830. *Women's Worlds: The Art and Life of Mary Ellen Best, 1809-1891* (1985)

As mulheres mais velhas de ambas as famílias Lister e Walker usavam vestidos com linhas mais complexas, atados da parte do peito geralmente e uma espécie de tiara da época, de tecido, poderia ser acompanhada com uma semi coroa de flores ou não. Mulheres mais idosas tinham elas cada vez maiores e enfeitadas e com fitas, o que fazia o cabelo parecer ainda maior com os penteados (Figura 29, 30 e 31).



Figura 29: Tia Ann Walker usa adorno de cabeça no episódio 4. Farfaraway site / BBC One / HBO.



Figura 30: Tia Anne Lister em Shibden Hall. Farfaraway site / BBC One / HBO.



Figura 31: Retrato da Tia Anne Lister. Thomas Binns. Calderdale Metropolitan Borough Council

Para os homens, as cores escuras, do preto até o vinho, passando pelo azul e tons de terra. Tanto os empregados quanto os homens da família alternavam essas cores e pelo que se observa na série e no livro, as cores também dependiam do clã da família. Os empregados de Anne Lister usavam um uniforme azul escuro e dourado em formalidades, os empregados de Ann

Walker usavam um tom entre o azul e o lilás, principalmente em viagens de carruagem. As gravatas, como eram chamadas, eram basicamente lenços de tecido enrolados no pescoço e amarrados na altura da clavícula. O conjunto consistia comumente em camisa de botões, colete, jaqueta ou sobretudo, calças com braguilha e gancho frontal mais fundos e botas. Para sair a cidade, as cartolas eram um acessório famoso entre os homens, apenas eles usavam-nas (Figura 32, 33, 34 e 35).



Figura 32: Thomas Beech, empregado de Anne Lister. Farfarway site / HBO / BBC One.



Figura 33: Cocheiro de Ann Walker. Episódio 4 de Gentleman Jack. 07min. HBO/BBC One.



Figura 34: Retrato de James Lister (irmão de Jeremy Lister e tio de Anne Lister). Joshua Horner. Calderdale Metropolitan Borough Council.



Figura 35: Timothy West como Jeremy Lister em Gentleman Jack. Farfarway site / HBO / BBC One.

4. As cores e os cenários:

Shibden Hall é uma casa centenária. Localizada em Shibden Valley, em Halifax (West Yorkshire, Inglaterra), a propriedade é do século XV, exatamente em 1420, de William Otes, um vendedor de tecidos. Com o passar dos anos, a propriedade foi tomando mais forma com os novos proprietários. O celeiro por exemplo, é do século XVII e atualmente expõe uma coleção de carruagens de diferentes épocas e que trazem a essência e estilo típico inglês. Os Listers foram os que mais bem reformaram a casa, especialmente quando Anne Lister recebeu Shibden do tio James Lister em 1826 (Calderdale Council, 2016).

A propriedade é memorável pelo estilo Tudor¹⁴, as linhas de madeira escura que desenham e dividem as paredes da frente, as chaminés, uma grande torre e uma divisão de três partes. (Figura 36) Anne Lister fez questão de reformar o local como um parque, com a ajuda de Ann Walker, ela conseguiu concluir o seu plano e montou uma biblioteca na torre, construiu mais quartos e acrescentou jardins, estátuas, uma casa de verão. (Calderdale Council, 2016)



Figura 36: Shibden Hall em Halifax. Calderdale Museum.

Além da composição das paredes velhas de pedra com os telhados escuros, os padrões das placas de madeira quase pretas fazem o estilo da casa ser especial, com o verde dos jardins contrastando na frente. As cores sóbrias tem seu papel aqui, o que podemos ver com ainda mais

¹⁴ O estilo arquitetônico Tudor é marcado pelas casas históricas inglesas feitas com paredes de pedra, madeira, grandes varandas, várias chaminés e janelas altas com painéis de formas geométricas. Disponível em: <https://www.english-heritage.org.uk/learn/story-of-england/tudors/architecture/>

clareza dentro da casa. Shibden é uma casa grande casa, mas muito escura por dentro. A madeira marrom cobre as paredes do interior de Shibden em quase todos os cômodos. O vermelho aparece em móveis, diversas mobílias trazem desde tons escuros de vermelho até o vinho (Figura 37). Outra boa referência usada para explorar os ambientes da casa além das fotos, a de Shibden Hall - Virtual Tour disponibilizada pelo mesmo Calderdale Museum, traz uma imersão em 3D tanto de fora de Shibden Hall quanto por dentro, o que ajuda ainda mais a visualizar os ambientes da casa.¹⁵ (Figura 38 e 39)

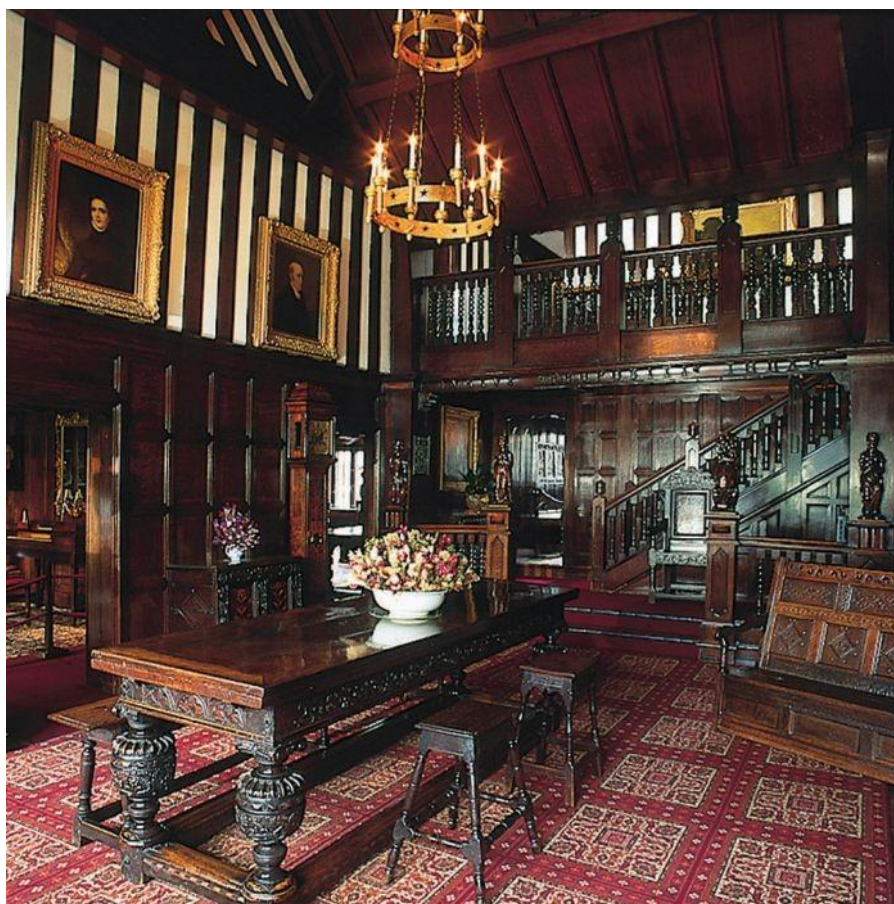


Figura 37: Shibden Hall - Grand Room. Calderdale Museum.

¹⁵ Shibden Hall - Virtual Tour em 3D. Disponível em: <<https://museums.calderdale.gov.uk/visit/shibden-hall/virtual-tour>>



Figura 38: Shibden Hall - 3D - Virtual Tour, Grand Room. Calderdale Museum.

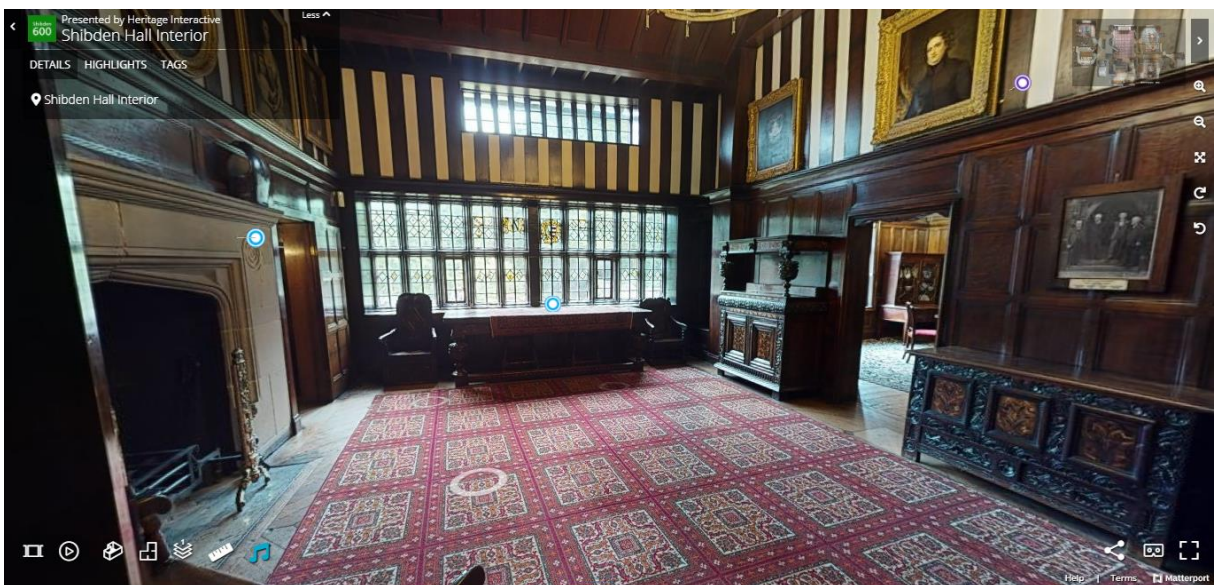


Figura 39: Shibden Hall - 3D - Virtual Tour, Grand Room. Calderdale Museum.

Anne Lister era simplesmente a alma de Shibden Hall. A estética das roupas, a complexidade da personalidade que era tão rica em conhecimento, auto-estima, tradição e inovação (afinal, mesmo com sua transgressão em relação às normas de sexualidade e gênero da época, ela era uma pessoa religiosa, tradicional, que se preocupava em manter a dignidade da história dos ancestrais dela) e sua frieza para lidar com a sociedade machista do momento histórico se refletem na aparência da casa.

Dentro de Shibden Valley, Anne Lister foi além e resolveu construir um chaumiere, como uma cabana (uma pequena casa de apenas um cômodo com uma lareira, chaminé, sofá e outras

mobílias como mesas e armários) para que ela pudesse ter privacidade. Essa casinha não têm registros de fotos, mas ela foi construída para a série Gentleman Jack e baseada no estilo de Shibden Hall também. (CHOMA, 2019) Ela possui os mesmos espaçamentos escuros com placas escuras e paredes mais claras e por ser no meio das árvores traz esse aspecto quase de país das fadas, muito aconchegante e romântico (Figura 40).



Figura 40: Chaumière / Moss House. Gentleman Jack - Episódio 3. 06min23sec. HBO / BBC One.

Ann Walker praticamente inaugurou a casinha com a primeira visita e se acabou se tornando um importante ponto de encontro íntimo entre Anne Lister e Ann. O interior bastante aconchegante e bonito trazia conforto e uma aura fantasiosa ao redor, não era coincidência afinal, Anne sonhava desde jovem em ter um lugar privado para cortejar mulheres. (CHOMA, 2019) A lareira e o sofá com algumas almofadas de cor amarela compõem o interior. Os móveis são escuros do mesmo modo e de madeira. Uma cabeça de alce empalhada na parede próxima a porta e um destaque para as janelas com persianas que se fecham e transmitem feixes de luz do Sol. As paredes com um tom de marrom claro ou mesmo bege, dependendo da luz incidida na cena (Figura 41).



Figura 41: Anne Lister e Ann Walker no chaumière. Farfaraway site / HBO / BBC One.

A casa de Ann Walker era uma propriedade gigantesca na série. Apesar de Ann Walker possuir a propriedade Crow Nest e ser rica, sua casa na verdade não era tão grande. Crow Nest ficava em Lightcliffe, uma vila que fica a cinco quilômetros de Halifax e foi demolida e substituída por um campo de golfe que funciona atualmente no local.¹⁶ A fachada tinha uma estrada e várias janelas em ambos os andares da casa. (Figura 42)



Figura 42: Crow Nest em Lightcliffe. BBC.

¹⁶ Crow Nest Golf Park Club: Our History. Disponível em: <<https://www.crownestgolf.co.uk/welcome/our-history/>>

A casa usada para representar Crow Nest em Gentleman Jack é uma propriedade chamada Sutton Park que fica em West Yorkshire também. (Screen Yorkshire, 2019) A semelhança com Crow Nest por fora é muito adequada para a representação, com a diferença que é uma casa muito maior e mais rica. Seus jardins são surpreendentemente grandes e o interior é muito parecido com o que podemos notar nas pinturas de Mary Ellen Best. Por ser uma propriedade de Yorkshire do século XVIII, a precisão é tamanha no interior.

Comparando com as pinturas de Best, as paredes e mobílias tem detalhes interessantes com cores mais vivas como verdes, dourados e amarelos, contando com fato de que é uma casa mais iluminada do que Shibden Hall com suas paredes sombrias (Figura 43).

As paredes têm padrões de papel de parede verde com desenhos de plantas e folhagens em seus cômodos como escritório e quartos (Figura 44). A entrada consiste de um amarelo vivo e quadros. (Figura 45) A casa dos Sutherlands compõem das mesmas cores, adornadas com tecidos vermelhos e vinho, uma conexão que se estende e compartilha da mesma estética por Ann Walker e Elizabeth Sutherland serem irmãs (Figura 46).

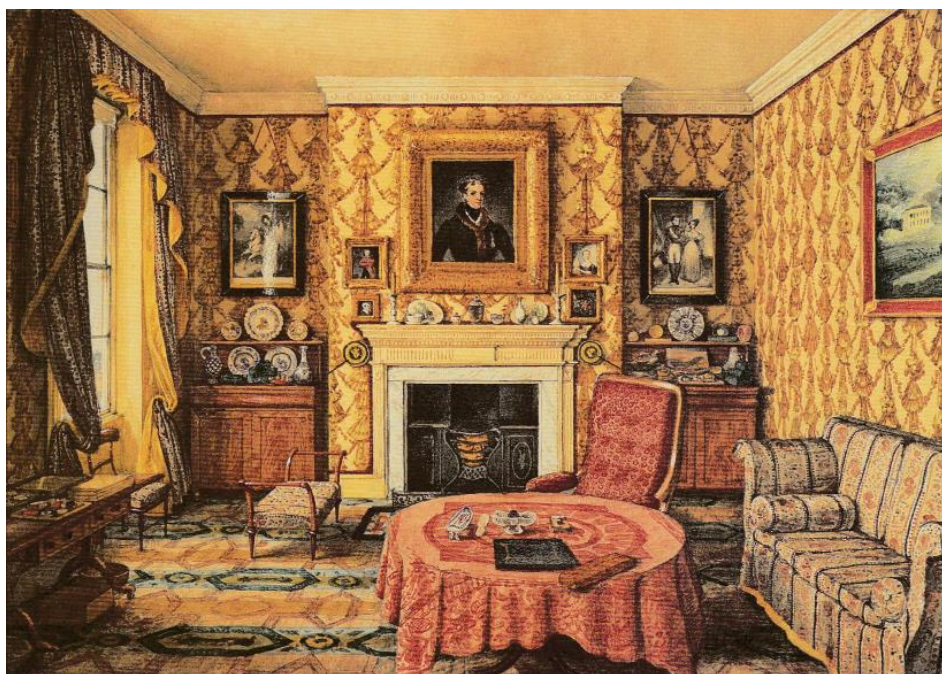


Figura 43: Nossa sala de desenho em York. Mary Ellen Best. 1838-1840. Women's Worlds: The Art and Life of Mary Ellen Best, 1809-1891 (1985)



Figura 44: Quarto da Ann Walker em Crow Nest de Gentleman Jack. Farfaraway site.
HBO/BBC One.



Figura 45: Entrada de Crow Nest em Gentleman Jack. Episódio 3, 10min30sec. HBO / BBC
One / Lookout Point.



Figura 46: Elizabeth (Walker) Sutherland e Ann Walker na propriedade dos Sutherlands na Escócia. Gentleman Jack, episódio 7. 43min38sec.

Por fim, em relação aos cenários de internos de casas e outras construções, a referência de um dos grandes momentos da vida de Anne Lister e Ann Walker e também da série Gentleman Jack, que marca a união matrimonial entre Anne Lister e Ann Walker. A igreja Holy Trinity Church de York foi o local em que elas se reuniram para fazer seus secretos votos e preces para que seu casamento fosse próspero e duradouro (Figura 47). A igreja traz um cenário tão Tudor quanto Shibden, as paredes de pedra e as janelas com padrões geométricos, bancos estilo caixa de madeira escura castiçais de bronze. O marrom, cinza e dourado têm seu destaque aqui (Figura 48).



Figura 47: Foto do interior da Holy Trinity Church, Goodramgate em York anexada no site TripAdvisor.



Figura 48: Anne Lister e Ann Walker na Holy Trinity Church em York. Gentleman Jack, episódio 8. 57min23sec. HBO / BBC One / Lookout Point.

Atualmente, a Holy Trinity Church reconhece a importância do ato histórico que Anne Lister e Ann Walker selaram ali no ano de 1834 e uma placa da York Civic Trust em arco-íris foi fixada lá para lembrar aos visitantes que Anne Lister e Ann Walker tomaram a eucaristia nesta igreja em sinal de união. (Figura 49)

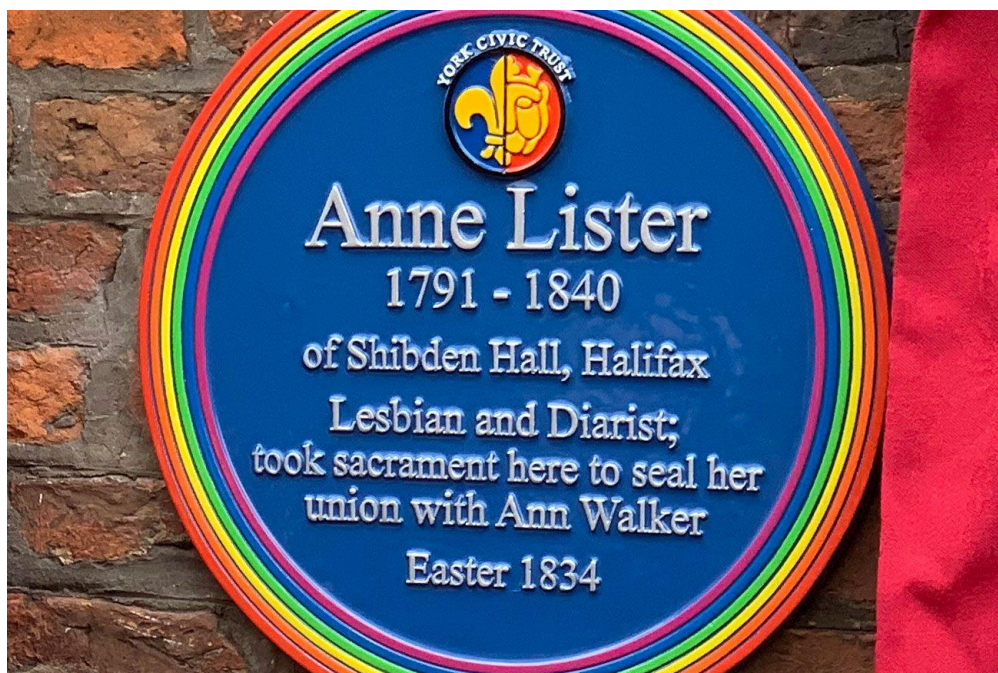


Figura 49: Placa de arco-íris na Holy Trinity Church em York, Inglaterra. Foto de YorkMix.

Outros tons de verde e azuis mais escuros aparecem também por conta da paisagem de Yorkshire que tem um aspecto mais rural, não se vê prédios altos, mas muitos vales com

terrenos e casas de vilarejos. Acrescento que esses tons de verde variam com o clima, pois a Inglaterra é muito fria e chuvosa no inverno, as colinas são cobertas pela neblina e escurecem mais a paisagem. Duas das referências mais úteis foram a visão de Yorkshire Dales (Figura 50) e de Shibden Valley (Figura 51 e 52).



Figura 50: Yorkshire Dales, Yorkshire, Inglaterra. Sights of England.



Figura 51: Shibden Valley, Yorkshire, Inglaterra. Gentleman Jack, episódio 8. 51min51sec.
HBO / BBC One / Lookout Point.



Figura 52: Shibden Valley, Yorkshire, Inglaterra. Gentleman Jack, episódio 8. 51min45sec.

HBO / BBC One / Lookout Point.

Para os azuis, a presença mais forte na pintura do céu e tem um papel importante na imagem da viagem de barco de Anne Lister, voltando da Dinamarca para a Inglaterra. A água do mar varia com a luz e as espumas do mar, sendo assim uma variedade de tons para trabalhar. (Figura 53) As referências dos veleiros ingleses vieram de uma breve pesquisa através dos barcos do momento histórico, onde existia uma gama de viagens importantes que eles faziam, tanto para transporte quanto para viagens e explorações. (Figura 54).



Figura 53: Porto em Copenhague, Dinamarca. Gentleman Jack, episódio 8. 05min31sec.

HBO/BBC One/Lookout Point.



Figura 54: The Bridgewater em Madras Roads em 10 de abril de 1830 por William John Hughes.

5. As cores e os diários:

Os diários de Anne Lister compõem de uma estética fascinante de cores vermelhas e as vezes até tons de verde nas capas. Em maioria, são vermelhos até um tom de marrom. Geralmente as capas de livros daquele momento histórico variam por essas cores ou mesmo preto e verdes. (Figura 55) As folhas brancas eram sujas de tinta e impressões também. Outro ponto que foi interessante ressaltar eram alguns aspectos de marcas que revelavam os momentos que Anne vivia como borrões de lágrimas e o desgaste das capas (Figuras 55 e 56).

Como os diários são antigos, as folhas não são completamente brancas e a estética das folhas envelhecidas com um tom de café é uma das características que podemos notar até nos diários (bullet journals) e agendas que são montados no momento em que vivemos atualmente (Figuras 57, 58 e 59).

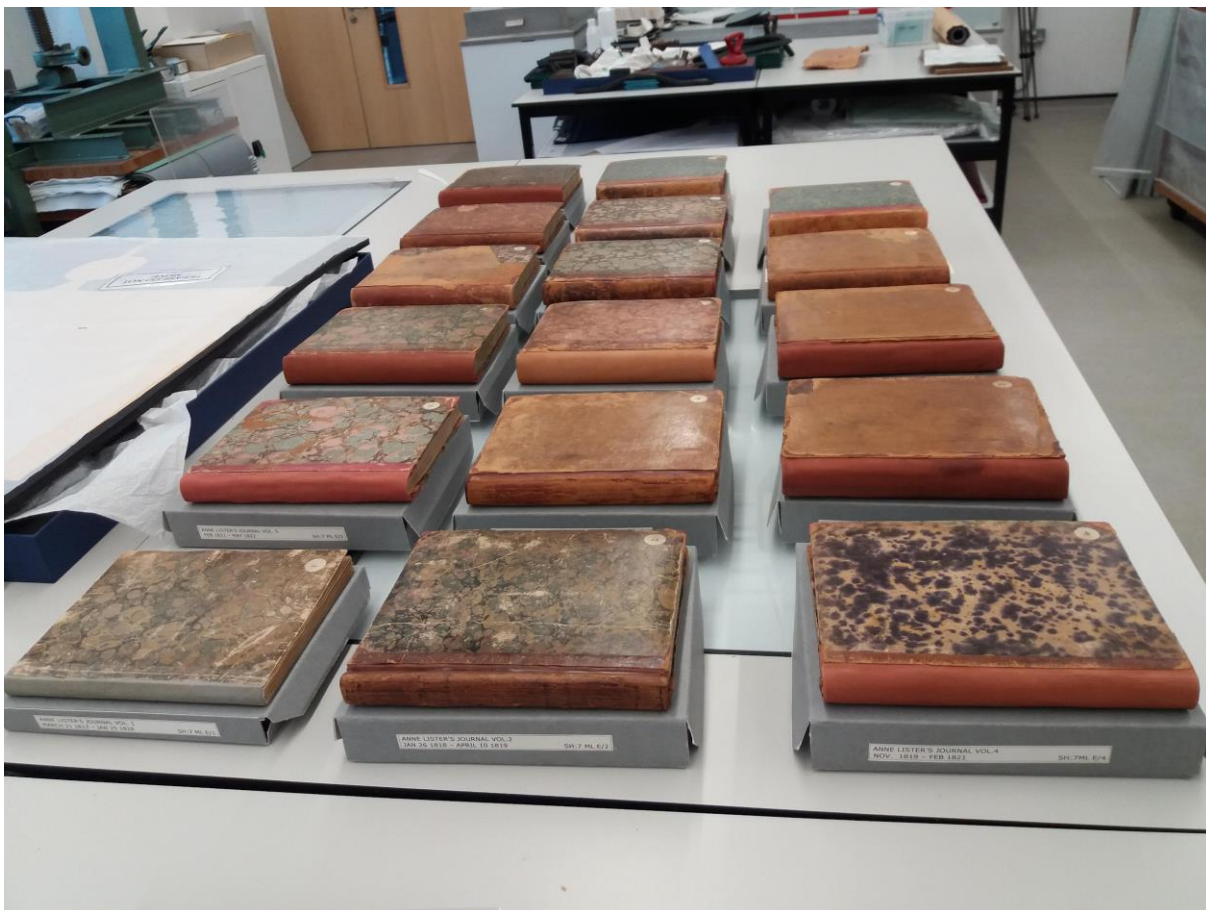


Figura 55: Diários de Anne Lister. West Yorkshire Archive Service.

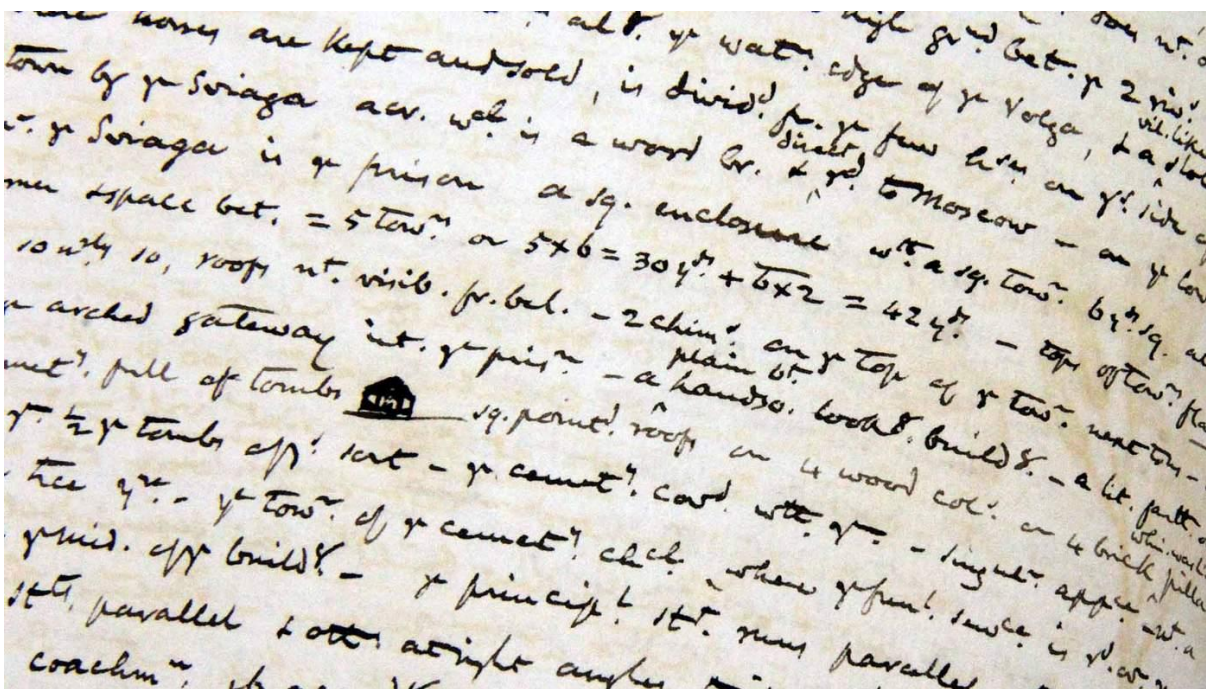


Figura 56: Diário de Anne Lister e suas marcas. BBC News.



Figura 59: Páginas de caderno de Malabella Jewels.

As folhas do livro de arte em si foram pensadas para trazer um design que trouxesse essa mesma estética envelhecida, ainda assim combinando com as cores que compõem todas as artes que o livro traz. A ideia principal é que tivesse uma cor que não fosse totalmente branca e que não ofuscasse ou apagasse todas as outras cores que as artes trouxeram ao longo da lista. E ainda assim, fazer um contraste com a fonte utilizada para os textos.

As etiquetas compõem o diário para explicações breves sobre o andamento do rascunho, de onde vieram as referências das artes e como elas foram projetadas a partir de retratos, fotos da série e curiosidades sobre as personagens. As cores delas são pretos, marrons, rosas e beges.

6. Paleta de cores:

Juntando todo esse material de pesquisa através das cores que ela abarca, a paleta de cores foi pensada e montada para que pudesse servir de base tanto para as páginas do livro quanto para as próprias artes, buscando não se concentrar completamente nos tons mais saturados e utilizando os tons mais claros ou mais escuros a partir delas (Figura 60).



Figura 61: Paleta de cores do artbook “Um diário para Anne Lister e Ann Walker”.

Os tons da parte inferior foram inspirados nas pinturas de Mary Ellen Best, contendo dourados, marrons claros, verdes e laranjas juntamente com os tons de verde e cinza que compõem os cenários e alguns vestidos que acabaram servindo para muitas das artes que produzi para o livro. Os tons mais escuros de marrom, azul e preto para os mais vivos de roxo e rosa são inspirados pela série Gentleman Jack e a composição gráfica das cenas dela. E por fim, os tons claros de bege vindos dos diários de Anne Lister e suas páginas cheias de detalhes e as cartas dela.

7. A tipografia para o produto:

Pensando na tipografia do momento histórico de 1830 e olhando através de alguns livros da época como Frankenstein de Mary Shelley (figura 62 e 63) (que devo lembrar, Anne Lister leu este livro e gostou) e Obras completas de Lord Byron: com notas e comentários, incluindo suas memórias publicadas por Thomas Moore (figura 64), a pesquisa dos tipos da época se deu pelos mais famosos da época na Inglaterra como os da família Caslon que é tão famosa na Inglaterra (Figura 65).

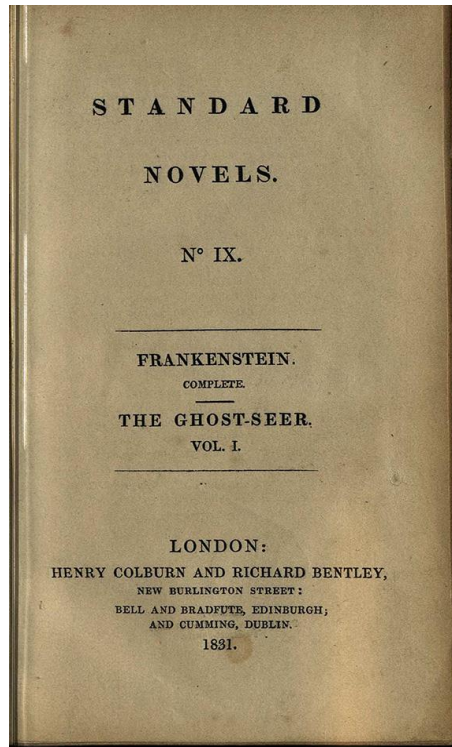


Figura 62: Página de título da edição de 1831 de Frankenstein ou Moderno Prometeu de Mary Shelley. Catálogo da University St. Andrews.

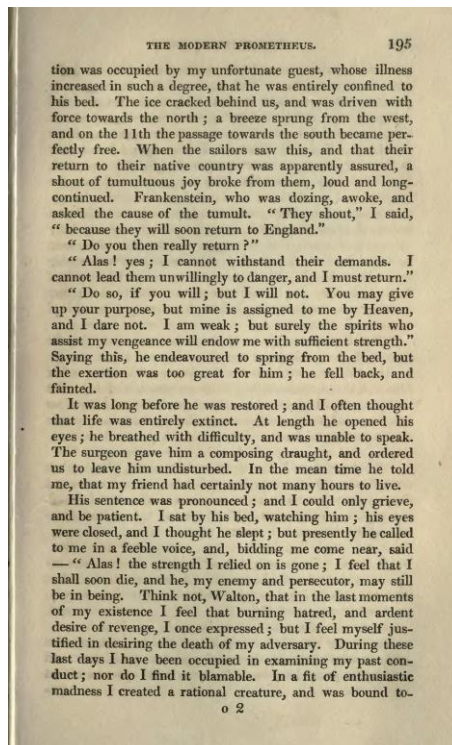


Figura 63: Página da edição de 1831 de Frankenstein ou Moderno Prometeu de Mary Shelley. Wikipedia.

ŒUVRES COMPLÈTES
DE
LORD BYRON,

AVEC NOTES ET COMMENTAIRES,
COMPOSÉS PAR
SES MÉMOIRES PUBLIÉS PAR THOMAS MOORE,
ET ORNÉS D'UN BEAU PORTRAIT DE L'AUTEUR.

Édition Nouvelle

PAR M. PAULIN PARIS,
DE LA BIBLIOTHÈQUE DU ROI.

TOME QUATRIÈME.



Paris.

DONDEY-DUPRÉ PÈRE ET FILS, IMPR.-LIBR., ÉDITEURS,
RUE SAINT-LOUIS, N° 46,
ET RUE RICHELIEU, N° 47 bis.
1850.

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 64: Obras completas de Lord Byron: com notas e comentários, incluindo suas memórias publicadas por Thomas Moore. Tradução do Mr. Paulin Paris para francês, George Gordon Byron. (1788-1824). 1830.

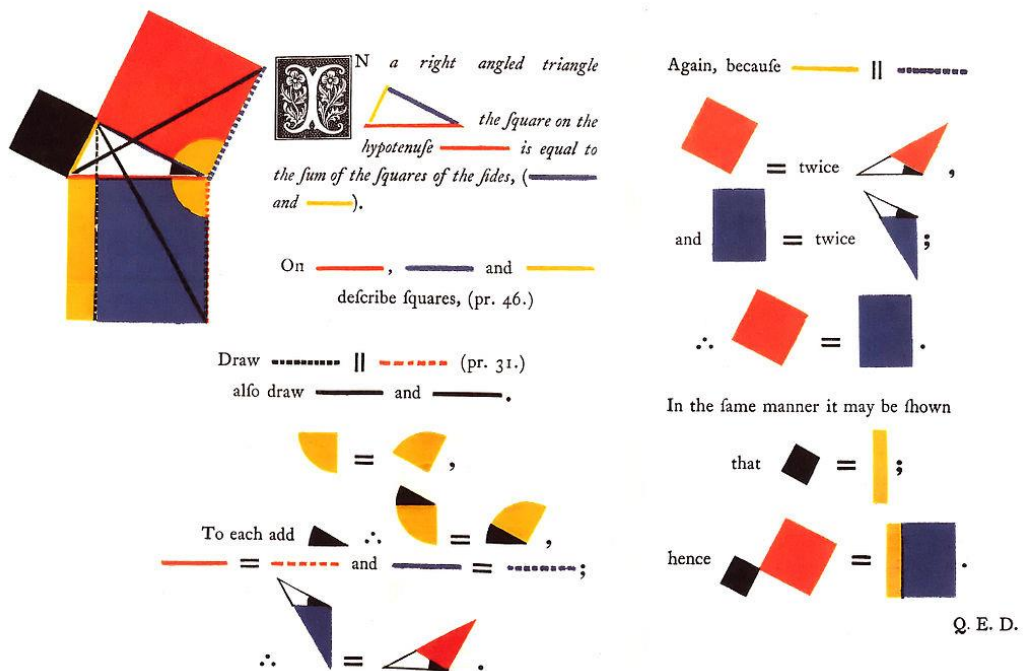


Figura 65: The First Six Books of The Elements of Euclid. Oliver Byrne. 1847.

William Caslon VI estava tentando trabalhar um tipo sem serifa em meados do século XIX, as fontes da família Caslon faziam sucesso e William se inspirou nesse estilo egípcio de fonte para produzir uma que não houvesse serifas e isso gerava uma crítica por parte da sociedade da época porque as clássicas serifas eram uma preferência da época. Sem serifa, significava ser uma coisa estranha e desajeitada. A família continuou as tradições da serifa de Caslon e os tipos que não tivessem elas só foram ganhar o auge no século XX. (MEGGS, PURVIS, 2009.)

Optando pelo clássico, resolvi ir atrás de uma fonte que fosse a mais aproximada dos tipos de Caslon, para poder trabalhar no texto em formato narrativa de diário. O texto das páginas principais são trabalhadas com a fonte escolhida nesse processo.

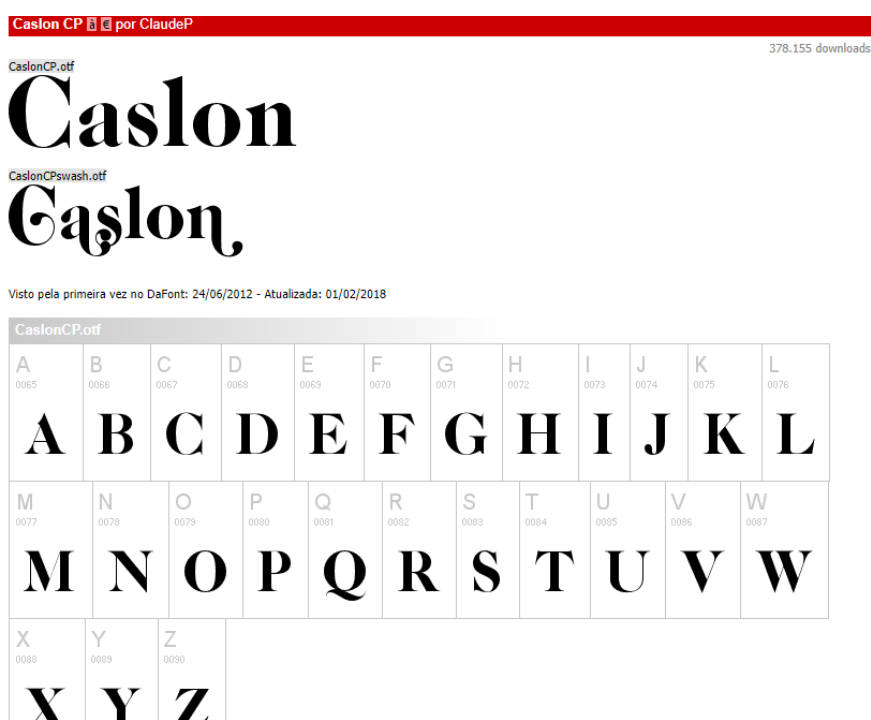


Figura 66: Fonte Caslon CP de ClaudeP. DaFont. 2012, atualizada em 2018.

A fonte Caslon CP (figura 66) é baseada nos tipos da família Caslon que possuem a serifa. O estilo é bem parecido com os tipos dos livros e jornais que eram distribuídos em West Yorkshire (Figura 67). O desafio é trabalhar com esta pequena fonte em meio às páginas do *artbook*, trazendo os textos informativos e também a narrativa do diário.



Figura 67: Jornal Halifax Guardian de 1843, artigo que fala quando Ann Walker teve sua casa ocupada por oficiais de justiça e ela acusou o magistrado pelos insultos. In Search of Ann Walker. Halifax Guardian, British Library Board.

Para os títulos e apresentações dentro do diário, o tipo usado foi inspirado diretamente na fonte usada na série Gentleman Jack. É um tipo sem serifa próprio e todas as letras são em caixa alta, com uma aparência de terem sido desenhadas com giz de lousa (Figura 68). Os tipos encontrados que mais se aproximavam desse estilo não são completamente iguais, mas tem uma base semelhante e portanto a Bold Testament foi a mais precisa para o *artbook*. (Figura 69).



Figura 68: Título da série Gentleman Jack. HBO / BBC One / Lookout Point. 2019.

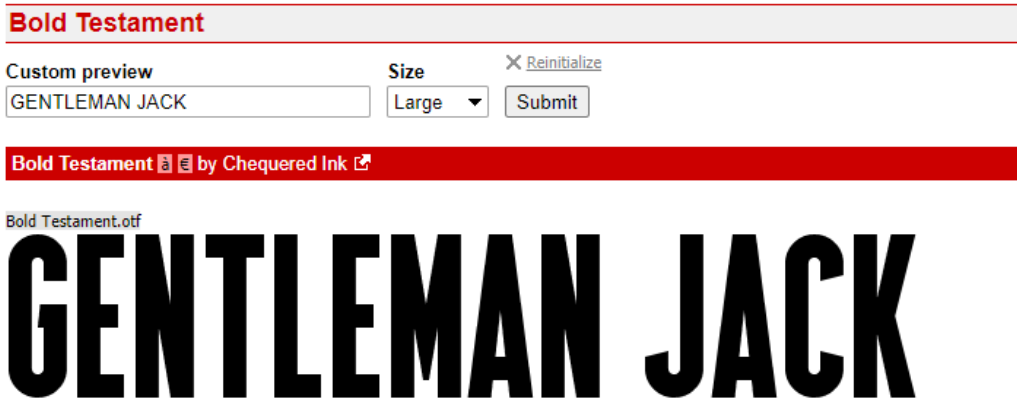


Figura 69: Fonte Bold Testament de Chequered Ink (Andrew McCluskey). DaFont.

De acordo com as apresentações e títulos que são dados no artbook, a fonte traz um aspecto moderno que a série traz em si, o apelo de trazer o espectador para o mundo tão distante do século XIX de Anne Lister acontece pela modernidade que a estética da tipografia, da quebra da quarta parede durante as cenas, a atitude ousada de Anne Lister frente a sociedade tão tradicional e preconceituosa da época. Esses aspectos juntos aproximam o espectador da história que está sendo transmitida.

A escrita de Anne Lister é um dos elementos mais importantes da tipografia deste livro, pois é o cerne da história. A história de Anne Lister e Ann Walker só pode conhecida através da sua escrita nos diários. O conteúdo descrito por criptografia é uma riqueza de detalhes que transmite o quão Anne era muito estudiosa e astuta, misturando todos aqueles símbolos gregos com álgebra e outros sinais utilizado no século XIX (Figura 70).

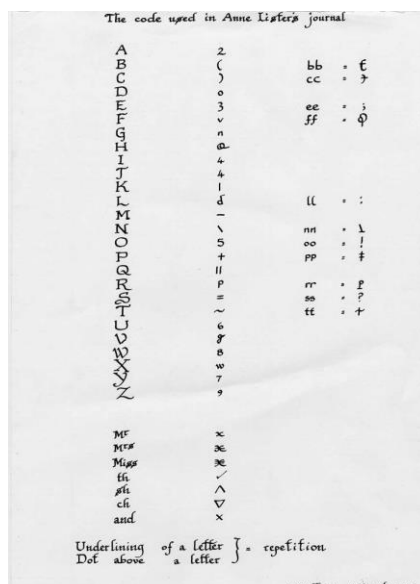


Figura 70: Tradução do código criado por Anne Lister. West Yorkshire Archives.

Essa simbologia dos códigos traz os detalhes mais característicos para o livro de artes, com referências que transformam os nomes dos personagens para o código e enfeitando as páginas para que o estilo de Anne Lister permaneça ali, sem que se precise traduzir as páginas tão complexas do diário e que a história ainda assim seja transmitida da mesma maneira e seja compreendida pelos leitores.

A letra de Anne Lister é complexa de se entender também. As páginas são lotadas de registros de temperaturas ao longo do dia, horários, pequenos rascunhos de coisas que viu no dia misturados aos símbolos que escondiam a vida privada e romântica. A caligrafia apressada mostra quanta paixão ela tinha para registrar cada pedaço de viagem, de livros, cartas e amores sem perder um segundo da vida ao redor (Figura 71).

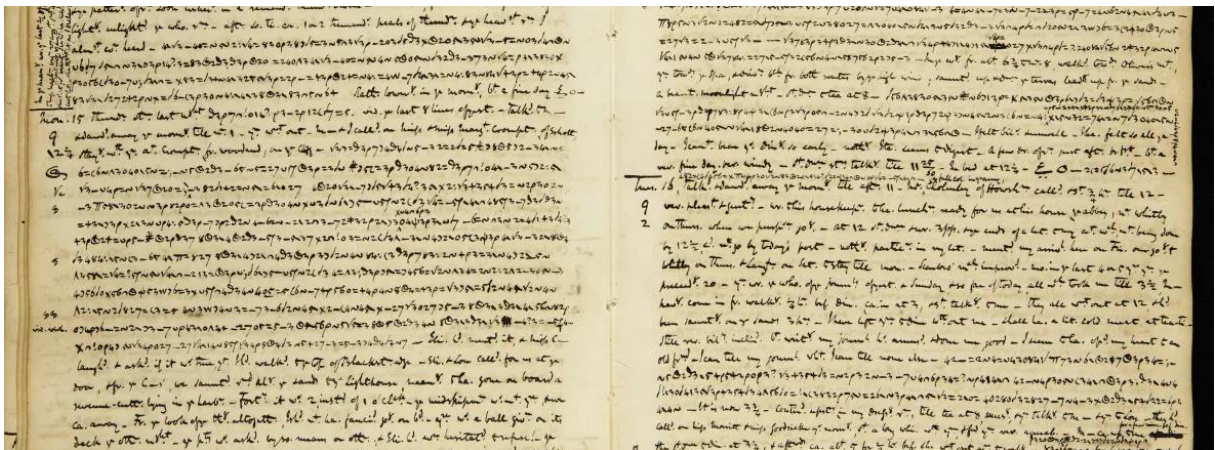


Figura 71: Diário de Anne Lister. West Yorkshire Archives Service.

Baseado nisso, a utilização das páginas como estética de algumas páginas do *artbook* foi considerada para que a marca desse documento permanecesse ainda mais fielmente nele. A capa e a página de rosto receberam essas caligrafias desenhadas para que ficassem como as do diário original ao fundo, estampando Anne Lister e Ann Walker por cima. O contraste dá uma característica única e reforça a ideia de além de ser um livro de arte, é um diário dedicado a essas duas mulheres. As páginas utilizadas foram as do dia em que Anne Lister e Ann Walker trocaram as alianças (Figura 72).

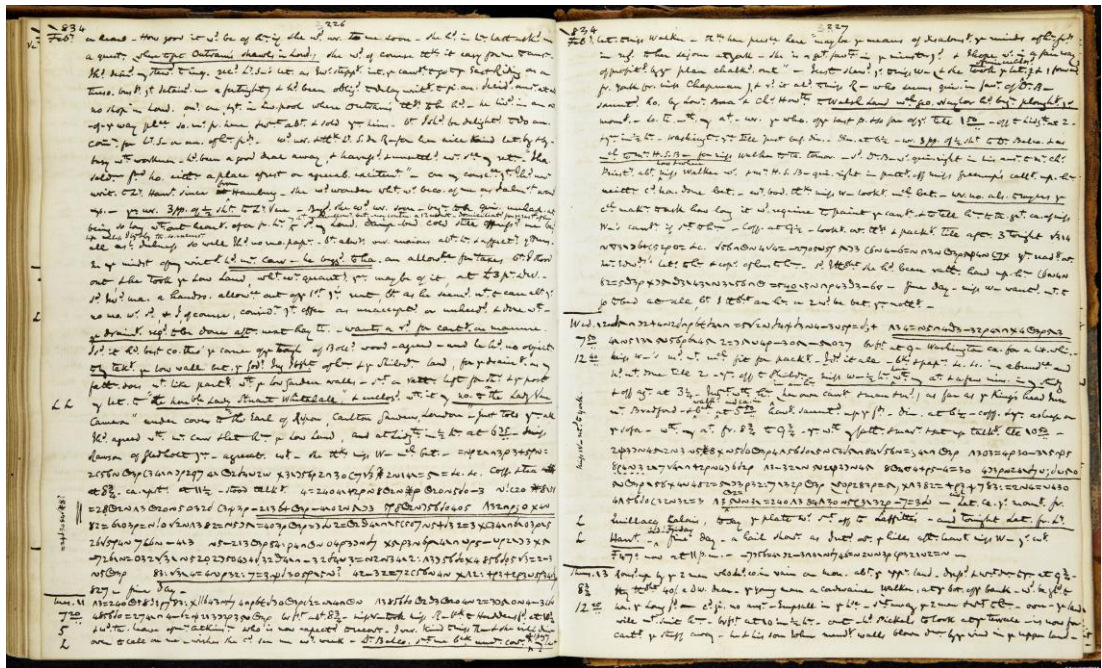


Figura 72: Diário de Anne Lister de Fevereiro de 1834, West Yorkshire Archives.

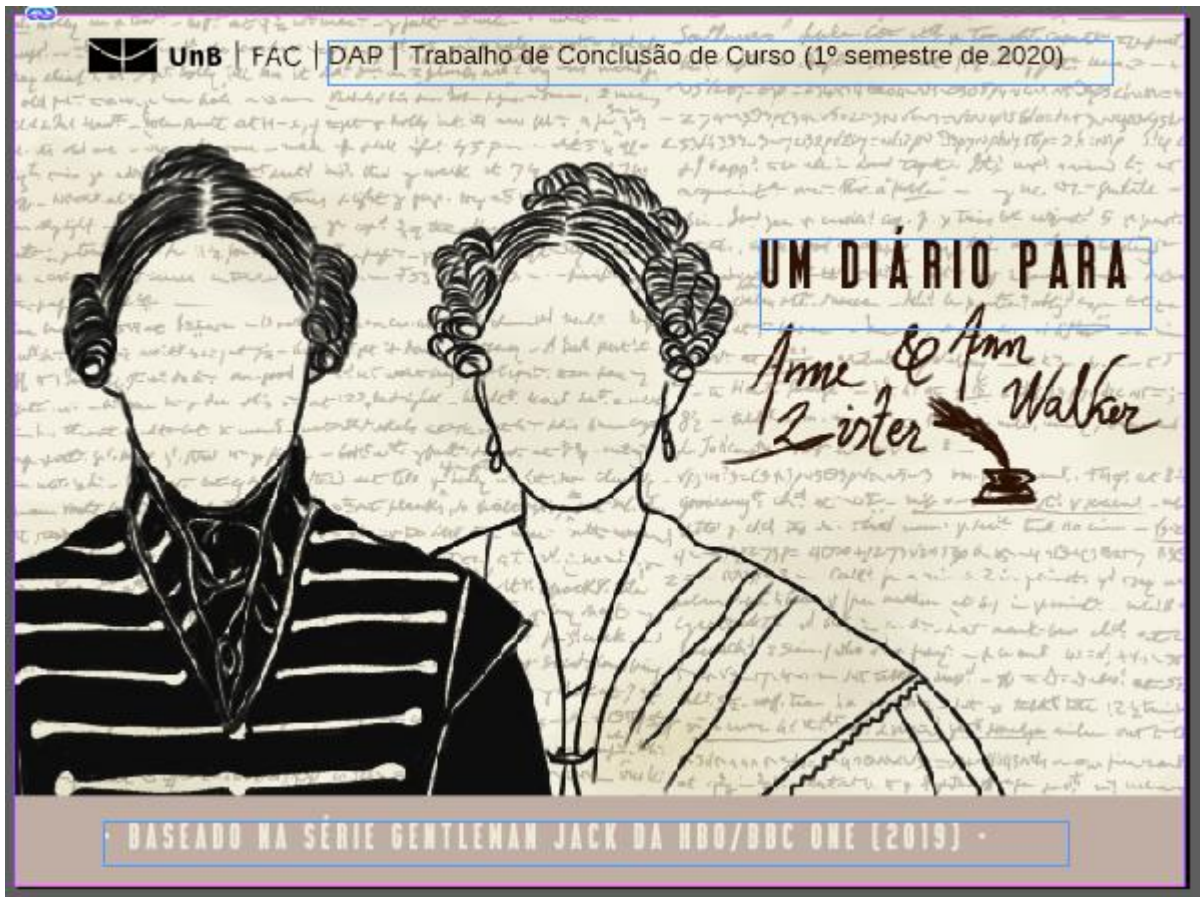
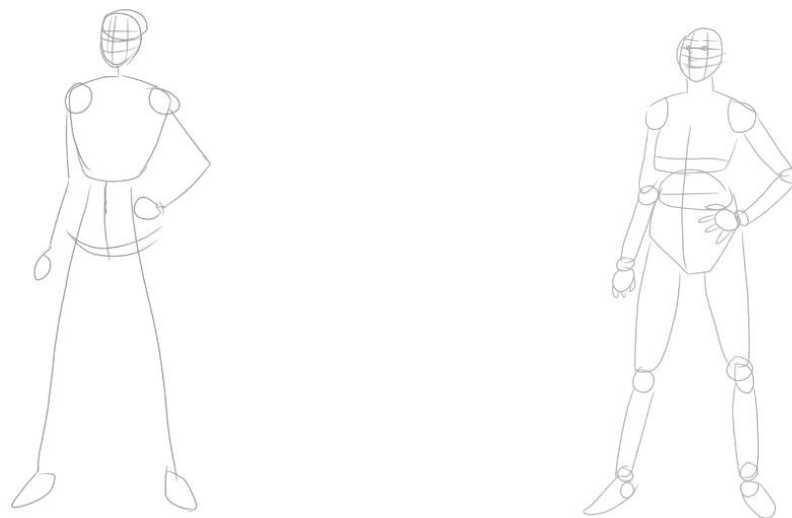


Figura 73: Capa produzida a partir das páginas dos diários

Outra versão foi feita para que fosse colocada na contracapa e isso trouxe um estilo ainda mais especial, com um fundo escuro um tom mais claro nas letras para que contraste com o vermelho escuro e forme a silhueta de Anne Lister e Ann Walker se encontrando (Figura 73).

8. A narrativa do *artbook* e as artes:

Para o texto do *artbook*, a linguagem utilizada foi a dos diários pessoais baseado na minha experiência pessoal e procurando contar a história íntima entre Anne Lister e Ann Walker. É uma narrativa romântica, assim como a série aborda com delicadeza os momentos que aconteceram na vida das duas mulheres, desde 1820 e focando mais no período em que o relacionamento começou em 1832. Primeiramente, é essencial que as personagens fossem mostradas e suas respectivas primeiras impressões. Quando o *sketches* de Anne Lister foram produzidos, a ideia era mostrar sua pose de mulher imponente, confiante e forte. As primeiras linhas trazendo uma base que trouxesse a coluna mais reta e a cabeça levantada (Figuras 74 e 75).



Figuras 74 e 75: *Sketches* de Anne Lister posando com a mão da cintura e cabeça levantada.

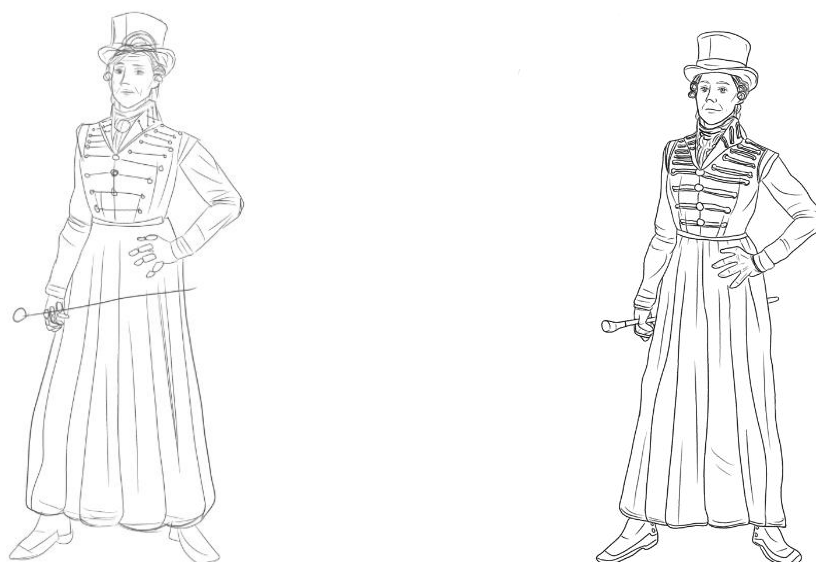
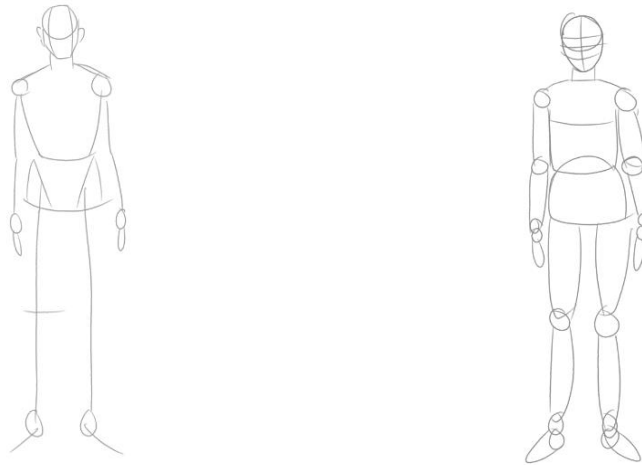


Figura 76 e 77: Anne Lister posando com a mão na cintura e cabeça levantada. Sketch e depois traço finalizado.

No último sketch adicionei a cartola e a bengala para as características principais de Anne Lister. Na jaqueta tem detalhes clássicos paralelos que lembram um pouco estilo militar dos anos 1800 e trazem um ar mais masculino. As botas precisavam ser longas, mas sem saltos. Detalhes do rosto que se aproximavam dos traços faciais da atriz Suranne Jones que interpreta Anne na série. Os olhos como se estivessem analisando, mas também saudando ao mesmo tempo (Figura 76).

Depois a lineart final tem os traços mais trabalhados e evidentes como o sorriso, as dobras nas saias, no lenço, nas luvas, na jaqueta e os botões tanto dela quanto das botas (Figura 77).

Para Ann Walker, o sketch começa com traços mais simples de uma pessoa tímida, com os braços do lado do corpo e demonstrando um leve nível de insegurança. A cabeça não está levantada, apenas olhando num sentido como se quisesse abaixar lentamente. (Figura 78 e 79)



Figuras 78 e 79: *Sketches* de Ann Walker para apresentação.

No terceiro sketch e no traço final vim com os traços de rosto que se aproximam da atriz Sophie Rundle que interpreta Ann Walker na série (Figura 80 e 81). A expressão é séria, um pouco retraída, mas assim confiante. Na série ela é tímida, depressiva, ansiosa e possui uma auto-estima muito baixa apesar de muito rica. Aos poucos ela vai ganhando confiança. As sapatilhas eram de bailarina e o pingente que Anne Lister ofereceu como um presente, referência que peguei do episódio 3 da série (Figura 82 e 83).



Figuras 80 e 81: *Sketches* de Ann Walker para apresentação.



Figura 82: Sapatilhas de Ann Walker para referência. Episódio 3. Gentleman Jack. HBO/BBC One.



Figura 83: Pingente de gôndola que Anne Lister deu para Ann em sinal de confiança e segurança. Farfarwaysite / HBO / BBC One / Lookout Point.

A arte finalizada pediu o rosa que Ann Walker costuma usar e que representa seu estado inicial nos primeiros episódios, vestimentas mais joviais e puras. O mesmo rosa apareceu todos os acessórios com tons mais claros. Coloquei detalhes no vestido que linhas paralelas de estampa de duas pétalas brancas que também lembram pequenos corações.

O cabelo tem esse estilo georgiano e vitoriano com muitos cachos dourados, um coque no alto da cabeça. Acessórios básicos femininos da época como gargantilha, aliança e brincos. Sobre o vestido tem um fichu que é colocado sobre os ombros. Os olhos azuis pela imagem da atriz e os cabelos dourados. Anéis de ouro. As sombras vieram por último para dar os realces nas dobras do vestido (Figura 84).



Figura 84: Desenho de Ann Walker finalizado para apresentação.

A próxima apresentação é de Shibden Hall, casa em que Anne Lister viveu e que Ann Walker passou a viver depois de se casar com Anne. Os esboços com os sólidos deram o formato da casa (Figura 85). Referências de fotos do local eu busquei no site oficial do Museu de Calderdale na Inglaterra (Figura 86).



Figura 85: Sketch de Shibden Hall para apresentação.



Figura 86: Fotos de Shibden Hall do site de Calderdale Museum.

O segundo sketch tinha mais elementos que evidenciam o formato das portas, janelas, estacas de madeira do estilo que caracteriza a casa (Figura 87). As chaminés e os telhados.

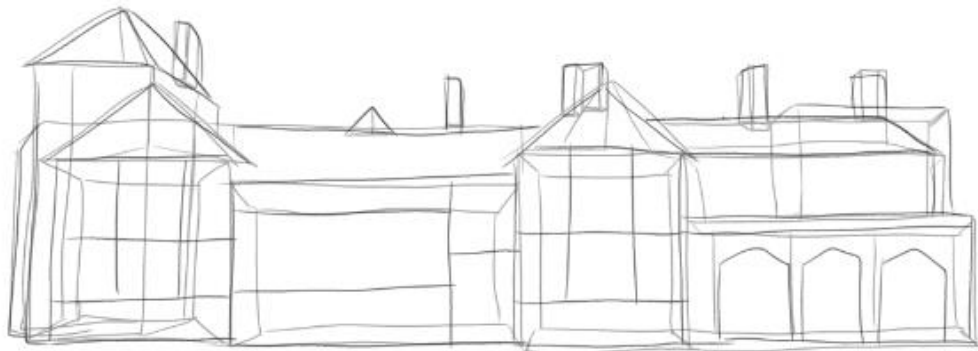


Figura 87: Segundo sketch de Shibden Hall para apresentação.

A arte em traço final tem toda a caracterização típica dos detalhes com pequenos tijolos mais escuros para mostrar a ação do tempo ao longo das décadas. (Figura 88)



Figura 88: Arte em traço final de Shibden Hall para apresentação.

A pintura foi feita desde as paredes até o telhado no início. A paleta de tons mais neutros e escuros é a escolhida. Apenas preto, cinza e um nude. Depois os detalhes das paredes mais sujas e o fundo com tons de marrom e a grama verde para a finalização definitiva (Figura 89 e 90).



Figura 89: Desenho de Shibden Hall em processo de pintura.



Figura 90: Desenho de Shibden Hall finalizado.

Para o início da história do casal Lister e Walker após as apresentações, se trata do momento de mostrar o início de tudo: Anne Lister e Ann Walker tiveram dois encontros definitivos que marcaram como uma via a outra em um passado da juventude e depois como elas se viam como mulheres adultas (Figuras 91 e 92). A cena do reencontro tem como referência a cena do fim do episódio 1 de Gentleman Jack (Figura 98) e baseadas nos trechos do diário de Anne Lister da época em que explicavam como foram essas visitas a família Walker e Ann Walker em especial.



Figura 91: Desenho finalizado de Anne Lister e Ann Walker em Crow Nest em meados de 1820.



Figura 92: Desenho finalizado de Ann Walker e Anne Lister se reencontram em Shibden Hall em 1832.

Na década de 1820, muitas coisas aconteceram e Anne Lister estava viajando através da Europa. O que me moveu a desenhar Anne Lister em sua viagem para a Holanda e ela visitou o enorme Palácio Real de Amsterdã. As referências vieram de fotos do próprio palácio que tem uma arquitetura impressionante. (Figuras 93, 94 e 95)



Figura 93: Palácio Real de Amsterdã na Holanda. Foto de Jim Werbaneth.

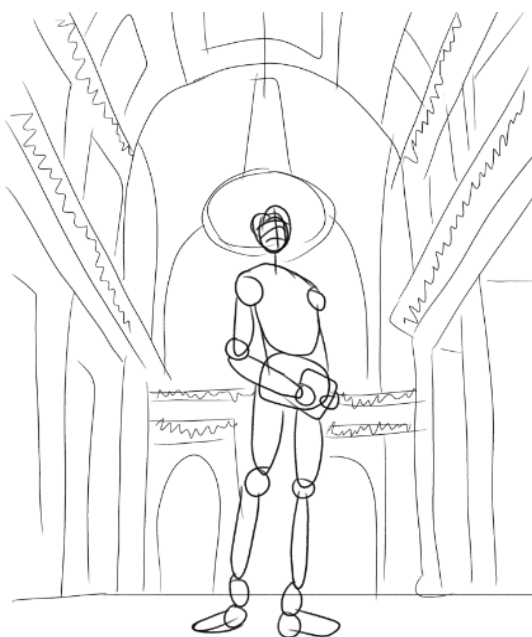


Figura 94: Sketch de Anne Lister no Palácio Real de Amsterdã.



Figura 95: Desenho finalizado de Anne Lister no Palácio Real em Amsterdã.

Enquanto Anne Lister conhecia seus lugares favoritos da Europa, a tímida senhorita Walker estava em Lightcliffe em sua vida tranquila e solitária. Após a perda de uma grande parte da sua família próxima, ela se contentou com sua propriedade e as constantes visitas de seus familiares como sua tia Ann Walker, os primos Atkinsons, Priestleys e Rawsons. O cenário foi baseado na própria casa Sutton Park, que representa a casa de Ann Walker (Figura 96 e 97).



Figura 96: Anne Lister e Ann Walker conversam em Crow Nest. Gentleman Jack, Episódio 2.
29min18sec. HBO / BBC One / Lookout Point.



Figura 97: Desenho finalizado de Ann Walker em Lightcliffe.



Figura 98: Ann Walker e Anne Lister se encontram em Shibden Hall em 1832. Gentleman Jack, episódio 1. 52min48sec. HBO / BBC One / Lookout Point.

Assim que Ann Walker e Anne Lister passam a se ver constantemente, Anne Lister tem seu chaumière pronto na série. Nessa visita ao lugar exclusivamente novo, é onde acontece o primeiro beijo delas na série. Com o tempo, vira um ponto de encontros íntimos entre as duas. É nos dois primeiros encontros que são mostrados em Gentleman Jack que se baseiam a próxima arte. As cores citadas em relação ao interior se mantêm aqui e outro ângulo foi utilizado para que possamos ver elas como se estivéssemos no chão junto com Anne Lister. As roupas são as mesmas da segunda cena usada como referência. O branco das mangas tem uma opacidade mais fraca para dar esse efeito de que é transparente (Figuras 99 e 100 e 101).

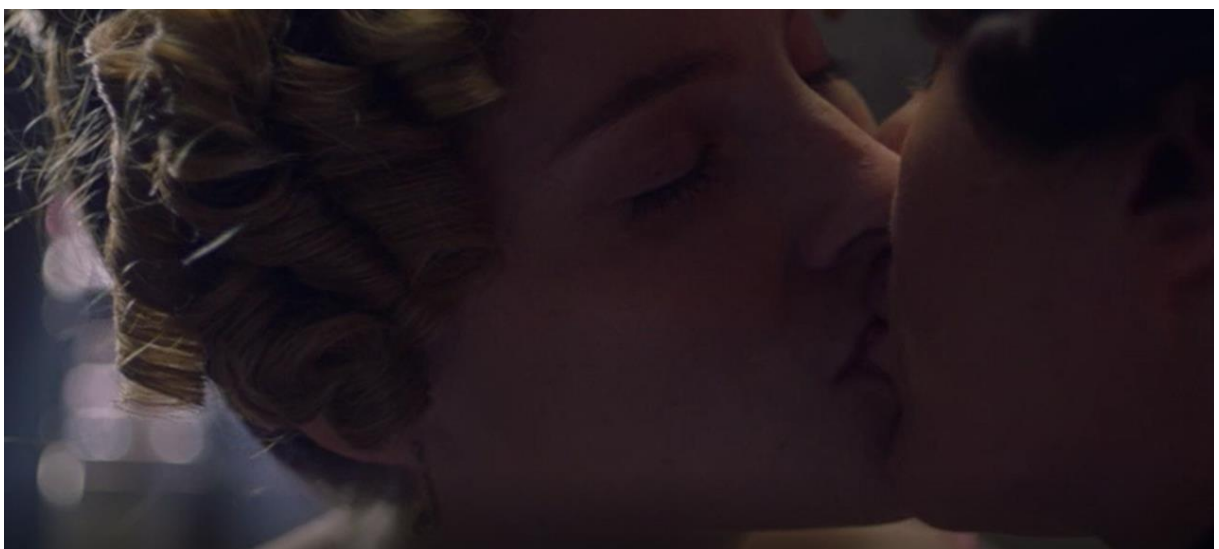


Figura 99: Ann Walker e Anne Lister em seu primeiro encontro no chaumière. Gentleman Jack, episódio 3. 09min16sec. HBO/BBC One/Lookout Point.



Figura 100: Ann Walker e Anne Lister em seu segundo encontro no chaumière. Gentleman Jack, episódio 3. 25min24sec. HBO/BBC One/Lookout Point.



Figura 101: Desenho finalizado de Ann Walker e Anne Lister no chaumière.

Depois do primeiro encontro de Ann Walker e Anne Lister, outra cena era marcante em seu relacionamento pois a tímida Srta. Walker despe sua falta de confiança para convidar Anne Lister para passar a noite em sua casa em um passo muito rápido em que Anne não esperava receber tão cedo, mas que foi um gesto bem vindo (Figura 102). A cena foi referência para esta arte específica, o diferencial é que o ângulo muda e vemos Ann Walker e Anne Lister de outro ponto de vista, as cores são as mesmas do cenário e carregam esse aspecto quente que a cena exala. (Figura 103).



Figura 102: Ann Walker é respondida com o beijo após convidar Anne Lister para dormir em sua casa na noite seguinte. Gentleman Jack, episódio 3. 11min12sec. HBO/BBC One/ Lookout Point.



Figura 103: Desenho finalizado em que Ann Walker é respondida com o beijo após convidar Anne Lister para dormir em sua casa na noite seguinte.

Nem tudo eram flores ou um mar de rosas. Ann Walker sofria com suas dores na coluna apesar dos 29 anos de idade e suas crises de pânico eram uma dificuldade na vida. Por isso, Anne Lister achou que seria melhor Ann ignorar os médicos indicados pelo clã e levá-la ao amigo de confiança Dr. Belcombe em York. Belcombe tinha um interesse em pesquisar exatamente sobre a mente humana e se disponibilizou a ajudar Ann Walker. Elas partiram para a cidade de York em uma carruagem para que eles pudessem vê-lo (Figura 104). Escolhi a referência de Yorkshire Dales para construir o pano de fundo dessa viagem, as cores de uma Yorkshire fria e nebulosa compõem a imagem junto com os tons de verde escuro. O traço foi duplicado e movido levemente para o lado para que desse a ideia de movimento (Figura 105).



Figura 104: Anne Lister e Ann Walker em uma carruagem em York. Episódio 4 de Gentleman Jack. 08min02sec. HBO/BBC One/ Lookout Point.



Figura 105: Desenho finalizado de Anne e Ann viajando para York em 1832.

Existem outros arcos que são complexos de registrar como o do carvão, em que Anne Lister e o clã Rawson se enfrenta em negócios de minas de carvão, pelo fato do aumento de venda de carvão começar a aumentar por causa da Revolução Industrial Inglesa. Anne desconfiava que os Rawsons estavam roubando o carvão de Shibden enquanto ela estava fora e não queria permitir que isso continuasse acontecendo.

Pelos Rawsons serem parentes de Ann Walker e por serem uma família influente na cidade por gerenciarem bancos, negócios de carvão, interferiu de certa forma no relacionamento das duas, pois Ann Walker temia que fosse ainda mais julgada pelos olhos da família, somando com os primos Priestleys que eram muito religiosos.

Anne Lister teve uma série de decisões para fazer ao longo desse tempo em que precisava cuidar da saúde de Ann Walker por sofrer tanto mentalmente e ao mesmo passo que precisava

de paz de espírito para continuar a trabalhar em seus planos e viajar. Ela propôs a Ann Walker diversas vezes que fosse morar em Shibden Hall com ela e que tomassem a comunhão em símbolo de matrimônio. (CHOMA, 2019.) A próxima arte é baseada na cena em que Anne se ajoelha para fazer isso pela segunda vez, mas Ann ainda está com medo e confusa após se sentir pressionada a casar por aparências com Sr. Ainsworth. O cenário é visto de cima e traz uma leve inclinação. As cores são as mesmas do cenário as flores não têm contorno e foram pintadas diretamente. (Figura 106 e 107)



Figura 106: Anne Lister pede para que Ann Walker seja sua esposa. Gentleman Jack, Episódio 4. 40min57sec. HBO/BBC One/Lookout Point.



Figura 107: Desenho finalizado de Anne e Ann chorando. “Anne, eu adoro você”

Embora Ann Walker sofresse com todo o julgamento por conta do clã, a culpa por romper com fiel comprimento das leis bíblicas da igreja e a constante cobrança que parentes faziam sobre ela para se casar com pessoas de mesma classe social, ela não nunca parou de pensar que Anne Lister era seu único interesse amoroso. (CHOMA, 2019) Além do mais, quando Anne Lister sofreu agressões a mando de parte do clã, Ann Walker ficou desesperada quando lhe viu em tal estado e implorou para que ficasse, mas os planos precisavam mudar (Figura 108).

No entanto, sua batalha mental contra a consciência e as crenças religiosas a fadaram a uma saúde mental completamente difícil de controlar. e Anne Lister cedeu a vontade da família de Ann Walker que sugeriu que morasse com a irmã Elizabeth Sutherland para que fosse cuidada todo o tempo. Ann se recusava a ir, mas não teve como evitar, pois Anne Lister marcou as viagens através da Europa e não voltaria atrás se não aceitasse se casar com ela. (Figura 109).



Figura 108: Ann Walker percebe os hematomas de Anne Lister. Gentleman Jack, episódio 6. 23min57sec. HBO/BBC One/Lookout Point.



Figura 109: Desenho “Anne, o que aconteceu com você?” finalizado

Outra referência que foi utilizada para essa parte em específico é do quarto de Ann Walker na série (Figura 44). Os papéis de parede tem esses detalhes de flores que foram desenhados sem repetições, todos feitos livremente e com as mesmas ferramentas propostas, assim como o tapete. O ambiente é levemente escuro por conta das janelas cobertas por cortinas e a cama é

composta de cortinas esverdeadas que fazem um certo contraste com o vermelho e marrom das mobílias.

A próxima arte levou ao momento em que Ann Walker se muda para a casa de Elizabeth, com a saúde mental desabilitada, tudo o que lhe resta é descansar e manter-se ocupada nos cadernos de desenho. Mesmo que estivesse junto a irmã, Ann não estava segura pois o marido de Elizabeth, Capitão Sutherland não era uma boa pessoa e tentou convencê-la a casar-se com Alexander Mackenzie, um dos primos dele.

É um período muito delicado da vida de Ann Walker, portanto suas expressões faciais nessa arte são mais cansadas, tristes e sem vida. A intenção era usar a escuridão do quarto para reforçar o estado de saúde dela. Mesmo os vermelhos aqui tem um peso maior para o sentimento de angústia e imensa frustração que Ann sentia nessa cena (Figura 110 e 111). Durante a estadia de Ann, Elizabeth precisou enviar cartas pedindo conselhos a Lister, pois a irmã não parecia melhorar.



Figura 110: Ann Walker no quarto dela na casa dos Sutherlands. Gentleman Jack, episódio 7. 45min:30sec. HBO/BBC One/Lookout Point.

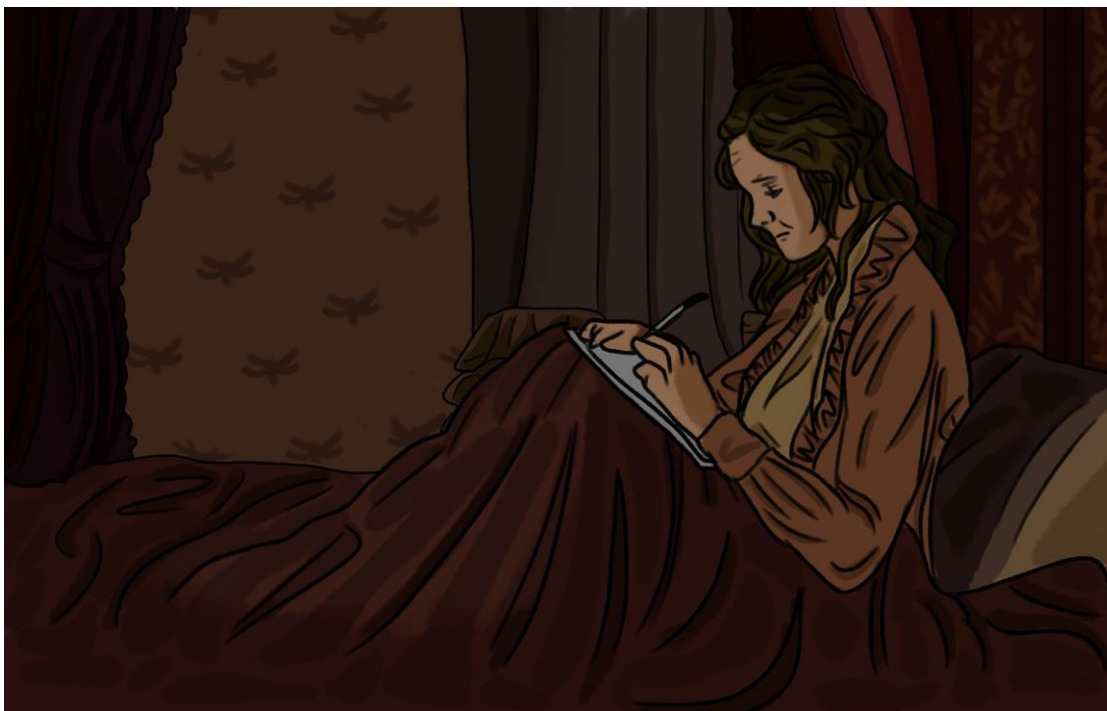
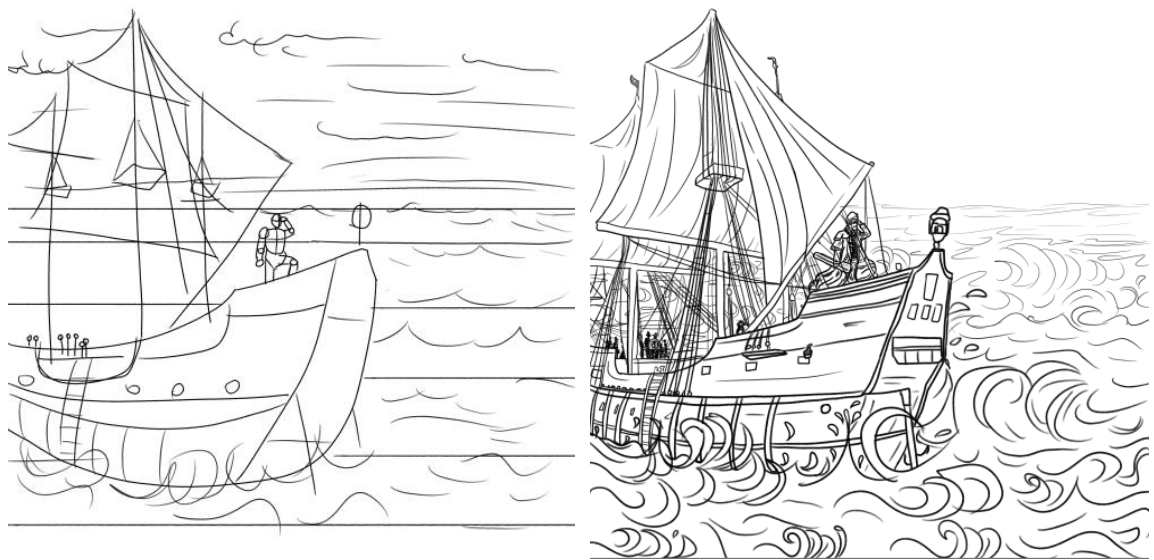


Figura 111: Desenho de Ann Walker desenhando no quarto da propriedade dos Sutherlands.

Em todo esse tempo, Anne Lister viajou como planejado, passando pela França até a Dinamarca. Foi um grande marco na vida dela, pois através das conexões que tinha com as pessoas da alta sociedade, ela acabou conhecendo a Rainha Marie de Hasse-Kassel da Dinamarca. Como esse período foi muito longo e o arco focava mais nas aventuras e pouco no relacionamento com Ann, apesar do drama em relação a falta das respostas das cartas para Elizabeth, ele não entrou no *artbook*.

Eventualmente, ela precisou voltar para Halifax em meados de novembro de 1833 ao receber notícias de que sua amada tia estava enferma e a ponto de perder a vida. A viagem de volta foi intensa pelo agitado Mar do Norte na época.

Inspirado nessa volta, a arte de Anne voltando de barco foi produzida com o desafio de mostrar as ondas agitadas. As linhas curvas foram a escolha para que dessem o efeito de movimento, destacado por tons mais claros de azul durante o processo de pintura (Figuras 112, 113 e 114). Fotos de proas de barcos também foram boas referências para a precisão dos detalhes conforme o Anexo B.



Figuras 112 e 113: Sketch e desenho em traço finalizado de Anne Lister no barco pelo Mar do Norte.



Figura 114: Desenho de Anne Lister volta da Dinamarca para a Inglaterra em uma embarcação pelo Mar do Norte em 1833.

Usei a expressão do famoso destino, que traz um ar ainda mais romântico para uma história com tantos altos e baixos, retorno com Ann Walker que se torna a heroína da sua própria história, me fazendo recordar dos passos do Herói de Mil Faces (1949) de Campbell. Ao saber que Anne Lister tinha correspondido uma das cartas de Elizabeth, mas teve as correspondências destruídas pelo Capitão Sutherland, ela decide voltar para Yorkshire e conseguir o endereço de Anne Lister para retornar as cartas. É nessa cena que nasceu a próxima arte. Quando Ann Walker aparece em Shibden, com a carruagem dela e o fiel empregado James (Figura 115).



Figura 115: Ann Walker e James no portão dos fundos de Shibden Hall. Gentleman Jack, episódio 8. 43min34sec. HBO/BBC One/Lookout Point.

A parte detrás de Shibden era o local onde as carruagens podiam estacionar, pois era mais perto do celeiro. O cenário escolhido portanto foi desse local diferente e ainda assim interessante, pois a estética ainda se mantém e os tijolos escurecidos fazem o contraste que caracteriza a casa juntamente com as placas de madeira escura e as cores da carruagem de Ann Walker (Figura 116 e 117). Fotos de Shibden Hall também ajudaram a criar a cena com mais fidelidade conforme Anexo A.

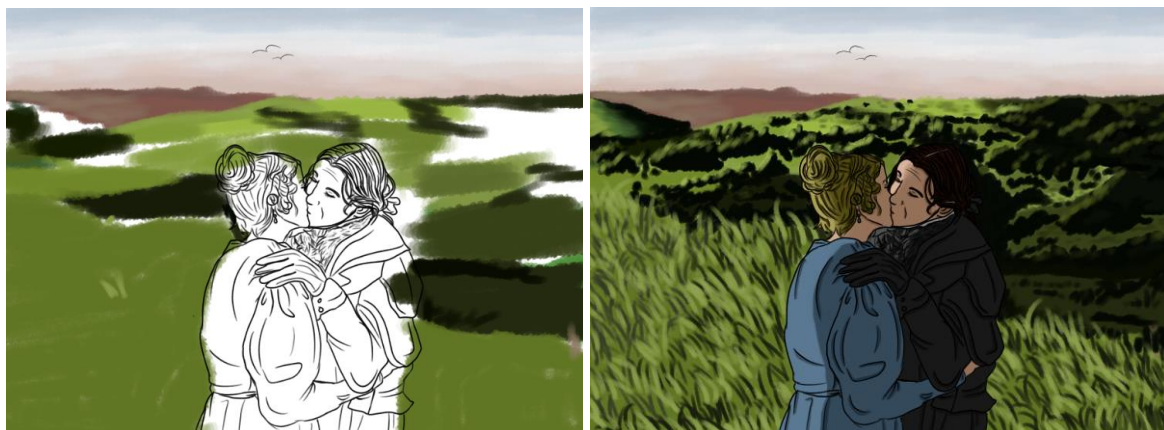


Figuras 116 e 117: Sketch e desenho finalizado de Ann Walker chegando em Shibden Hall.

Segui essa mesma licença poética da autora da série, Sally Wainwright, e o próximo desenho foi o auge emocional deste produto e do programa pois mostra o momento em que Ann Walker finalmente se encontra com Anne Lister que estava em Shibden Hall no momento e elas decidem que irão se casar. É um momento colorido, no topo de Shibden Valley a promessa é selada com um beijo, enquanto a luz do Sol ilumina o vale e os rostos, dissipando toda a tensão que as cenas anteriores carregavam (Figura 118). Sob a cena do beijo, a arte foi produzida sem linhas para a paisagem, apenas para a composição de Anne Lister e Ann Walker. Os tons de verde se intercalam para mostrar como a luz incide sobre a diversa vegetação ao redor (Figura 119 e 120). A grama foi feita com linhas no sentido da esquerda da imagem.



Figura 118: Ann Walker e Anne Lister se beijam no topo do Shibden Valley. Gentleman Jack, 51min48sec. HBO/BBC One/Lookout Point.



Figuras 119 e 120: Desenho de Ann Walker e Anne Lister no topo da montanha finalizado.

Retratar essa cena foi um muito especial para o livro porque essa confirmação de que duas mulheres se propuseram a casar em pleno século XIX quebra uma série de noções do senso comum de uma sociedade que ainda nos dias atuais acredita que ser homossexual é recente e que é apenas uma fase que o planeta está vivendo e que irá passar. Ou que é uma doença que pode ser curada.¹⁷ O relato de uma história LGBTQ+ de época baseada em fatos não só encanta, como educa seus telespectadores e abre portas para que outras pessoas LGBTQ+s possam se sentir mais abertas e criar conexões com as pessoas ao redor partilham da preferência pela série.

A cena de Anne Lister e Ann Walker tomando sua comunhão juntas e concordando secretamente com os votos feitos une muitos elementos que refletem a confiança delas e apresentou um semblante único nos rostos das personagens. A ideia da arte do casamento era mostrar o quão a escura Holy Trinity Church (Figura 121) em York foi um lugar de luz para Anne Lister e Ann Walker. Os sorrisos tímidos e as roupas novas elas usaram para celebrar a ocasião. Os *sketches* recriaram o interior da igreja e na finalização da arte, utilizei as técnicas de pintura de Shibden, o efeito envelhecido e acinzentado intercalando com as cores originais das paredes de pedra (Figuras 122, 123 e 124).

¹⁷ Clínica de hipnose no DF promete 'cura gay' em até seis meses; prática é proibida. Disponível em <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/11/08/clinica-de-hipnose-no-df-garante-cura-gay-em-ate-seis-meses-pratica-e-proibida.ghhtml>>



Figura 121: Anne Lister e Ann Walker tocam as mãos secretamente após tomarem a comunhão na Holy Trinity Church em York. Gentleman Jack, episódio 8. 57min17sec.
HBO/BBC One/Lookout Point.



Figuras 122 e 123: Sketch da Holy Trinity Church e o processo de pintura da arte.



Figura 124: Desenho finalizado de Anne e Ann na Holy Trinity Church em York no dia do casamento delas.

Por últimos ficaram as artes que complementam o *artbook* e que apresentam outros personagens da série que são conectadas a Anne Lister e Ann Walker, como os familiares delas e os empregados. O estilo utilizado para essas apresentações em específico foi o busto que mostra através das expressões as personalidades de cada um. Os espaços são propositalmente para que o texto caiba sem alterações grandes. As cores utilizadas são as da paleta do produto juntamente com as das roupas dos personagens na série (Figura 125, 126, 127 e 128).



Figura 125: Desenho finalizado dos bustos de Tia Anne Lister, Marian Lister (irmã de Anne Lister) e Capitão Jeremy Lister (pai de Anne Lister).



Figura 126: Desenho dos bustos finalizados de Tia Ann Walker, William Priestley (primo de Ann Walker) e Catherine Rawson (prima de Ann Walker).



Figura 127: Desenho finalizado dos bustos dos empregados de Anne Lister. Na sequência: Elizabeth Cordingley, Rachel Hemingway, Eugénie Pièrre, John Booth e Joseph Booth.



Figura 128: Desenho finalizado dos bustos dos empregados de Ann Walker: James Mackenzie e Samuel Washington.

A arte de Anne Lister escrevendo no diário foi projetada para que estampasse a página logo no capítulo Apresentações, as referências da sala de estudos vieram da Shibden Hall

Virtual Tour. O ambiente de Shibden Hall é bastante escuro, mas a luz da janela batia sobre as costas dela trazendo um pouco mais de iluminação (Figura 129).



Figura 129: Desenho finalizado de Anne Lister na sala de estudos escrevendo no diário.

Alguns desenhos foram produzidos ao longo do projeto sem a obrigação de entrar no *artbook*, mas que podem ser considerados de acordo com o seguimento da montagem das páginas com o início da diagramação. São artes de busto também e trazem momentos íntimos de Anne Lister e Ann Walker. Mais livres e sem um fundo trabalhado especialmente para elas, assim podem entrar em qualquer página. (Figura 130 e 131)



Figuras 130 e 131: Desenhos finalizados dos bustos de Anne Lister e Ann Walker trocando beijos.

A linha que guiou a narrativa dos textos do *artbook* foi organizada com a linha do tempo a seguir:

1. Apresentações: quem é Anne Lister, Ann Walker e o que é Shibden Hall;	2. Ann Walker e Anne Lister se encontram em 1820
3. Anne Lister viajando em 1830	4. Ann Walker vivendo em Lidgate em 1830
5. Ann Walker e Anne Lister se reencontram em Shibden Hall em 1832	6. Apresentações dos empregados e familiares de Anne Lister e Ann Walker
7. Início do relacionamento de Anne Lister e Ann Walker	8. Anne Lister pede Ann Walker para se comprometer com ela e viverem juntas
9. Crises no relacionamento de Anne e Ann	10. Agravo na saúde mental de Anne e Ann
11. Separação entre Anne e Ann, ambas viajam separadamente	12. Reunião de Anne e Ann
13. Casamento de Anne Lister e Ann Walker	

As apresentações de outros personagens como familiares e empregados colocam os leitores dentro do contexto do Universo das personagens, os textos feitos em anotações sobre as características deles na série e da família de ambas que estão registradas em seus documentos.

Quando todo o material da história foi apurado, os textos tomaram forma aos poucos e sendo reorganizados a partir da linha do tempo. A narrativa de diário é muito pessoal, por conseguinte os inícios de cada capítulo se iniciam com saudações de diários comuns:

“APRESENTAÇÕES:

Querido diário,

Estou escrevendo e desenhando para lhe contar a história de duas mulheres especiais que fizeram história. Anne Lister e Ann Walker, nomes parecidos, famílias diferentes.” (Um diário para Anne Lister e Ann Walker)

Assim como a série traz o romance para que a narrativa audiovisual seja mais agradável para os telespectadores, o livro traz uma linguagem romântica do mesmo modo. É claro que a era georgiana não tinha suas facilidades e muitos costumes não se encaixam mais com o que vivemos na atualidade, por isso alguns aspectos são modificados.

A era georgiana não era gloriosa e havia muitas limitações nos mais diversos aspectos do cotidiano, como por exemplo, as pias com sistema de esgoto ainda não existiam e portanto as cozinheiras limpavam as mãos sujas de sangue dos cortes de carne em panos (Figura 132).



Figura 132: Cordingley limpa as mãos sujas dos cortes de carne em um pano. Gentleman Jack, episódio 8. 43min31sec. HBO / BBC One / Lookout Point.

Ao ter os diários de Anne Lister como inspiração, a maneira de se conectar com o leitor é tão latente quanto as cenas da quebra de quarta parede em que Anne Lister se comunica com o telespectador nas cenas de Gentleman Jack. Portanto o texto trata de maneira íntima as passagens da história e imprimindo as emoções que os momentos que cada arte exprime com um humor bem leve.

“Em julho de 1832, Ann Walker passou para uma visita em Shibden Hall com dois de seus familiares. Eles ficaram por lá por uns quinze minutos para conversar. Anne Lister os recebeu e foi bem educada como sempre, sem perder o humor. É claro que vendo a Senhorita Walker ali, ela resolveu puxar conversa e falar sobre viagens e talvez algo mais...” (Um diário para Anne Lister e Ann Walker)

Os textos mais informativos servem para explicar resumidamente alguns dos processos utilizados ao longo da arte e quais foram as referências visuais para elas, principalmente nas páginas de apresentações em que o Universo das personagens é introduzido.

“Sobre o traço: Escolhi um pincel que tem um efeito de giz branco porque além de ser o que eu prefiro, tem um efeito mais suave, macio e faz jus ao estilo da época.

A personalidade de Anne Lister é marcada por sua confiança e sua vontade imensa de aprender tudo sobre todas as coisas e isso exala certo poder. Por isso os rascunhos trazem poses mais confiantes e eretas.”

Detalhes mais precisos e históricos de Anne Lister, Ann Walker e de Shibden Hall que possuem histórias mais complexas também vão nessas páginas.

“OCUPAÇÃO:
MONTANHISTA, DONA DE TERRAS, ESCRITORA E
EMPREENDEDORA.

Aos 36 anos, ela herdou Shibden Hall, a propriedade de sua família. Lister viajava muito e administrava as terras de longe.”

Certos momentos foram difíceis de entender quais são os personagens por terem nomes tão parecidos. Isso causa confusão por parte não só dos leitores, mas também quando não se está habituado a ler sobre Anne Lister ou Ann Walker. Essa observação ao longo do tempo me fez pensar que era uma situação boa para explicar de maneira divertida sobre isso:

“TIA ANN WALKER, WILLIAM PRIESTLEY, CATHERINE RAWSON

Eu sei diário, parece estranho que a tia da Ann Walker também tenha o mesmo nome que ela assim como a tia da Anne Lister tem o mesmo nome que a Anne Lister... Ai! Já está confuso? É que antigamente era bem comum que os nomes se repetissem nos filhos e parentes.”

Os momentos mais tristes da história tinham um peso muito grande e o foco era não se concentrar completamente neles, o motivo disso é que reconhecendo que a maioria das narrativas para LGBTQ+s não tem romances “não trágicos”, reforçar o drama traz um certo desconforto para o leitor que está aproveitando uma narrativa tão leve no começo para logo depois entrar em partes muito complexas que envolvem muitos mais arcos do que este livro abarca. (Anexos C e D)

O final se concentra em explicar o retorno de Anne Lister e Ann Walker com uma mensagem de esperança e ao mesmo tempo celebrando o acontecimento desse fato. Essa parte da história que deve ser sempre lembrada e marcada para que os leitores não esqueçam e guardem um pouco de cada uma delas em si mesmos.

“Coincidência é uma palavra muito fraca para descrever este momento. Sinto que posso chamar de destino... Ao mesmo passo que Anne Lister voltava de Copenhague, Ann Walker também voltava da Escócia para Yorkshire!”

Ao terminar os textos, a revisão foi realizada pela codebreaker Marlene Oliveira que fez a correção das informações e prestou uma curadoria muito gentil e sugeriu outras coisas que poderiam ser colocadas no livro e que acrescentariam ainda mais no conteúdo. (APÊNDICE L) A escritora, transcritora dos diários de Anne Lister e consultora da série Gentleman Jack (2019), Anne Choma, escreveu a dedicatória do *artbook*. (APÊNDICE M, N)

9. A montagem gráfica do *artbook*:

As primeiras tentativas de organização do *artbook* começaram pelo programa *FireAlpaca* numa tentativa de visualizar como seria o design das páginas abertas e com a composição dos *sketches* até a arte final considerando que o formato do livro é de paisagem (horizontal) com capa de 23 x 31 e páginas de 22 x 30.

O fundo foi feito com pintura simples bege e aplicando tons levemente mais escuros por cima e esfumando, na intenção de criar o efeito de envelhecido. Linhas em um tom mais escuro para as dobras e falhas e alguns símbolos espalhados. As primeiras páginas foram feitas de forma bem simples e com os rascunhos de Anne Lister divididos da direita para a esquerda. (APÊNDICE A) A ideia logo foi descartada porque o caminho de leitura é sempre ao contrário, da esquerda para a direita aqui no ocidente.

Após corrigir essa sequência, os elementos começaram a aparecer para que trouxeram mais divisões e colorir as páginas com textos interativos, que lembrassem as notas e lembretes que se colam em diários atualmente. As etiquetas e caixas de texto escuras complementam com as cores da paleta, com tons marrons escuros e o preto. Fotos de referências para os desenhos também foram fixadas, incluindo as da série e os retratos pintados dos personagens no século XIX. (APÊNDICE B, C)

O mesmo estilo foi aplicado nas páginas de apresentação de Ann Walker e os textos foram sendo fixados no próprio *FireAlpaca* como experiência para que não se perdesse no momento de passar para o *InDesign*. (APÊNDICE E) Assim que essas páginas foram transferidas para o *InDesign*, a dificuldade de diagramação foi visível (pois as imagens estavam em formato .png e as ferramentas de edição de imagem do programa não permitem grandes alterações) e a necessidade de reformular as páginas me fez voltar ao *FireAlpaca* para repensar o estilo das folhas. Os textos foram removidos, mantendo o fundo, as etiquetas e as fotos. Os textos foram diagramados no *InDesign* (Figura 133).

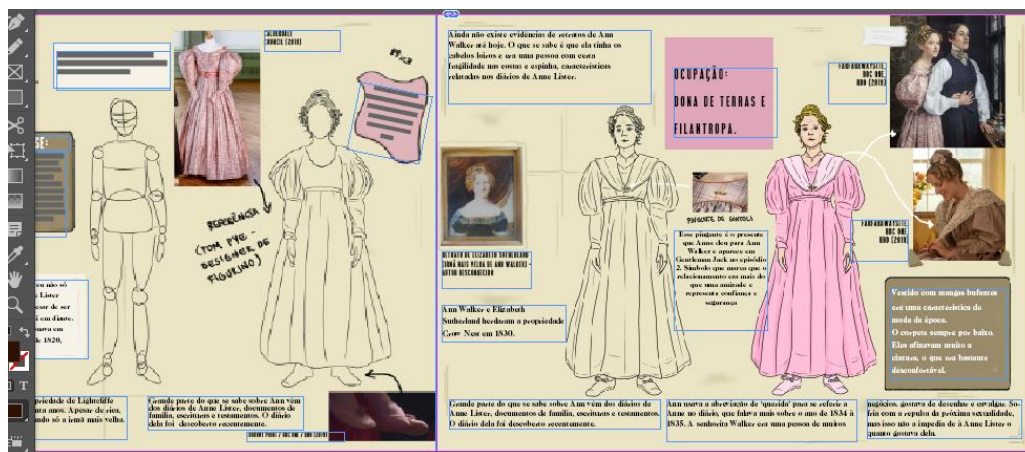


Figura 133: Páginas de apresentação de Ann Walker no InDesign.

Isso funcionou bem para essas apresentações, exceto para as páginas de Shibden Hall que são imagens com uma largura maior e o encaixe junto com os outros sketches ficou bastante difícil de se fazer no FireAlpaca como base. As dificuldades de se visualizar a diagramação no momento da montagem surgiram pela pressa da finalização.

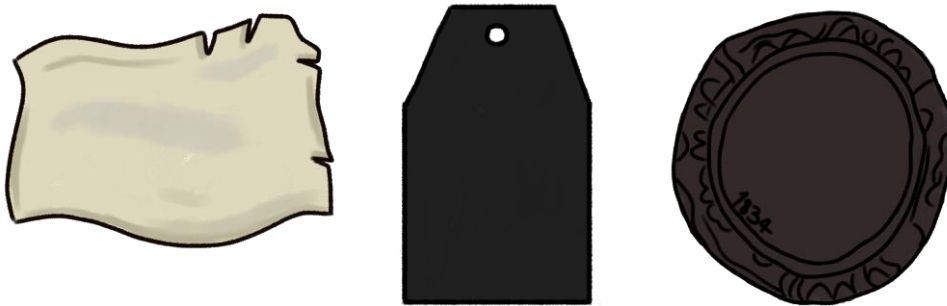
A solução foi pensar na montagem do livro em um caderno normal, rascunhando em busca de um modelo de organização surgisse ao visualizar as páginas todas uma ao lado da outra e até mesmo com as artes sangrando nelas. (APÊNDICES J, K)

Com os rascunhos prontos, a organização do livro ficou mais fluida, títulos surgiram naturalmente, baseados em períodos de tempo e citações famosas da série, como por exemplo “Ora, ora, ora”, que Anne Lister fala ao receber a notícia que Ann Walker e seus primos foram visitá-la. A base utilizada foi aplicada para a maioria das páginas e então as artes foram colocadas por cima (Figura 134).



Figura 134: Desenho da base de fundo para as páginas do livro.

As etiquetas, caixas e figuras foram desenhadas a parte para que elas pudessem ser colocadas no momento da diagramação e isso evitasse que tudo fosse refeito no FireAlpaca. Elas foram baseadas em cartas antigas, etiquetas de roupas e assim nos selos de carta do século XIX que eram prensados com uma espécie de cera (Figuras 135, 136 e 137).



Figuras 135, 136 e 137: Desenhos finalizados de notas, etiqueta e selo de carta.

Os nomes dos personagens foram codificados para o modelo dos diários de Anne Lister, de acordo com a lista de tradução do código (Figura 138 e 139). Tive a ajuda das *codebreakers* Marlene Oliveira e Sophie Coston para que os nomes fossem codificados corretamente sob duas perspectivas diferentes.

-2P42\ d4=N3P

Figura 138: Desenho finalizado do nome de Marian Lister codificado pelo sistema de códigos inventados por Anne Lister.

26\ n 2\ 82 d 13P

Figura 139: Desenho finalizado do nome Aunt¹⁸ Ann Walker codificado pelo sistema de códigos inventados por Anne Lister.

O começo de cada capítulo ficou em um padrão que todos ficaram no lado esquerdo. Os títulos escritos com a fonte Bold Testament. Os textos corridos com a fonte escolhida durante a pesquisa, Caslon CP (Figura 140).



Figura 140: Páginas do capítulo 1820 1830 diagramadas no InDesign.

O sumário e folha de rosto do livro estampam artes feitas especialmente para elas. As bases escuras e com ilustrações vazadas dos objetos que mais lembram e representam Anne Lister e Ann Walker na série Gentleman Jack: chapéus, pote de tinta e caneta, bengala e alianças (Figura 141 e 142).

¹⁸ Aunt: Tia em inglês. Traduzido pela própria autora.



Figura 141: Desenho finalizado da página de rosto do *artbook*.



Figura 142: Desenho finalizado do sumário do *artbook*.

A capa do *artbook* foi completamente baseada nas páginas do diário de Anne Lister de 1834 que traz o trecho em que ela explica como foi o dia em que ela e Ann Walker trocaram alianças e concordaram seguir com a união e dividir seus bens. As silhuetas de Anne Lister e Ann Walker têm como referência as fotos promocionais da série *Gentleman Jack* (Figura 143, 144 e 145).



Figura 143: Foto de Anne Lister promocional para Gentleman Jack. Farfarway/HBO/BBC One.



Figura 144: Foto de Ann Walker promocional para Gentleman Jack. Farfarway/HBO/BBC One.

A arte da guarda segue o mesmo modelo do diário só que com outras cores e um padrão que faz silhueta de Anne Lister e Ann Walker ser formada pelas letras e símbolos que ficaram nas linhas entre elas (Figura 146).

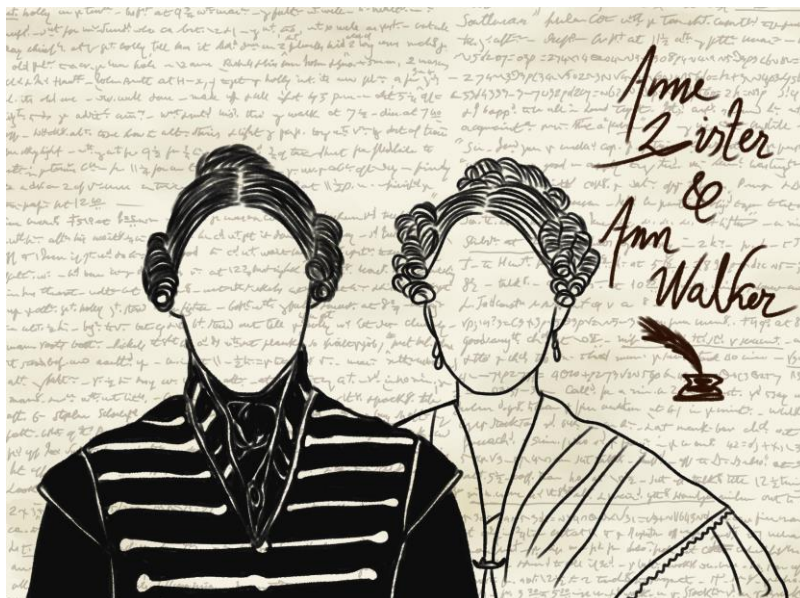


Figura 145: Desenho finalizado da capa do *artbook* com silhuetas de Anne Lister e Ann Walker, tais como seus nomes escritos na lateral direita para que o resto do título fosse adicionado na diagramação.



Figura 146: Desenho da guarda da *artbook* com silhuetas de Anne Lister e Ann Walker.

A contra capa foi a continuação com as mesmas entradas nesse diário de fevereiro de 1834, com uma espécie de faixa vermelha desenhada para compôr a característica dos diários de Anne Lister que tinham uma faixa parecida com esta (Figura 147).



Figura 147: Desenho da contra-capa do *artbook*.

Considerações finais:

Sintetizar uma parte essencial da vida de Anne Lister e Ann Walker foi um grande desafio, contando com o fato de que foi a minha primeira experiência com a diagramação de um livro e sendo um *artbook* é um desafio ainda maior. E a pesquisa em relação a duas personagens históricas com um conteúdo informativo tão rico necessitou de uma série de recortes ao longo do tempo.

Comecei a pesquisa com toda a dedicação e admiração que eu tenho por Anne Lister e Ann Walker, as intenções eram as melhores e maiores possíveis: trazer com os maiores detalhes as histórias delas que foram entrelaçadas a partir do ano de 1832. Então me deparei com o dilema de que eu teria que escolher entre contar a história da série Gentleman Jack ou a história dos diários reais de Anne Lister, o que a princípio parecia uma dificuldade muito grande pois a licença poética que a autora da série teve ao longo de algumas partes da história foi uma adaptação para que o contexto da nossa sociedade pudesse compreender melhor e se conectar com a história.

Portanto, na decisão de utilizar a série como base do livro para que tivesse uma comunicação mais efetiva com o público, compreendi que seria útil conferir os diários para preencher as lacunas das partes da história que não foram explicadas com tantos detalhes na

série, como as visitas que Anne fez a casa de Ann Walker quando ela era mais jovem e até mesmo detalhes sobre a Shibden Hall e familiares das personagens.

O material dos diários de Anne é extremamente extenso, são praticamente 5 milhões de palavras¹⁹ e começando em 1806 até 1840, ano da morte dela. É um conteúdo muito maior do que eu poderia abordar neste trabalho. E então a notícia da descoberta do diário de Ann Walker recentemente me fez alterar algumas coisas no texto ao longo do tempo, foi um presente de certa forma, porque mesmo sendo um diário que aborda um momento depois desse livro, preencheu alguns espaços no meio do texto que faltavam informações sobre ela.

A base referencial oferecida pelo livro *Women's Worlds: The Art and Life of Mary Ellen Best, 1809-1891* (1985) é extremamente precisa e reconheço foi o objeto de pesquisa que mais me ajudou em termos artísticos, tanto pela cor, quanto pelo estilo, a moda, os cenários porque retratava exatamente o mesmo período da época, na mesma região da Inglaterra onde Anne e Ann viviam. E as correlações entre a família de Anne Lister e a de Best eram outro ponto importante que reforço para essa parte da pesquisa.

Tendo essas referências juntamente com o design da série, o desempenho das artes se tornou bem satisfatório. Os cenários mais complexos de se trabalhar foram os que possuíam o fundo com muitos detalhes, como Shibden Hall e Crow Nest. A gama de tons de madeira e os papéis de parede, tapetes e mobílias do século XIX tem muitos detalhes característicos da época que demandam mais tempo de finalizar tanto na lineart quanto na pintura. Mas isso me fez descobrir novas técnicas também, como o efeito de reflexo em espelhos, janelas e outros objetos de vidro.

A lista de arte foi uma maneira de formar um desenho da linha do tempo, eu fiz ela pensando já no momento em que eu organizar os textos para que eles seguissem esse fio da maneira mais correta dentro do que eu poderia executar. Se tornou uma obsessão ter a lista completa até um período do tempo em que eu marquei que seria a diagramação do *artbook* e isso me trouxe alguns problemas, me fez aprender a ter consciência de focar mais na qualidade do que na quantidade e ao mesmo tempo adquirir novos formatos de continuar contando a história sem ter que sentir a falta de uma arte para representá-la.

No entanto, assim que percebi isso, foquei no processo de pintura, principalmente, em busca das técnicas de Mary Ellen Best e as traduzi para o meu estilo e meu setup, pois a pintura

¹⁹Anne Lister - The Journals. Disponível em: <[106](https://wyascatablogue.wordpress.com/exhibitions/anne-lister/anne-lister-the-journals/#:~:text=Her%20diaries%20comprise%20some%207%2C720,to%20just%201.25%20million%20words.>></p></div><div data-bbox=)

de telas é bem diferente do que consigo fazer atualmente com a minha bagagem em desenho digital, é um constante aprendizado. Os detalhes do cenário, a moda e a estética arquitetônica foram fundamentais para a ambientação e elas ajudaram a contar a história.

A interação entre as duas personagens nas artes foi uma preocupação enquanto a expressão e toques, a aproximação. A intimidade crescente ao longo de cada arte serviu de artifício para demonstrar quais eram os níveis de relacionamento e comprometimento Anne e Ann tinham. Criar uma atmosfera de romance, de união, afeto e olhos nos olhos, abraços, lábios bem encaixados, pálpebras semi cerradas e lágrimas são especificidades que fazem a diferença tanto no visual quanto na compreensão do contexto.

Atenção no processo por conta da romantização foi necessária porque o século XIX foi um período em que muitos hábitos não cabiam no que vivemos hoje em dia, a questão sanitária, de saúde, os valores morais do momento histórico e entre outras limitações da época que são incômodas para uma narrativa que trata do amor romântico.

Trabalhar a diagramação juntamente com um texto me fez observar que é uma escolha difícil a medida que se forçar a ter os dois sem um roteiro breve. A urgência de ter todo o conteúdo encaixado atrapalhava a criatividade enquanto um jeito de transparecer uma forma fluída dos acontecimentos em si ao longo da história.

O exercício de aprendizagem intenso das ferramentas de diagramação como o InDesign, que proporcionou tudo o que eu precisava para a produção do produto.

Foi uma aprendizagem de testagem, a medida que as demandas de arte eram sendo cumpridas, o desenvolvimento acontecia no ritmo esperado, o começo foi lento e levava dias para que uma página ficasse pronta porque o programa FireAlpaca não me oferecia todas as condições para uma organização mais detalhada e maleável do projeto e isso foi consertado a medida em que eu descobria as opções que o InDesign me oferecia.

Todavia, o digital trouxe a sensação do que se refere mais a finalização do processo do que de rascunho e tentativas-erro. O recurso do rascunho no caderno comum veio no momento em que eu já não sabia mais como recomençar. O rascunho é muito importante, não só no desenho, o que se tornou uma grande lição que merece ser trabalhada mais e mais em futuros projetos. A visualização e montagem do livro ficou muito mais fácil a partir do momento em que consegui ter uma base do projeto fisicamente na minha frente.

Assim, os textos começaram a ser escritos a parte e em cima das anotações feitas assim como das leituras dos livros escolhidos. Obter o auxílio de codebreakers virou uma rotina ao longo da escrita e ao trabalhar com o conteúdo tipográfico, porque isso trazia informações mais precisas e enchia o texto com curiosidades e mais referências urgentes.

No decorrer do texto foi completamente visível que houve uma necessidade sempre de equilíbrio entre o protagonismo de Anne Lister e Ann Walker. A série propriamente se trata da personagem Anne Lister como protagonista e o objetivo do *artbook* é contar a história das duas com os pesos equilibrados em termos de protagonismo. Pelos relatos dos diários serem exclusivamente da perspectiva de Anne Lister, tive que ter o cuidado de não deixá-la em primeiro posto a todo o momento, pois Ann Walker foi uma mulher tão importante quanto na história, ela também foi uma mulher que se casou com outra mulher e fez coisas incríveis, ela não era uma sombra de Anne Lister.

Equilibrar a atuação de ambas foi uma grande provocação em todo o momento, mas creio que consegui dar a voz para Ann Walker da mesma forma. Me identifico mais com a personalidade dela e com a falta de confiança, portanto foi uma forma de expressar um pouco do que eu me identifiquei nela durante a análise da série e dos livros.

Transmitir a narrativa com a linguagem mais pessoal foi outro modo de imprimir essa identificação com a história. Após descobrir que o diário é uma forma de trabalhar o inconsciente, me fez pensar que de fato, enquanto eu escrevia o texto, eu estava colocando minha própria experiência em relação ao que senti quando assisti essa narrativa audiovisual e li o material, mesmo que não fosse minha intenção de enviesar o modo de contar a história para que parecesse ainda mais interessante pra mim mesma. O livro foi feito para outros leitores, mas o diário é pessoal, impossível se desvencilhar dos próprios pontos de vista (a não ser que o diário seja contado por um personagem específico que não tenha nenhum atributo do escritor, creio eu). Então notei que tem uma marca muito pessoal de como eu interpretei os acontecimentos desta produção.

Assim que o texto ficou pronto, tais como as artes, o momento da diagramação foi muito mais simples do que as primeiras tentativas que levavam dias. Em uma semana as páginas principais do *artbook* estavam pontas e os textos foram sendo realocados para suas respectivas partes. As noções de design ainda pecaram nessas tentativas, foram corrigidas aos poucos e sempre consultando *A produção de um livro independente* (2008). A edição das colunas e entrelinhas tiveram uma série de alterações por conta do formato escolhido assim como mudanças nas posições das artes em relação a sangria para que as partes principais das imagens não fossem perdidas.

Foi imprescindível ter a supervisão da codebreaker Marlene Oliveira que se disponibilizou a corrigir quaisquer informações que fossem colocadas de forma errada, tanto em relação à história quanto em relação aos tipos de Anne Lister, que eu ainda não sou completamente familiarizada, mas que aprendi o básico fazendo esse trabalho.

Por tanto, pude dizer que o objetivo de contar a história foi concretizado e que o produto *artbook* pode servir tanto como pesquisa quanto como entretenimento. As histórias de Anne Lister e Ann Walker que se juntaram em uma só em meio a diários, livros e série estão aqui nesse *artbook* de maneira bastante resumida, mas visual e com um conteúdo teórico bem leve e acessível para que os leitores possam se comunicar com ele.

Referências bibliográficas:

Anna Pritchard. Anne Lister Birthday Week. Anna Pritchard - Production Designer, Gentleman Jack. Youtube. 22 de agosto de 2020. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=HopOvuoVxto>> Acesso em: 30/10/2020

Andrew McCluskey, Chequered Ink, DaFont. Bold Testament. Disponível em:
<<https://www.dafont.com/bold-testament.font>> acesso em 22 setembro, 2020.

BORGES, G. **Artbook Geraldo Borges**. Fortaleza: Geraldo Borges, 2012.

BYRNE, Oliver. **The first six books of the elements of Euclid**. W. Pickering, London, England. 1847.

Calderdale Museum. Visit Shibden Hall. Disponível em:
<<https://museums.calderdale.gov.uk/visit/shibden-hall>> Acesso em: 18 de setembro de 2020.

Carol Gould. 'Gentleman Jack': the Listers and Captain Jeremy of Shibden Hall, Halifax - an American odyssey. Currentviewpoint. 8 de fevereiro de 2020. Disponível:
<<http://www.currentviewpoint.com/cgi-bin/news.cgi?id=11&command=shownews&newsid=1390>> Acesso em: 15 de outubro.

ClaudeP, DaFont. CaslonCP. Disponível em: <<https://www.dafont.com/pt/casloncp.font>> acesso em 22 de setembro, 2020.

CHOMA, Anne, Diva Magazine. FROM THE VAULTS - Me and Anne Lister. Diva Magazine. England. 23 de setembro de 2020. Disponível em:
<<https://divamag.co.uk/2020/09/23/from-the-vaults-me-and-anne-lister/>> Acesso em 25 de setembro de 2020.

CHOMA, Anne. **Gentleman Jack - The Real Anne Lister**. London. Penguin Books. London, England. 2019. ISBN: 9780525506379

DAVIDSON, Caroline. **Women's Worlds: The Art and Life of Mary Ellen Best, 1809-1891**. Crown Publishers, Inc. New York, United States. 1985.

DAVIE, Lin, JONES, Suranne, PYE, Tom. RUNDLE, Sophie. BBC. How do you dress a 19th Century lesbian? | Gentleman Jack - BBC. 2019. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=W8nf21NKnws&t=99s>> Acesso em: 31/10/2020

DUQUE, Tiago. **Stonewall 40 + o que no Brasil?**, Leandro Colling. Cad. Pagu, Campinas , n. 40, p. 387-396, jun. 2013 . Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332013000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 set. 2020.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332013000100015>.

FANGAMER. **Undertale Art Book**. FanGamer LLC. 2016. Disponível em:
<https://www.academia.edu/32712438/Undertale_Art_Book>

LUPTON, Ellen. **A produção de um livro independente**. Editora Rosari. Tradução: Maria Lúcia L. Rosa. Título original: Indie publishing. São Paulo - SP. ISBN: 9788580500042

GUEDES, R. **Renato Guedes Artbook**. São Paulo: Renato Guedes, 2011.

Harmonia. Not The Brightest Crayon in the Box -- 22 Brushes. Deviantart. 26 de maio de 2013. Disponível em: <<https://www.deviantart.com/harmonia/art/Not-The-Brightest-Crayon-in-the-Box-22-Brushes-374022585>> Acesso em: 31 de agosto de 2020.

HEICS. List of ships encountered during the voyages. Disponível em:
<<http://www.heicshipslogs.co.uk/encounter.htm>> Acesso em: 20 de outubro, 2020.

LIDDINGTON, Jill. **Female Fortune** - Land, Gender, and Authority : the Anne Lister Diaries and Other Writings, 1833-36. Editora Rivers Oram Press, 1998. London, United Kingdom. 1998. ISBN: 1854890891

LISTER, Anne, West Yorkshire Archive Service. Anne Lister Diary. West Yorkshire Archive Service, Calderdale, SH:7/ML/E/1. 21 Março de 1817 - 25 Janeiro 1818. West Yorkshire.

LISTER. Anne, West Yorkshire Archive Service. Anne Lister Diary. West Yorkshire Archive Service, Calderdale, SH:7/ML/E/17/0066. 30 de julho de 1834. West Yorkshire.

MAYOS, Gonçal. **Ilustracion y Romanticismo**. Editorial Herder. 2004. Barcelona, España. 2004.

PEREIRA, Márcia Helena de Melo. SILVA, Jocelma Boto. O gênero pessoal: como se confecciona um diário. Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol. 16 – Nº 34 – 2015 e- ISSN: 1981-4755.

PLAZA, J. **O Livro Como Forma De Arte (I)**. São Paulo: Arte em São Paulo, 1982.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein, or the Modern Prometheus (Revised Edition, 1831)**.

London, Colburn and Bentley, New Burlington Street. 1831. WikiSource. Disponível em:

<[https://en.wikisource.org/wiki/Frankenstein,_or_the_Modern_Prometheus_\(Revised_Edition,_1831\)](https://en.wikisource.org/wiki/Frankenstein,_or_the_Modern_Prometheus_(Revised_Edition,_1831))> Acesso em: 20 de setembro de 2020.

The Bridesmade, The Bridge. The British Museum online. Disponível em:

<<https://www.britishmuseum.org/collection/image/1613524914>> Acesso em 10 outubro de 2020.

The Peerage. The Person Page. A genealogical survey of the peerage of Britain as well as the royal families of Europe: Elizabeth Walker. Disponível em:

<<http://www.thepeerage.com/p52592.htm>> Acesso em 31/10/2020

VIEIRA, Thiago. **A teoria topográfica ou o modelo topológico da mente**. Publicado em “Espelho Psicanalítico”. 2016. Disponível em <<https://espelhopsicanalitico.wordpress.com>>. Acesso em 30/10/2020.

Sally Wainwright. BFI. Suranne Jones and Sally Wainwright talk about Gentleman Jack - BFI + Radio Times TV Festival 2019. Youtube. 07:45. 9 de maio de 2019. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=iiJOtZF6OFc&t=101s>> Acesso em:

Sally Wainwright. Série Series. Sally Wainwright (screenwriter, director, producer) -

Interview by SERIZ. Youtube. 02:39. 27 de outubro de 2019. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=iiJOtZF6OFc&t=101s>> Acesso em: 30/10/2020

WHITBREAD, Helena. **The Secret Diaries of Miss Anne Lister**. London. Hachette Digital. Little, Brown Group. London, 1988. ISBN: 978-0-748-12571-5

ANEXO A - Foto de Shibden Hall, parte dos fundos. baffledspirit.blogspot.com. 2019.



ANEXO B - Barco espanhol. ABC4News. 2015.



ANEXO C - Tensão entre Ann Walker, Harriet Parkhill (da família de Ann Walker) e Anne Lister ao Harriet saber que Anne e Ann mantêm um relacionamento romântico privado. Gentleman Jack, episódio 5. HBO/BBC One/Lookout Point.



ANEXO D - Capitão Sutherland pressiona Ann Walker para que interaja mais com Sr. Alexander Mackenzie e sua mãe a fim de que Ann aceite se casar com Alexander. Ann Walker está exausta e depressiva. Gentleman Jack, episódio 7. HBO/BBC One/Lookout Point.



APÊNDICE C - Página alterada para que os *sketches* fossem vistos primeiros, da esquerda para a direita. Christine Santos. 2020.



APÊNDICE D - Primeira ideia de como a página do livro seria organizada em seu estilo de apresentação para Ann Walker. Christine Santos. 2020.



APÊNDICE E - Primeira ideia de como a página do livro seria organizada em seu estilo de apresentação para Ann Walker. Christine Santos. 2020.



APÊNDICE F - Segunda ideia de como organizar as páginas de apresentação do livro para Ann Walker. Christine Santos, 2020.



APÊNDICE G - Segunda ideia de como organizar as páginas de apresentação do livro para Ann Walker. Christine Santos, 2020.

Ainda não existe evidências de retratos de Ann Walker até hoje. O que se sabe é que ela tinha os cabelos loiros e era uma pessoa com certa fragilidade nas costas e espinha, características relatadas nos diários de Anne Lister.

Ocupação: DONA DE TERRAS E FILANTROPA.

FARFARAWAYSITE, BBC ONE, HBO (2019)

FARFARAWAYSITE, BBC ONE, HBO (2019)

RETRATO DE ELIZABETH SUTHERLAND (CINÁ MAIS VELHA DE ANN WALKER) - AUTOR DESCONHECIDO

Ann Walker e Elizabeth Sutherland herdaram a propriedade Crow Nest em 1830.

PINGENTE DE GÔNDOLA

Pingente é o presente que Anne deu para Ann Walker e aparece em Gentleman Jack no episódio 2. Símbolo que marca que seu relacionamento era mais do que uma amizade e representa confiança e segurança.

Vestido com mangas bufantes era uma característica de moda da época. O corpete sempre por baixo. Eles afinavam muito a cintura, o que era bastante desconfortável.

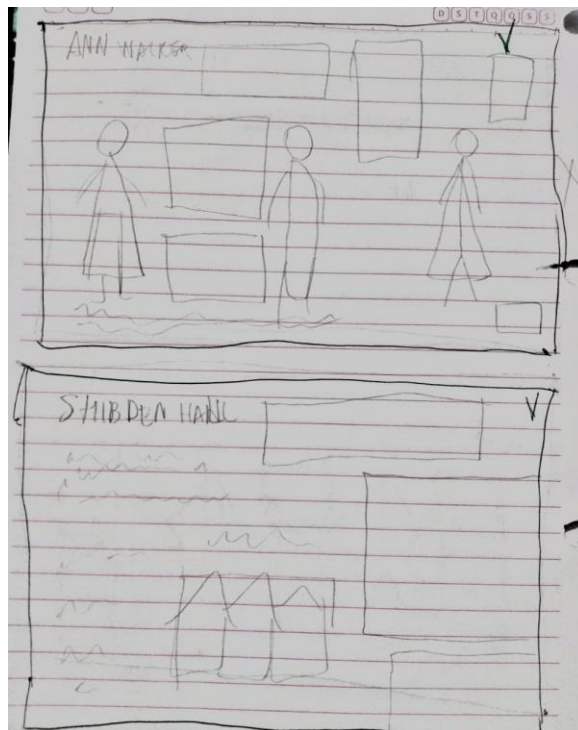
Grande parte do que se sabe sobre Ann vêm dos diários de Anne Lister, documentos de família, escrituras e testamentos. A senhorita Walker era uma pessoa de muitos negócios, gostava de desenhar e cavalgar. Sofria de homofobia consigo mesma, mas isso não a impedia de mostrar o quão gostava de Anne Lister.

APÊNDICE H - Primeira ideia de como organizar a página de apresentação de Shibden Hall.

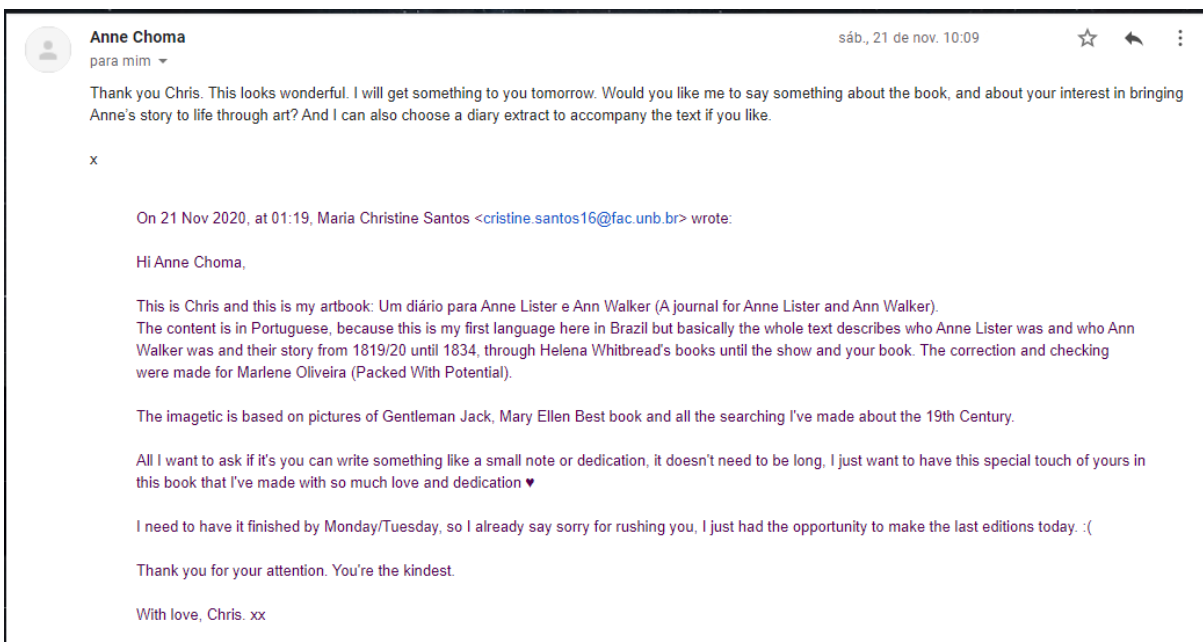
APÊNDICE I - Segunda ideia para organizar as páginas para a apresentação de Shibden Hall.



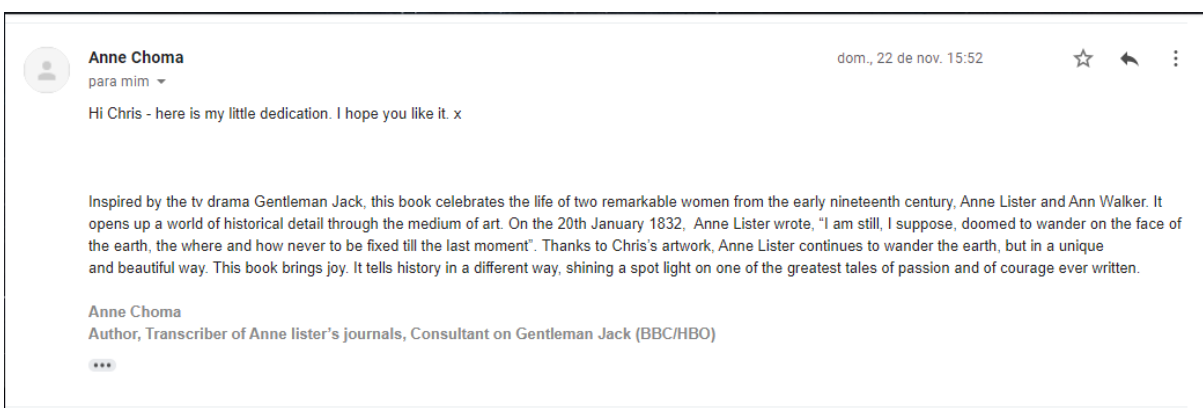
APÊNDICE J - Rascunhos feitos no caderno para pensar a diagramação do *artbook*. Os materiais usados foram caneta, caderno e lápis grafite.



APÊNDICE K - Rascunhos feitos no caderno para pensar a diagramação do artbook. Os materiais usados foram caneta, caderno e lápis grafite.



APÊNDICE N - Anne Choma, autora do livro *Gentleman Jack - The Real Anne Lister* (2019), transcritora dos diários de Anne Lister e consultora da série *Gentleman Jack* (2019) foi contactada para escrever a dedicatória do *artbook*.



Um diário para Anne Lister e Ann Walker (2020) – Christine Santos



Um diário para Anne Lister e Ann Walker
 Texto, ilustrações e diagramação de Christine Santos.
 2020
 Institucional - Universidade de Brasília
 Capa: Christine Santos

Citações das informações cartadas nesta obra:

CHIBRA, Anne. *Gentleman Jack - The Real Anne Lister*. London: BBC Books, London: Endröl, 2019.

CRISTON, Sarah. *Anne, Go On, You're Good!*. Publicado em: <https://www.facebook.com/annechriston/>

Gentleman Jack - BB - One / HBO, 2019.

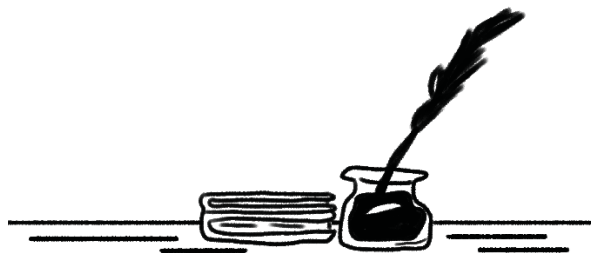
LIDDINGTON, Jill. *Female Fortune - Land, Gender, and Authority: the Anne Lister Diaries and Other Writings, 1833-36*. Editora Rivers-Oxon Press, 1998. London, United Kingdom.

Podcast: *944 Potencial*, Anne's Diaries, 2020. Disponível em: <https://www.spotify.com/br/playlist/spotify-annecriston/>

WHITFIELD, Helen. *The Secret Diaries of Miss Anne Lister*. London, Harcourt Début, Little, Brown Group London, 1988.

SANTOS, Christine. Um diário para Anne Lister e Ann Walker. Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação - Publicidade e Propriedade, Cuiabá, Brasília - DF, 2020.

Inspiração na série de televisão *Gentleman Jack* do HBO, One e HBO de 2019.



"Inspired by the TV drama *Gentleman Jack*, this book celebrates the life of two remarkable women from the early nineteenth century, Anne Lister and Ann Walker. It opens up a world of historical detail through the medium of art. On the 20th January 1832, Anne Lister wrote, "I am still, I suppose, doomed to wander on the face of the earth, the where and how never to be fixed till the last moment."

Thanks to Chris's network, Anne Lister continues to wander the earth, but in a unique and beautiful way. This book brings joy. It tells history in a different way, shining a spot light on one of the greatest tales of passion and of courage ever written."

Anne Chome

Author, Transcriber of Anne Lister's journals, Consultant on *Gentleman Jack* (BBC iDIO)



CHRISTINE SANTOS

UM DIÁRIO PARA ANNE LISTER E ANN WALKER



Para Anne Lister e Ann Walker, que me ensinaram a ser forte, perseverante e validaram a história LGBTQ+ antes mesmo do palácio Esbina existir.

Para Sally Wainwright e Anne Chome que tanto se dedicaram a mostrar essa aventura histórica incrível e trazer tanta representatividade para as mulheres LGBTQ+ através da produção por Anne Lister e Ann Walker.

As minhas grandes amigas Sophie Anne, Fiona Moorcroft, Marlene Oliveira, Clare Chai, Livia Labate e Steph Gallaway que me ajudaram em todo esse processo. Sem vocês esse projeto não seria real.

A todas as Listermaníacas, endbrickers, Listers Sisters, ao fandom de *Gentleman Jack* e aos meus futuros fãs de *Gentleman Jack*, Anne Lister e Ann Walker. Esse artbook é pra vocês.

"Inspiração no drama de TV *Gentleman Jack*, este livro celebra a vida de duas mulheres notáveis do início do século XIX, Anne Lister e Ann Walker. Ele abre um mundo de detalhes históricos por meio da arte. Em 20 de janeiro de 1832, Anne Lister escreveu: "Eu ainda estou, eu suponho, condenada a vagar na face da terra, onde e como nunca será constante até o último momento."

Gracias à arte de Chris, Anne Lister continúa a vagar pela terra, mas de uma maneira única e bela. Este livro traz alegria. Conta a história de um jeito diferente, iluminando um dos maiores contos de paixão e coragem já escritos."

Anne Chome

Escritora, Transcritora dos diários de Anne Lister e Consultora de *Gentleman Jack* (HBO iDIO)

"Eu sou uma personagem. Devo ser. Mesmo assim, estou feliz contida mesma." - LISTER, Anne.
 "Vá em frente, sem medo." - WALKER, Ann.

SUMÁRIO

- APRESENTAÇÕES
- INTELIJÊNCIA
- ORA, ORA, ORA
- CADA MOMENTO É UM PRAZER INEXPLICÁVEL REPLETO DE POTENCIAL
- NÃO ME DEIXE...
- TERÇA-CRANES, ANN
- UMA VIDA BICA, JUNTAS...
- CONCLUSÃO
- BIBLIOGRAFIA



APRESENTAÇÕES

Quebrando diários

Esses livros-cadernos e diários foram os primeiros a história de duas mulheres que se tornaram historiadoras, Anne Lister e Ann Walker, ambas pioneiras, pioneiras do gênero.

Elas viveram na Inglaterra do século XIX, mas de 200 anos atrás. A obra de Lister foi o primeiro diário de uma mulher. Mas o que elas representavam de fato?

Seu cotidiano.



ILUSTRAÇÃO DE ANNE LISTER E DA ESCREVA DE SEU DIÁRIO.

ANNE LISTER

Life

Ann Lister (1791-1840) viveu em Halifax (West Yorkshire), Inglaterra e é considerada a primeira mulher moderna.

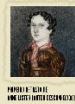


OCUPAÇÃO: MONTANHISTA, DONA DE TERRAS, ESCRITORA E EMPREENDEDORA.



Ann Lister tem 3 filhos. As referências são de séries de filmes de época.

Atuação de pose: um exemplo de como a pose pode ser usada para enfatizar a silhueta.



POSIÇÃO DE ANNE LISTER (RECONSTRUÇÃO)



Esquema de detalhes da saia.

LINEART:
No lineart há uma preocupação com a representação da silhueta e do volume. É importante destacar a importância da silhueta e do volume na construção da roupa.

No lineart, também é importante destacar a importância da silhueta e do volume na construção da roupa.



POSIÇÃO DE ANNE LISTER (RECONSTRUÇÃO)



Esquema de detalhes da saia.

1. De acordo com o diário, desde os 15 anos de idade, ela tinha o hábito de escrever diários, o que influenciou sua carreira.

Ann Lister viveu em Halifax, Inglaterra, e foi pioneira em várias áreas, incluindo a exploração de mineração.

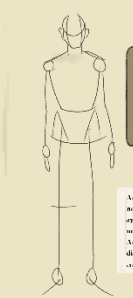
Ann Lister viveu em Halifax, Inglaterra, e foi pioneira em várias áreas, incluindo a exploração de mineração.

Ann Lister viveu em Halifax, Inglaterra, e foi pioneira em várias áreas, incluindo a exploração de mineração.

ANN WALKER

Life

Ann Walker (1810-1891) viveu em Halifax, West Yorkshire, Inglaterra e é considerada a primeira mulher moderna.

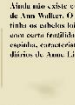


Sobre a pose:
A pose é um elemento importante na construção da roupa. Ela ajuda a definir a silhueta e a destacar as características da roupa.



Ann Walker tem 3 filhos. As referências são de séries de filmes de época.

Atuação de pose: um exemplo de como a pose pode ser usada para enfatizar a silhueta.



POSIÇÃO DE ANN WALKER (RECONSTRUÇÃO)



Esquema de detalhes da saia.

OCUPAÇÃO: DONA DE TERRAS E FILANTROPA.

No lineart, também é importante destacar a importância da silhueta e do volume na construção da roupa.



POSIÇÃO DE ANN WALKER (RECONSTRUÇÃO)



Esquema de detalhes da saia.

Ann Walker viveu em Halifax, Inglaterra, e foi pioneira em várias áreas, incluindo a exploração de mineração.

Ann Walker viveu em Halifax, Inglaterra, e foi pioneira em várias áreas, incluindo a exploração de mineração.

Ann Walker viveu em Halifax, Inglaterra, e foi pioneira em várias áreas, incluindo a exploração de mineração.

Ann Walker viveu em Halifax, Inglaterra, e foi pioneira em várias áreas, incluindo a exploração de mineração.

Ann Walker viveu em Halifax, Inglaterra, e foi pioneira em várias áreas, incluindo a exploração de mineração.

SHIDDEN HALL

=04c09\ 02t

**HALIFAX - WEST YORKSHIRE
(INGLATERRA)**
TOMADA COMO PATRIMÔNIO NACIONAL -
GRADÉ II* NO REINO UNIDO

Shidden Hall tem mais de 500 anos de idade. Anne Lister o recebeu da tia Anna Lister em 1826, reconstruído de seu avô e nomeado de que, o Capitão James Lister e sua filha, Anne Lister. Anne foi a pessoa que transformou as terras em sua residência.

Shidden foi construída em meados de 1420 por William Cotes (conde de de Richmond). Os Listers passaram a viver lá em meados do séc. XVII quando sua filha recebeu o nome com uma das passas que herdaram a casa.

SHIDDEN Hall é um edifício de grande interesse arquitetónico, histórico e paisagístico de importância nacional e por isso encontra-se registado na lista de Património Nacional do Reino Unido.



Shidden Hall tem um design único, desde o início da construção para servir a residência.

3

**1820
1830**



1826.

As irmãs, antes de partir de viagem carolínica, se estabeleceram em Halifax em 1819, mas o grande momento em que Anne Lister chegou a presença de Ann Walker em sua filha foi em 1821, no dia 12 de Junho.

A jovem Walker de 16 anos não parecia com sua irmã, mostrando uma aparência de jovem. Porém, apesar de sua aparência não corresponder a sua idade, Anne Lister imediatamente ficou interessada em sua filha, porque não parecia ser uma jovem comum. Anne era muito inteligente e diferente. Entre as coisas, ficou notando o tempo durante a conversa de ler e a vontade de tomar um chá de 1800 horas. É uma conversa livre-livre.

Uma vez falando por tanto, com o vocabulário muito variado sobre qualquer assunto, desde arte, cultura, ciência e até economia com um sotaque muito mais suave da Côrte e sua inteligência e fortes sem hesitações.

Mãe Anna, talvez tenha tentado de mostrar que poderia ser diferente por ela. Que seria melhor para ela, francês, português, austríaco, fazer experimentos e entender o funcionamento das coisas de época como máquinas?

+



Pela a inteligência de Ann Walker, a Anna Lister de 30 anos tinha sido criada em um mundo de todos os tipos, desde a contabilidade e de chá. Anne Lister passou grande parte do tempo escrevendo sobre como eram as coisas mais variadas pelo mundo, como a França, a Itália, Suíça, Holanda.

E conhecendo vários idiomas, incluindo o alemão. Então, provavelmente, sobre as gramáticas essenciais e o idioma inglês, nos interessamos por ela. Para que ela não se deixe levar por um francês, português, espanhol, italiano, francês, sua mãe não se deixava que ela se fosse com um homem chamado Charles Lister.



Mãe Anna com o selo de coleção de livros de cultura.



Ann Walker teve uma vida muito parecida com Tallulah e Cassi Noe, vivendo com tudo o que ela precisava, ela mesma grande. Mas ela não visitava os pais.

Sua irmã Anna Walker sempre estava disposta para qualquer coisa, mesmo que ela não fosse muito inteligente, ela não se deixava levar por um francês, português, espanhol, italiano, francês, sua mãe não se deixava que ela se fosse com um homem chamado Charles Lister.

ALFONSO XAVIER DE

ORA ORA ORA...



“Não faz muito tempo, não é mesmo, não é?”

Você não sabe. Lister sempre teve um espírito muito livre, desde que sua família com uma mulher de alta sociedade chamada Vera Roberts, ela também só para Shidden Hall. Foi assim que Lister conheceu a sua irmã, Scahleria Walker, a qual foi por ela muito atraente, o que era muito mais rica.

Em julho de 1822, Ann Walker passou para uma vida em Shidden Hall com sua família. Ela ficou por lá por sua família, mas sempre, Anne Lister o recebeu e foi bem colado como sempre, sem perder o humor. E ela não se deixou de Scahleria Walker, ela não se deixou de conversar e falar sobre “você” e talvez algo mais.

Uma Lister tinha muito mais do que a mulher e a vida sempre foi muito diferente. Ann Walker sempre quis a sua companhia de Anne e não conseguiu isso. Como você e a história de Anne e sua família de fato?

ALFONSO XAVIER DE

EQUIPE DA ANNE LISTER:

ELIZABETH CORRINGLEY
24.12.1790 - 29.04.1857



RACHEL HENKINGWAY
1804 - 03-11-1822



EUGÉNIE PIERRE
26-07-1793 - 14-03-1857



JOHN BOOTH
1756 - c.1800



JOSEPH BOOTH
1756 - 10 - c.1800



EQUIPE DA ANN WALKER:

JAMES MACKENZIE
42-3 - 22-11-1743



SAMUEL WASHINGTON
=2-6X 82=04-11-151




William e Anne não são os únicos personagens da história. Há outros personagens importantes, como os membros das famílias irmãs.


É o Senhor Washington a ajudar a financiar a Walker. Ele também viveu uma vida muito longa.

FAMÍLIA DA ANNE LISTER:


TIA ANNE LISTER
26.11.1744 - 17.08.1838



MARIAN LISTER
23.12.1749 - 03.03.1838




JEREMY LISTER
1753 - 7 - 16-11-1838




FAMÍLIA DA ANN WALKER:


TIA ANN WALKER
26.11.1744 - 17.08.1838



WILLIAM PRIESTLEY
24.12.1749 - 03.03.1838



CATHERINE RAWSON
22.03.1743 - 22.05.1838



Anne Lister teve vários irmãos, o que não lhe fez falta de irmãos de leite. Ela até casou com Anne e teve um filho. A sua mãe, Rebecca, também morreu cedo, e Anne tinha dificuldade de se conectar com ela. No fim, o pai levou-a a passar alguns dias em família em um lugar próximo. Lá conheceu seus irmãos e de Anne (sua mãe adotiva).

Marian era uma mulher muito bonita e com grande sucesso. Ela também se casou com Jeremy Lister, mas depois disso morreu. Ela sempre esteve perto de Anne.

Jeremy era um soldado das Índias e até lutou na guerra de Independência dos Estados Unidos. Não tinha um bom relacionamento com seu pai e tio de Anne Lister, mas se tornou um bom amigo de Anne.

Um pai difícil, porque casado com a tia de Anne Walker também tinha um irmão. Isso fez com que ela se casasse com o tio de Anne Lister, mas o casamento não foi bom. Ela se casou com Anne Lister, mas o casamento não foi bom. Ela se casou com Anne Lister, mas o casamento não foi bom.

William Priestley era um amigo próximo de Anne, e ela se casou com ele. Ele também era um amigo próximo de Anne, e ela se casou com ele. Ele também era um amigo próximo de Anne, e ela se casou com ele.

CADA MOMENTO É UM PRAZER INEXPLICÁVEL REPLETO DE POTENCIAL.




Quando Anne e James se encontram, ela não está casada, mas isso não importa para ela.

No dia 10 de agosto de 1812, Anne Lister decidiu voltar a Ann Walker e passou o tempo livre lá. O tempo não foi muito bom, mas ela se apaixonou por ele. De manhã (que acabou sendo a família dela) era indicado para ela trabalhar com sua mãe. Uma vez que ela não queria isso, ela se casou com James Mackenzie e depois com Anne Lister. Ela também se casou com James Mackenzie e depois com Anne Lister. Ela também se casou com James Mackenzie e depois com Anne Lister.

Anne Lister não se casou com James Mackenzie, mas ela se casou com ele. Ela se casou com James Mackenzie e depois com Anne Lister. Ela também se casou com James Mackenzie e depois com Anne Lister.

Que momentos são: Ter uma esposa só para chamar a atenção...


25



Um casal muito interessante sobre a Ann Walker é que ela não se casou com ele, ela sempre se apaixonou por ele. Ela se casou com James Mackenzie e depois com Anne Lister. Ela também se casou com James Mackenzie e depois com Anne Lister.

Anne Lister não se casou com James Mackenzie, mas ela se casou com ele. Ela se casou com James Mackenzie e depois com Anne Lister. Ela também se casou com James Mackenzie e depois com Anne Lister.

Um momento de Anne Lister e James Mackenzie é quando ela se casou com ele. Ela se casou com James Mackenzie e depois com Anne Lister. Ela também se casou com James Mackenzie e depois com Anne Lister.



Em 22 de outubro de 1812, Anne Lister decidiu voltar a Ann Walker e passou o tempo livre lá. O tempo não foi muito bom, mas ela se apaixonou por ele. De manhã (que acabou sendo a família dela) era indicado para ela trabalhar com sua mãe. Uma vez que ela não queria isso, ela se casou com James Mackenzie e depois com Anne Lister. Ela também se casou com James Mackenzie e depois com Anne Lister.

Anne Lister não se casou com James Mackenzie, mas ela se casou com ele. Ela se casou com James Mackenzie e depois com Anne Lister. Ela também se casou com James Mackenzie e depois com Anne Lister.

Que momentos são: Ter uma esposa só para chamar a atenção...

UMA VIDA RICA, JUNTAS...

Que bela jornada, não é diário?
O grande dia chegou!
Anne Lister e Ann Walker se casaram no dia 30 de março de 1834 na Igreja Holy Trinity em Garsington, York. Era um dia muito de festa, com muitos convidados para celebrar o renascimento desse amor.
Eles tomaram a decisão juntos após trocarem as alianças em segredo como símbolo de matrimônio.
A mãe só foi reconhecida um século após suas mortes, quando os diários de Anne Lister foram descobertos.
Foi um grande dia para os dois e eles sempre comemoraram a troca de alianças com um punho de amêndoas e vinho.
Quão especial foi esse momento diário... Todos os outros com Anne e Ann tiveram que celebrar juntas e por fim, eles comemoraram sozinhos. A celebração é uma verdade impressionante.
E a força de ambos Amans é para pensar...
O amor é a chave para tudo.

ANNE LISTER E ANN WALKER EM SEU TRUJO EM GARSINGTON, YORK.



Quando Anne Lister e Ann Walker se casaram, elas prometeram se mudar para Shibden Hall. Ann começou a morar sozinha na casa em Cross. Não para a casa e acomodando provisoriamente de Anne Lister!
Era uma grande mudança de vida para os dois. Os Listers não se incomodaram com a chegada de Ann Walker. O espírito alegre e calmo de Ann logo conquistou a confiança dos familiares novos no redor.
Até a irmã Maria ficou amiga de Ann Walker? Para o prazer ou desprazer de Anne Lister, huh?

As vidas de Anne Lister e Ann Walker foram retratadas de uma maneira que nem os olhos da sociedade os fizeram desistir.
Saíram em busca de uma felicidade vivendo juntas e compartilhando livros, viagens, praticando idiomas, reformando Shibden Hall, cavilando, cultivando um jardim de jardim e muito mais... Afinal, viver com Anne Lister e Ann Walker era sempre um amor apaixonado!
As próximas aventuras das Amans foram sendo moldadas para que ambas pudessem celebrar o momento da mudança correta com uma batida de mel no redor da Europa.
O que seria esse caso duas separaram na França e na Suíça...?

ANNE LISTER E ANN WALKER EM SEU TRUJO EM GARSINGTON, YORK.

CÓDIGO DE ANNE LISTER:

Decifrar as frases escritas por Anne Lister e Ann Walker escritas em código Lister:

96 2-5 3 2+3+2=2-5 5 =345 43498

LISTER, Anne. (1821)

16-+22 5 =36 03873 3 -3102 3-
-3103 163 2 2315-+31=2 4378
3 332-2

WALKER, Ann. (1840)

The code used in Anne Lister's Journal

A	2	bb	6
B	3	cc	7
C	4	dd	8
D	5	ee	9
E	6	ff	10
F	7	gg	11
G	8	hh	12
H	9	ii	13
I	10	jj	14
J	11	kk	15
K	12	ll	16
L	13	mm	17
M	14	nn	18
N	15	oo	19
O	16	pp	20
P	17	qq	21
Q	18	rr	22
R	19	ss	23
S	20	tt	24
T	21	uu	25
U	22	vv	26
V	23	ww	27
W	24	xx	28
X	25	yy	29
Y	26	zz	30
Z	27	aa	31
aa	28	bb	32
ab	29	cc	33
ac	30	dd	34
ad	31	ee	35

Definición of a letter - repetition
Dad - letter

CÓDIGO DE ANNE LISTER TRANSCRITO - WEST YORKSHIRE ARCHIVE SERVICE

BIBLIOGRAFIA

CHOMA, Anne. Garsington Jack - The Real Anne Lister. London: BBC Books, London, England, 2019.

CORTON, Sophie. Anne, Go On Forwards. Publicado em: <https://annoforwards.blogspot.com/>

DAVIDSON, Caroline. Women's Worlds: The Art and Life of Mary Eliza Ross, 1809-1891. Crown Publishers, Inc. New York, United States, 1986.

Garsington Jack - BBC One - HBO, 2019.

In Search of Ann Walker. Disponível em: <https://insearchofannwalker.com/>

LEHRNINGTON, Jill. Female Fortune - Land, Gender, and Authority: the Anne Lister Diaries and Other Writings, 1833-36. Fiftieth Rivers Oram Press, 1998. London, United Kingdom.

Packed With Potential. Anne's Theodosia, 2020. Publicado em: <https://www.packedwithpotential.org/projects/anne-theodosia>

WHITFIELD, Helen. The Secret Diaries of Miss Anne Lister. London, Hachette Digital, Little, Brown Group London, 1988.

Um diário para Anne Lister e Ann Walker é um produto feito para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Comunicação da UFF (Universidade de Brasília).

Seu conteúdo é baseado no série Garsington Jack de HBO e da BBC One, criada por Sally Wainwright que é roteirista e diretora da série.

Esse livro não tem a intenção de usar apenas os trechos dos diários reais de Anne Lister como conteúdo, a história é exclusivamente baseada no produto visual de Sally Wainwright.

Fontes usadas neste livro:

Bald Trenchard de Chambers Ink. Disponível no site DaFont.

Canção CP de Cláudio P. Disponível no site DaFont.

Times New Roman.

